

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM ESTUDOS DE LINGUAGENS**

NEILA SILVEIRA DE OLIVEIRA

**APREENSÃO DO GÊNERO TEXTUAL RELATO DE MEMÓRIAS EM
PRODUÇÕES ESCRITAS DA OLIMPÍADA DE LÍNGUA PORTUGUESA 2008**

Campo Grande – MS
Agosto-2010

NEILA SILVEIRA DE OLIVEIRA

**APREENSÃO DO GÊNERO TEXTUAL RELATO DE MEMÓRIAS EM
PRODUÇÕES ESCRITAS DA OLIMPÍADA DE LÍNGUA PORTUGUESA 2008**

Dissertação apresentada para obtenção do título de Mestre ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, sob a orientação da Profa. Dra. Maria Emilia Borges Daniel.

Área de Concentração: Linguística

Campo Grande – MS
Junho-2010

NEILA SILVEIRA DE OLIVEIRA

**APREENSÃO DO GÊNERO TEXTUAL RELATO DE MEMÓRIAS EM
PRODUÇÕES ESCRITAS DA OLIMPÍADA DE LÍNGUA PORTUGUESA 2008**

APROVADA POR:

MARIA EMÍLIA BORGES DANIEL, DOUTORA (UFMS)

GERALDO VICENTE MARTINS, DOUTOR (UFMS)

MARIA LEDA PINTO, DOUTORA (UEMS)

Campo Grande, MS, 06 de agosto de 2010.

*Dedico esta pesquisa ao meu filho, à minha mãe e ao meu esposo,
pelo amor, incentivo, dedicação e preocupação inigualáveis.*

Meus agradecimentos:

À Profa. Doutora Maria Emília Borges Daniel, pela paciência, valiosa orientação e contribuição intelectual nesta pesquisa.

Aos professores do Mestrado em Estudos de Linguagens, pela paciência, compreensão e contribuição no decorrer do curso.

Aos colegas de Mestrado, pelas contribuições durante o processo de ensino e aprendizagem no decorrer do curso.

Aos meus familiares, que sempre me apoiaram nesta caminhada.

*“Quando registro, me busco.
Quando me busco, registro.
E monto assim a minha história.
História nascida e escrita com dificuldade,
quando se foi educada ouvindo uma outra história,
história do silêncio, da não-expressão, do não-conflito.
Por esta razão, repensar, refletir, registrar, é também RE-AGIR.
Contra essa história irreal, contra a mornidão, contra o sono.
É agir pelo meu sonho que é pensar e transformar a Realidade”.*

Madalena Freire (1996)

Resumo

Este estudo parte da Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro – 2008 [OLP], promovida pelo MEC em parceria com a Fundação Itaú Social e o Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (CENPEC). Objetivou analisar produções textuais de alunos do 8º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública de Campo Grande, Estado de Mato Grosso do Sul, com a finalidade de verificar de que forma esse trabalho contribuiu para a aprendizagem dos alunos acerca do gênero textual “relato de memórias”. Para isso, recorreu-se à Linguística Textual e aos fatores que envolvem o estudo dos gêneros. Conforme essa perspectiva teórica, procedeu-se à análise do *corpus* considerando a noção de gêneros textuais/discursivos e a concepção dialógica da língua. Os procedimentos de análise individual do conteúdo temático, da estrutura composicional e do estilo das produções indicaram o empenho dos alunos na organização das memórias. Constatou-se que os aspectos próprios do gênero e os aspectos mais gerais do texto foram parcialmente contemplados nas produções dos alunos e que o nível de apreensão dos conteúdos difere de aluno para aluno. Na análise dos textos sobre os critérios de avaliação propostos pela OLP, percebeu-se que o conteúdo apresentado no Caderno do Professor contemplou parcialmente as expectativas. Assim, nos propusemos também a verificar os mecanismos de coesão textual sobre a referência e progressão referencial, isto é, a forma como os alunos construíram os objetos-de-discurso e os mantiveram na escrita do texto e constatamos que as estratégias de anáfora nominal e pronominal foram contempladas. Os avanços obtidos não foram tão significativos, mas apontaram que os alunos se aperfeiçoaram em relação à escrita do gênero em estudo – o relato de memórias.

Palavras-chave: Gêneros textuais. Relato de memórias. Olimpíada de Língua Portuguesa.

Abstract

This study is derived from Olympics of Portuguese Language Writing the Future - 2008 [OLP], promoted by the MEC in partnership with the Itaú Social Foundation and the Center for Studies and Research in Education, Culture and Community Action (CENPEC). Aimed to analyze the textual productions of students in 8th grade of elementary school to a public school in Campo Grande, Mato Grosso do Sul, in order to verify how this work contributed to students' learning about the genre report memories. We resorted to the Textual Linguistics and factors involving the study of genres. According to this theoretical perspective we performed the analysis of the corpus considering the notion of genre / discursive and dialogic conception of language. The proceedings for individual analysis of the thematic content, compositional structure and production style indicated the commitment of the students in the organization of memories. It was found that the proper aspects of the genre and the more general aspects of the text were partly covered in the students' productions and that the level of apprehension of the contents differs from student to student. In the analysis of texts on the evaluation criteria proposed by the PLO, it was noticed that the content presented in the terms contemplated by Professor partially expectations. So we propose also to examine the mechanisms of textual cohesion on the referral and progression referential, i.e. how students constructed the objects-to-speech and kept on writing the text and found that strategies for Nominal Anaphora and Pronominal were served. The advances were not as significant, but indicated that students improved in relation to the writing of the genre under study - the report of memories.

Keywords: Genres. Report of memories. Olympics Portuguese.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO I	19
CONFIGURANDO OS PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	19
1.1 O Relato de Memórias	19
1.2 O diário virtual – blog	21
1.2.1 Blog – gênero ou suporte?	22
1.3 A fase atual da Linguística Textual	24
1.4. Texto, discurso e gênero	28
1.5 Breve percurso sobre a noção de gêneros textuais/discursivos	31
1.5.1 Gênero discursivo: visão bakhtiniana.....	32
1.5.2 Gêneros textuais/discursivos: outras concepções.....	33
1.5.3 Algumas considerações sobre a teoria dos gêneros textuais/discursivos.....	36
1.5.4 Gênero textual: perspectivas teóricas	38
1.6 O Interacionismo Sociodiscursivo na produção de textos.....	43
1.7 O dialogismo em Bakhtin	45
1.8 Desenvolvimento e Aprendizagem: a Zona de Desenvolvimento Proximal	46
CAPÍTULO II	48
A ORGANIZAÇÃO DA PESQUISA	48
2.1 Aspectos metodológicos	48
2.2 A abordagem qualitativa	49
2.3 O cenário da pesquisa e os sujeitos envolvidos	50
2.4 A constituição e a seleção do corpus.....	51
2.5 Desenvolvimento da proposta de pesquisa e o contexto escolar de produção.....	53
CAPÍTULO III	77
A PRODUÇÃO DE MEMÓRIAS – ANALISANDO OS DADOS	77
3.1 Análise individual dos textos (o conteúdo temático, a estrutura composicional e o estilo)	78
3.1.1 Análise global dos textos (o conteúdo temático, a estrutura composicional e o estilo).....	110

3.2 Análise individual dos textos de acordo com os critérios de avaliação da OLP	112
3.2.1 Avanços (individuais) obtidos no decorrer das oficinas, de acordo com os critérios de avaliação da OLP	147
3.3 Análise da referenciação e progressão referencial da produção final do aluno	149
3.4 Nossas considerações sobre o material oferecido ao professor e sobre os critérios avaliativos propostos pela Olimpíada de Língua Portuguesa – Escrevendo o Futuro-2008	153
REFERÊNCIAS.....	161
BIBLIOGRÁFICAS	161
SITOGRAFÍAS.....	164
ANEXOS	165

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Categorização dos autores, proposta por Vian Jr.	38
Quadro 2 – Categorização dos autores, proposta por Meurer, Bonini e Motta-Roth.....	39
Quadro 3 – Categorização dos autores, proposta por Kappel.....	40
Quadro 4 – Categorização das perspectivas, proposta por Marcuschi.....	41
Quadro 5 – Sumário do Caderno do Professor.....	52
Quadro 6 – Oficina 1: Primeira produção dos alunos (no blog).....	54
Quadro 7 – Oficina 2: Segunda produção dos alunos (no blog).....	56
Quadro 8 – Possibilidades de retextualização.....	58
Quadro 9 – Oficina 3: Terceira produção dos alunos (no blog).....	60
Quadro 10 – Oficina 3: Quarta produção dos alunos (no caderno).....	61
Quadro 11 – Questões elaboradas para a entrevista.....	67
Quadro 12 – Oficina 12: Quinta produção dos alunos (no caderno).....	68
Quadro 13 – Oficina 13: Sexta e última produção dos alunos.....	72
Quadro 14 – Produções do aluno 1.....	78
Quadro 15 – Produções do aluno 2.....	85
Quadro 16 – Produções do aluno 3.....	90
Quadro 17 – Produções do aluno 4.....	98
Quadro 18 – Produções do aluno 5.....	105

Anexos

Quadro 19 – Exemplo para ajudar na tarefa de aperfeiçoamento da escrita do texto final.....	207
Quadro 20 – Critérios de Avaliação dos Relatos de Memórias, sugeridos pela organização do Concurso.....	210

LISTA DE ANEXOS

Anexo A – Oficina 1.....	172
Anexo B – Oficina 2.....	175
Anexo C – Oficina 3.....	177
Anexo D – Oficina 4.....	179
Anexo E – Oficina 5.....	182
Anexo F – Oficina 6.....	184
Anexo G – Oficina 7.....	187
Anexo H – Oficina 8.....	190
Anexo I – Oficina 9.....	194
Anexo J – Oficina 10.....	198
Anexo K – Oficina 11.....	202
Anexo L – Oficina 12.....	205
Anexo M – Oficina 13.....	206
Anexo N – Critérios de Avaliação.....	210

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Diagrama representacional da nova concepção sugerida por Adam..	29
Figura 2 – Esquema 1 proposto por Coutinho para tratar dos textos empíricos...	29
Figura 3 – Esquema 2 proposto por Coutinho para tratar dos textos empíricos...	30
Figura 4 – Dimensões dos gêneros do discurso.....	37

INTRODUÇÃO

*"A vida não é a que a gente viveu,
sim a que a gente recorda,
e como recorda para contá-la"¹.*

(Gabriel Garcia Márquez, 2003).

O homem tem necessidade de registrar sua vivência, suas lembranças e os acontecimentos de sua vida. Os primeiros indícios de formas de registros encontrados indicam ter início a partir do surgimento do homem na terra. Nos tempos das cavernas os registros eram inscrições rupestres nas pedras, provas da necessidade de comunicação desse povo. As demais gerações que nos antecederam também encontraram meios para se comunicar e, de alguma maneira, tiveram algo a nos contar, numa forma própria de sua época. Hoje, o uso da língua exige do seu usuário o desenvolvimento de habilidades e competências de comunicação que poderão ser adquiridas através da leitura, compreensão e produção de variados gêneros textuais. Assim, os usuários da língua, ao construírem seus discursos, apropriam-se de um ou mais gêneros textuais, os quais estão presentes no seu cotidiano nas diversas manifestações de comunicação e nas linguagens dos diversos grupos sociais. Tais fatores vêm despertando o interesse dos estudiosos da língua acerca da importância de uma reflexão mais aprofundada sobre o assunto, uma vez que as nossas práticas sociais determinam o uso que faremos dos gêneros textuais.

De acordo com Koch (2005), em sua comunicação "Parâmetros Curriculares Nacionais, Linguística Textual e Ensino de Línguas",

[...] o estudo dos gêneros constitui hoje uma das preocupações centrais da Linguística Textual, particularmente no que diz respeito à sua localização no *continuum* fala/escrita, às opções estilísticas que lhes são próprias e à sua construção composicional, em termos macro e microestruturais.

¹ Com essa proposição, Gabriel Garcia Márquez prepara o leitor para compreender o texto do relato de suas memórias literárias, "Viver para contar". Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro (CLARA, 2008, p. 9).

Essa concepção de ensino centrado no *texto* (oral ou escrito) como unidade concretizada no *gênero*, cujas opções estilísticas lhes são próprias e cuja construção composicional pode apresentar-se em termos macro e microestruturais, é preconizada nos Parâmetros Curriculares Nacionais (doravante, PCN), que surgiram com a finalidade de padronizar o ensino em território nacional. De acordo com os PCN de Língua Portuguesa:

[...] é nas práticas sociais, em situações linguisticamente significativas, que se dá a expansão da capacidade de uso da linguagem e a construção ativa de novas capacidades que possibilitam o domínio cada vez maior de diferentes padrões de fala e de escrita. (PCNLP, 1998, p. 34).

A multiplicidade de práticas sociais que se desenvolvem em torno da comunicação nos leva a refletir sobre as práticas de escrita e de leitura de modo a proporcionar aos educandos condições de letramento e domínio da norma padrão da língua, assim como o reconhecimento e a capacidade de produção de diferentes gêneros textuais que se apresentam em seu cotidiano.

Destarte, percebemos que a problemática dos gêneros textuais, em suas formas de interação nas diversas esferas das atividades sociais, teve a importante contribuição de Bakhtin, que fundamenta o entendimento dialógico sobre gêneros, de Marcuschi que, amparado nas teorias de Bakhtin, fundamenta seus estudos sobre gêneros textuais e gêneros digitais emergentes, e de outros estudiosos da Linguística Textual que norteiam nossa pesquisa, a qual surgiu a partir da proposta do Ministério da Educação (MEC), em parceria com a Fundação Itaú Social e o Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (CENPEC), e que, de acordo com a equipe organizadora, oportunizou aos alunos das escolas públicas de todo o país descobrirem o poder que as palavras têm ao propor o concurso Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro (doravante, OLP), cujo objetivo era contribuir para a melhoria da qualidade de ensino por meio do aperfeiçoamento da escrita dos alunos. Segundo seus organizadores, a proposta desse trabalho era que os alunos resgatassem memórias de pessoas mais velhas, relacionando-as com o lugar onde vivem e, no decorrer desse estudo, tivessem contato com outras gerações; com isso, sentindo-se parte da comunidade.

Os alunos puderam vincular o ambiente em que eles vivem a um passado que lhes foi contado, como também conhecer e sentir esse ambiente. Memórias que, a

partir das entrevistas, foram e serão passadas continuamente às gerações mais novas com palavras, gestos e o sentimento de pertencer a uma determinada comunidade e de unir os moradores de um lugar. Memórias que estimularam professores e alunos a se tornarem companheiros de trabalho e que propiciaram o contato entre gerações gerando uma sensação de pertencer ao lugar onde se vive.

Este trabalho trata da análise dos relatos de memórias produzidos por alunos do ensino fundamental de uma escola pública confessional mantida pelo Estado, tendo como suportes o blog e o caderno, com base nos referenciais teóricos contemporâneos da Linguística Textual e de alguns estudiosos que discutem o uso e a incorporação das tecnologias digitais na prática pedagógica, com o objetivo de verificar a evolução da escrita dos educandos no decorrer das oficinas.

Conforme dito anteriormente, utilizamos a Linguística Textual para fundamentar a análise das produções de relatos de memórias no blog, objeto de pesquisa nessa área e colocado em evidência na literatura especializada sobre a escrita no contexto das tecnologias digitais, conforme aponta Marcuschi (2002, p. 5), “os estudos linguísticos sobre a escrita são tomados no contexto das tecnologias digitais com curiosidade e muito fôlego, uma vez que as produções ligadas à *internet* são, fundamentalmente, baseadas na atividade de escrita”. Além de Marcuschi, alicerçado nos estudos dialógicos de Bakhtin (2006), a pesquisa fundamentou-se em Bronckart e Koch, entre outros que, em se tratando do estudo dos gêneros textuais, compartilham com as ideias do referido pesquisador russo. Esta pesquisa tem a finalidade de contribuir para um melhor conhecimento acerca dos fatores que estruturam o gênero textual “relato de memórias”.

Nos seus estudos, Marcuschi (2004, p. 22) explica que os “gêneros emergentes” são os “que emergem na mídia digital, são aqueles que trabalham com o discurso eletrônico, ou seja, são os gêneros que apresentam como suporte o computador”. Assim é o blog, diário virtual usado para registro de informações em ambiente *online*, também conhecido como “diário de bordo”, que se caracteriza pela facilidade de criação e de atualização; possibilidade de veiculação da informação em tempo real; organização que segue ordem cronológica ou estabelecida pelo autor; possibilidade de interação autor/leitor; e por oferecer espaço para comentários, críticas, sugestões, recados, entre outros.

Apesar de o blog ora ser um gênero ou subgênero textual, ora ser apenas um suporte para outros gêneros, a escolha do seu uso como suporte na realização de parte deste trabalho é decorrente da nossa preocupação com a escrita digital dos alunos que, de maneira geral, têm apresentado muitas novidades na escrita, consideradas em desacordo com a norma culta da língua, e pelo fato de o blog ser um dos gêneros digitais de comunicação nos meios eletrônicos que têm despertado a atenção de diversos estudiosos.

Sobre a relevância do estudo dos gêneros, Bakhtin (2006, p. 264) afirma que “o estudo da natureza do enunciado e da diversidade de formas de gênero dos enunciados nos diversos campos da atividade humana é de enorme importância para quase todos os campos da linguística”. Diante disso, vislumbramos a necessidade de analisar as produções de memórias dos nossos alunos no diário virtual – blog –, como busca de novos conhecimentos para a inovação do fazer pedagógico e para conhecer algumas possibilidades de sua utilização.

Em nossa pesquisa, valemo-nos da abordagem qualitativa – estudo de caso – que privilegia a compreensão do fenômeno em análise, tendo como foco a análise de produções de memórias no blog. Essas produções de relatos de memórias feitas pelos alunos resultaram do trabalho proposto aos professores pela OLP no decorrer das oficinas e etapas sugeridas no Caderno do Professor (2008).

Para a realização das etapas da Olimpíada foram fornecidos subsídios e material de apoio pedagógico (kit de criação de textos) pelos organizadores do evento, para a realização das oficinas de leitura e escrita.

A coordenação do projeto proposto pelo MEC e o papel de professora mediadora junto aos alunos possibilitaram-nos a coleta de dados para esta pesquisa que tem por objetivo analisar as produções dos relatos de memórias produzidos pelos alunos, tendo como suportes o caderno e o blog, com vistas a responder às questões seguintes:

- 1) De que forma esse trabalho contribuiu para a aprendizagem dos alunos acerca do gênero textual “relato de memórias”?
- 2) Ao retextualizarem seus textos, os alunos demonstraram as habilidades de escrita necessárias ao gênero trabalhado?

3) Como se configuraram a referenciação e a progressão referencial nas produções?

Visando a verificar se as respostas a essas questões confirmam, ou não, a hipótese principal de nossa pesquisa – se essa proposta de estudo contribuiu para a apreensão do gênero trabalhado e para o aperfeiçoamento da escrita dos alunos – recorreremos, conforme já explicitamos, à Linguística Textual e aos fatores que envolvem o estudo dos gêneros.

O *corpus* da pesquisa foi constituído pelas produções de relatos de memórias de 5 (cinco) alunos do 8º ano do ensino fundamental da escola pública referida anteriormente, sendo 6 (seis) produções de cada aluno, totalizando 30 (trinta) textos.

Estruturamos nossa Dissertação em três capítulos conforme disposto a seguir.

No primeiro capítulo, procuramos contextualizar o objeto; definir, segundo o nosso entendimento neste estudo, o significado das palavras “memória” e “memórias” e a questão do diário virtual – o caso do blog – como gênero ou suporte; fazer um breve estudo sobre a fase atual da Linguística Textual; traçar um breve percurso sobre a noção de gêneros textuais/discursivos; configurar a visão bakhtiniana acerca dessa questão, como também outras concepções; delinear a teoria dos gêneros; listar algumas propostas de agrupamentos teóricos; apresentar os fundamentos do Interacionismo Sociodiscursivo para a produção de textos; caracterizar o dialogismo em Bakhtin, bem como a Zona de Desenvolvimento Proximal de Vygotsky.

No segundo capítulo, procuramos organizar a nossa pesquisa apresentando os aspectos metodológicos, a abordagem qualitativa, o cenário da pesquisa e os sujeitos envolvidos, a constituição e a seleção do *corpus* e o desenvolvimento da proposta de pesquisa e o contexto escolar de produção.

No terceiro capítulo, procedemos: à análise individual e à global dos textos (o conteúdo temático, a estrutura composicional e o estilo); à análise individual dos textos e dos avanços (individuais) obtidos no decorrer das oficinas, de acordo com os critérios de avaliação da OLP. Analisamos também alguns exemplos sobre a questão da referenciação e da progressão referencial nos relatos de memórias, com

a finalidade de compreender como os alunos construíram os objetos-de-discurso nos textos que produziram. Ainda nesse capítulo, tecemos nossas considerações sobre o material oferecido ao professor e sobre os critérios avaliativos propostos pela Olimpíada de Língua Portuguesa – Escrevendo o Futuro-2008.

Finalmente, nas considerações finais, encerramos nossas reflexões acerca de nosso trabalho no decorrer desse percurso.

CAPÍTULO I

CONFIGURANDO OS PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

"Tudo se reduz ao diálogo, à contraposição dialógica enquanto centro. Tudo é meio, o diálogo é o fim. Uma só voz nada termina, nada resolve. Duas vozes são o mínimo de vida"

(BAKHTIN, 1997, p. 257).

Neste capítulo, abordamos questões que envolvem o estudo do gênero relato de memórias, o diário virtual – blog – como gênero ou suporte, a fase atual da ciência que estuda o texto – Linguística Textual, a noção de gêneros textuais/discursivos, a visão bakhtiniana e de outros teóricos acerca dos gêneros e tecemos algumas considerações sobre a sua teoria e propostas de agrupamento, o arcabouço teórico que fundamenta a nossa pesquisa - o Interacionismo Sociodiscursivo na produção de textos, o dialogismo em Bakhtin e a Zona de Desenvolvimento Proximal de Vygotsky. Essas questões contempladas em nossa pesquisa são essenciais para ampliar o entendimento sobre o objeto em estudo – “relato de memórias”.

1.1 O Relato de Memórias

Ao apresentar os gêneros que circulam com frequência em nossa sociedade, Schneuwly (2007, p. 60) elabora um quadro e, no agrupamento “Relatar”, mostra os gêneros relacionados com a memória e as experiências de vida, como memórias literárias, diários íntimos, diários de bordo, depoimentos, reportagens, relatos históricos, entre outros.

Os relatos de memórias, muitas vezes, são acrescidos de ficção, apesar de as memórias serem carregadas de marcas, de trajetórias de vida, além de revelarem também as singularidades e subjetividades das vivências.

A escrita de memórias é uma atividade que oportuniza aos autores o ato de ordenarem suas vivências no momento em que relatam fatos, experiências, explicam situações e atitudes, emitem testemunhos e interpretações pessoais (autobiográficas ou não); oportuniza também aos alunos, ouvintes e reprodutores das memórias relatadas pelos entrevistados o poder de se identificarem com as histórias ouvidas, de estabelecerem laços, de encontrarem explicações para certos anseios ou dúvidas, obterem exemplos pessoais, profissionais, de lugares e fatos não mais existentes ou distantes, entre outros. Possui um caráter subjetivo, uma vez que o memorialista recupera suas vivências, busca, em seu imaginário, cenas e fatos ocorridos em um tempo remoto e os verbaliza a sua maneira, de acordo com as suas experiências de vida e de linguagem, revigoradas por certo subjetivismo que pode ser observado nas produções.

O gênero conhecido como relato de memórias é geralmente relatado em prosa e compreende a registros de recordações pessoais e/ou de acontecimentos marcantes para os memorialistas que, muitas vezes, acabam relacionando em suas memórias, o seu tempo e o seu ambiente com o tempo e o ambiente em que ocorreram os fatos narrados.

No Caderno do Professor – Orientação para produção de textos, da Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro, Clara define:

Segundo o Dicionário Houaiss da língua portuguesa, memória é "aquilo que ocorre ao espírito como resultado de experiências já vividas; lembrança, reminiscência".

No plural – memórias –, pode ser uma narrativa que alguém faz, na forma de obra literária, com base no depoimento de uma pessoa mais velha. (CLARA, 2008, p. 12).

Os relatos de memórias são baseados em lembranças pessoais e apresentam algumas características comuns como: expressões em primeira pessoa, verbos que remetem ao passado, palavras utilizadas na época evocada, expressões que ajudam a localizar o leitor na época narrada, participação de outros personagens – pessoas presentes nas lembranças dos entrevistados. Essas marcas

constam na proposta de avaliação das produções sugerida pela OLP (CLARA, 2008).

1.2 O diário virtual – blog

Em nossa tentativa de definir o que é *blog*, recorreremos a alguns dicionários.

Para o Houaiss (1990), *blogue* é uma “página pessoal, atualizada periodicamente, em que os usuários podem trocar experiências, comentários etc.” Esse mesmo autor considera a grafia *blog* como sendo da língua inglesa.

No dicionário Aulete encontramos o verbete *blogueiro*: “Aquele que escreve em blogs”.

Nós utilizaremos o termo *blog* que é uma abreviação de *Weblog* – uma página da *Web*, cuja estrutura permite a atualização rápida dos *posts* (arquivos ou textos).

Os *blogs* surgiram na década de 1990. São diários virtuais, cuja finalidade é semelhante à do conhecido diário de papel. São utilizados por pessoas de perfis diversificados, para expressar ideias e sentimentos, para divulgação de produtos, eventos, etc. Ultimamente estão presentes nas práticas educativas, pelo fato de possibilitarem novos espaços para a aprendizagem cooperativa e também para o trabalho com o *hipertexto*, promovendo a interação do grupo envolvido em torno de um objetivo comum: a construção de um texto coletivo que requer troca de ideias, aceitação de diferentes pontos de vista, reflexão, escrita e reescrita.

O uso desses diários de navegação vem crescendo velozmente nos meios digitais. Além de sua utilização para a escrita subjetiva de acontecimentos íntimos e desabafos, os blogs já começam a ser utilizados em algumas áreas da educação como um dos gêneros textuais eletrônicos mediados pela tecnologia e caracterizados por Marcuschi como:

[...] aqueles que trabalham com o discurso eletrônico, ou seja, são os gêneros que apresentam como suporte o computador [...] constituem oportunidades de investigação sobre o efeito de novas tecnologias na linguagem e o papel da linguagem nessas tecnologias. (MARCUSCHI, 2004, p 22).

No *blog* são registrados conhecimentos adquiridos durante a realização de projetos de estudo e de atividades diversas. Podem ser enriquecidos com relatos,

hiperlinks, fotos, imagens e sons. Cabem ao professor o acompanhamento e a orientação das atividades da turma por meio dessa ferramenta.

Essas formas de utilização do diário virtual levaram-nos ao entendimento de que, se aliássemos o seu uso à proposta de produção de relatos de memórias pelos alunos, poderíamos dar mais atenção ao estilo próprio desses educandos em suas produções no blog. Porém, durante a realização de nosso trabalho, surgiu o impasse: o blog seria considerado como gênero ou suporte nas produções de memórias dos alunos?

Diante do impasse, fez-se necessário buscar uma resposta junto aos estudiosos do assunto.

1.2.1 Blog – gênero ou suporte?

Por intermédio de Bakhtin, vimos que a linguagem é um fato social coletivo presente nas diferentes esferas de atividade humana. E, para a sua comunicação, o falante utiliza-se de um ou mais gêneros do discurso, levando-se em conta a coletividade, a época do enunciado e o meio social de sua produção e recepção. Bakhtin denominou gênero do discurso os modelos socialmente determinados, nos quais os fenômenos da linguagem podem ser apreendidos na interatividade dos textos através do tempo.

Em Marcuschi (2002, p. 19), vimos que “os gêneros discursivos contribuem na ordenação e estabilização das atividades de comunicação do cotidiano, sendo fenômenos históricos e entidades sociodiscursivas, que se caracterizam como eventos textuais maleáveis e dinâmicos”, pois eles não existem fora do texto, são responsáveis pela textualidade, formam o discurso e determinam a fala.

Os gêneros discursivos apresentam-se nas modalidades de oralidade e escrita, relacionadas entre si, nos contextos formais e informais do cotidiano. Paralelos aos gêneros, existem os suportes, nos quais se veiculam diferentes gêneros materializados como textos. Tal fato nos leva à indagação sobre o blog: classifica-se como gênero ou suporte?

No estudo sobre gênero, “haverá casos em que será o próprio suporte ou o ambiente em que os textos aparecem que determinam o gênero presente” (MARCUSCHI, 2005, p. 21). O suporte é importante para a veiculação do gênero e, em muitos casos, o gênero não se dissocia dele, assim, a distinção entre ambos nem sempre é simples, e a identificação do suporte exige cuidados.

Sobre a importância do suporte em relação à veiculação do gênero, Marcuschi inicialmente observa:

Uma observação preliminar pode ser feita a respeito da importância do suporte. Ele é imprescindível para que o gênero circule na sociedade e deve ter alguma influência na natureza do gênero suportado. Mas isso não significa que o suporte determine o gênero e sim que o gênero exige um suporte especial. Contudo, essa posição é questionável, pois há casos complexos em que o suporte determina a distinção que o gênero recebe. (MARCUSCHI, 2008a, p. 174).

E, finalmente, após estudos sobre o tema, chega à conclusão sobre a definição de suporte:

[...] entendemos aqui como suporte de um gênero um *lôcus físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto*. Pode-se dizer que suporte de um gênero é uma superfície física em formato específico que suporta, fixa e mostra um texto. (MARCUSCHI, 2008a, p.174) (destaques do autor).

O autor complementa que “essa idéia comporta três aspectos: suporte é um lugar (físico ou virtual, [...] tem formato específico, serve para fixar e mostrar o texto)”. Aspectos esses que nos levam a inferir que, para a efetivação dos textos escritos em uma sociedade, faz-se necessária a existência do suporte.

Entendemos, assim, que o suporte é necessário para a veiculação do gênero na sociedade, pois sem o suporte não existiria tal veiculação. Porém, em se tratando dos gêneros digitais, o produtor deve levar em consideração se a situação de produção, os recursos, o local, os interlocutores e a forma de comunicação interferirão na linguagem usada para a produção do gênero em questão.

Marcuschi (2008a, pp. 177-178) observa, em relação aos suportes, que, a depender de sua natureza, podem ser classificados em: “suportes convencionais” – produzidos com a finalidade de fixarem ou portarem textos; e “suportes incidentais” – eventualmente operam como suportes, “com uma possibilidade ilimitada de

realizações na relação com os textos escritos”, embora não tenham sido destinados a esse fim.

Neste trabalho, o blog no qual os alunos produziram os textos é considerado suporte convencional, pois, além de fixar tais relatos, serviu para fixar recados e posicionamentos sobre o trabalho realizado por eles. É também considerado por Marcuschi (2008a) como um serviço em função da atividade comunicativa, que se adequa à *Internet* a qual, de acordo com o autor, constitui “um caso-limite [...] que alberga e conduz os gêneros dos mais diversos formatos”.

Portanto, convém lembrar que, num primeiro momento, nossas análises recaem sobre o conteúdo temático, o estilo verbal e a construção composicional das escritas de textos dos alunos nesse diário virtual. Para isso, valemo-nos dos estudos de Koch e Marcuschi e traçamos um breve estudo sobre a fase atual da Linguística Textual no que concerne à análise de textos, teoria que fundamenta o nosso trabalho.

1.3 A fase atual da Linguística Textual

Apresentaremos aqui, um breve relato sobre a fase atual da Linguística Textual (LT), no que tange aos princípios de construção do sentido do texto, com base nas considerações de Koch, Koch e Elias e Marcuschi, entre outros, visando a traçar as categorias que orientarão a análise do objeto de nossa pesquisa.

A LT é entendida como uma corrente da Linguística Moderna, cujo objeto de estudo é o texto. Começou a se desenvolver na década de 1960, ganhando projeção como um novo segmento de linguística, sobretudo, a partir dos anos 1970 na Europa. Sua evolução foi marcada por três principais fases: 1) as análises transfrásticas; 2) as gramáticas de texto; 3) as teorias de texto. Esse processo evidencia que a LT pouco a pouco passou a trabalhar com as noções de contexto e interação, ambas operantes na construção de sentido. A própria concepção de texto como entidade autônoma e acabada foi gradativamente modificada, e o texto passou a ser visto como processo em permanente construção.

A LT percorreu um longo caminho até chegar ao momento atual – o das teorias de texto – objeto de nosso interesse nesta pesquisa, pois “procura ir além dos limites da frase” e “procura introduzir em seu escopo teórico, o sujeito e a situação de comunicação” (BENTES, 2001, p. 245). Este momento vem-se destacando desde meados da década de 1990, em que os processos de organização global dos textos, as questões de ordem sociocognitiva, o tratamento da oralidade e da relação oralidade/escrita e o estudo dos gêneros são mais enfocados nas pesquisas pelos estudiosos da área. Trata-se de um momento em que as questões textuais, pautadas na cognição, são mais evidenciadas. É o nascimento de uma nova fase — a virada cognitivista, explicada por Koch da seguinte forma:

[...] na década de 80, delineia-se uma nova orientação nos estudos do texto, a partir da tomada de consciência de que todo fazer (ação) é necessariamente acompanhado de processos de ordem cognitiva, de que quem age precisa dispor de modelos mentais de operações e tipos de operações. (KOCH, 2006a, p. 21).

Essas operações são de ordem cognitiva e dizem respeito aos saberes acumulados na memória que precisam ser ativados para que o sujeito tenha êxito em suas atividades, no caso, o uso do texto.

As reflexões teóricas sobre a relação entre linguagem e cognição, que levam em conta os processos interacionais na atividade linguística, começam a requerer maior reflexão. Assim, estreitam-se os laços entre as Ciências Cognitivas e a Linguística para explicar a produção do sentido e a sua representação. Nessa perspectiva, Marcuschi (2003, p. 28) defende que:

[...] a Linguística do século XXI deverá dar mais atenção aos processos cognitivos na perspectiva sociocognitiva, construindo no seu entorno toda a explicação tanto da gênese como do funcionamento e emprego da linguagem num procedimento não-instrumental, mas constitutivo do tipicamente humano.

Essa concepção do emprego da linguagem num procedimento não-instrumental implica pensar a relação linguagem/cognição de modo que o cognitivo, o linguístico, o social e o histórico estejam juntos num determinado contexto social, uma vez que, o uso da língua não é um processo inteiramente individual.

Prosseguindo nossos estudos, constatamos que Heinemann & Viehweger (1991 *apud* Koch 2004, pp. 22-24) postulam que, concorrem três grandes sistemas de conhecimento para a efetivação do processamento textual: o *lingüístico*, voltado para os conhecimentos gramatical e lexical; o *enciclopédico*, que compreende as informações armazenadas na memória de cada indivíduo; e o *interacional*, que envolve diferentes tipos de conhecimentos, tais como: o ilocucional, o comunicacional, o metacomunicativo e o superestrutural.

Além do destaque dado à organização global dos textos, os aspectos de ordem cognitivo-discursiva, como referenciação, inferenciação, formas de acesso ao conhecimento prévio, entre outras, passaram a ser o centro de interesse de grande parte dos estudiosos do campo, é o caso de alguns autores franco-suíços, como Apothéloz, Kleiber, Charolles, Berrendonner, Reichler-Béguelin, Chanêt, Mondada e D. Dubois, assim como dos brasileiros Marcuschi e Koch entre outros.

Para a abordagem tradicional, a linguagem dava-se numa relação direta entre as palavras e as coisas do mundo, sendo a questão da referência e da verdade reduzida à relação de correspondência entre representações simbólicas e mundo ou universo discursivo. Atualmente, a referência é vista sob a perspectiva sociocognitiva-interacionista que direciona o foco para a relação intersubjetiva e social no seio da qual as versões do mundo são publicamente elaboradas, avaliadas em termos de adequação às finalidades práticas e às ações em curso dos enunciadorees.

Ao se referir ao texto e às estratégias de construção de seus objetos, Koch (2009) explica:

O processo que diz respeito às diversas formas de introdução, no texto, de novas entidades ou referentes, é chamado de **referenciação**. Quando tais referentes são retomados mais adiante ou servem de base para a introdução de novos referentes, tem-se o que se denomina **progressão referencial** (KOCH, 2009, p.132) (grifos da autora).

A referenciação e a progressão referencial são responsáveis por preservar os referentes introduzidos, por introduzir novos referentes e pelas retomadas referenciais e, dessa forma, direcionar o fluxo da informação ao longo do processo da escrita, que resulta em um texto, o qual é tratado nesta pesquisa de acordo com uma concepção de base sociocognitiva-interacional, isto é, "texto como *lugar de*

interação entre atores e de construção interacional de sentidos” (KOCH, 2006a, p. XII – Introdução). Nessa concepção dialógica da língua, os sujeitos são ativos, pois constroem e reconstróem os seus textos ao fazerem o uso da linguagem verbal.

As formas de introdução de referentes no texto podem acontecer pela ativação ancorada e pela ativação não-ancorada. A *ativação ancorada* consiste em introduzir no texto um novo objeto-de-discurso “com base em algum tipo de associação com elementos já presentes no co-texto ou contexto sociocognitivo”, podendo ser estabelecida por associação e/ou inferenciação (KOCH & ELIAS, 2006, p. 127); é o caso das anáforas indiretas e anáforas associativas. Quanto à *ativação não ancorada*, diz respeito “à primeira categorização do referente introduzido no discurso, ou seja, a expressão nominal introduzida no texto representa o objeto de discurso totalmente novo” (p. 127).

Vimos em Koch & Elias (2006, p. 127) que anáfora (remissão para trás) “é o mecanismo linguístico por meio do qual se aponta ou remete para elementos presentes no texto ou que são inferíveis a partir deste”. Já a catáfora é a remissão para frente. A coesão do texto depende parcialmente de retomadas (para trás e para frente) que contribuem para a continuidade tópica.

De acordo com Koch & Elias, “as **anáforas indiretas** caracterizam-se pelo fato de não existir no co-texto um antecedente explícito, mas sim, um elemento de relação que se pode denominar *âncora* e que é decisivo para a interpretação”. Já a “**anáfora associativa** introduz um referente novo no texto, por meio da exploração de relações meronímicas, ou seja, todas aquelas em que um dos elementos da relação pode ser considerado, de alguma forma, *ingrediente* do outro” (KOCH & ELIAS, 2006, p. 128).

As principais estratégias de referenciação textual citadas por Koch & Elias (2006, pp. 131-135) são:

- Uso de pronomes ou de outras formas de valor pronominal (pronominalização anafórica ou catafórica) de elementos textuais. Ocorre, com frequência, sem um referente co-textual explícito anáfora pronominal).
- Uso de expressões nominais definidas. Constituídas, minimamente, de um determinante definido (artigo definido ou pronome demonstrativo) seguido de um nome (anáfora nominal).

- Uso de expressões nominais indefinidas, com função anafórica (e não, como é mais característico, de introdução de novos referentes textuais (anáfora nominal indefinida)).

Diante do exposto, destacamos que uma das nossas preocupações na escrita dos alunos é como se deu o processamento textual nos relatos de memórias. Destarte, procuraremos identificar nas produções finais a forma como os alunos construíram os objetos-de-discurso e os mantiveram na escrita do texto, pois essa é uma atividade relevante para garantir a coesão e a coerência discursiva de um texto.

Prosseguindo nossos estudos, focalizaremos, no próximo item, algumas considerações sobre texto, discurso e gênero.

1.4. Texto, discurso e gênero

Teceremos aqui, algumas relações entre texto, discurso e gênero, fundamentadas nos estudos de Marcuschi (2008a) em seu livro “Produção textual, análise de gêneros e compreensão”.

O texto é uma forma de interação e, por isso, assume diversas funções dependendo do contexto utilizado. Para Marcuschi:

O texto pode ser tido como um tecido estruturado, uma entidade significativa, uma entidade de comunicação e um artefato sócio-histórico. De certo modo, pode-se afirmar que o texto é uma (re)construção do mundo e não uma simples refração ou reflexo. Como Bakhtin dizia da linguagem que ela *refrata* o mundo e não reflete, também podemos afirmar do texto que ele *refrata* o mundo na medida em que o reordena e reconstrói. (MARCUSCHI, 2008a, p. 72).

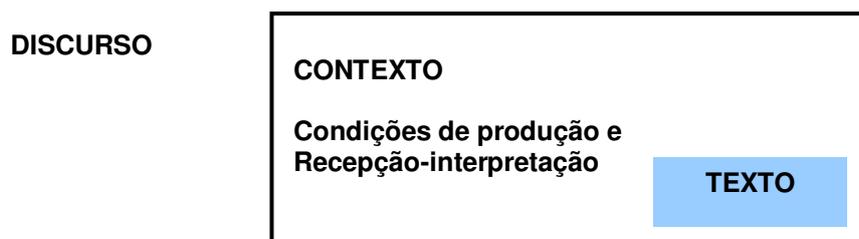
O sujeito, ao construir e reconstruir o seu texto, seja ele oral ou escrito, exerce uma ação linguística destinada a um evento comunicativo, isto é, encontra uma maneira de interagir com o seu locutário por meio de um gênero textual, de acordo com a situação que se apresenta no momento da comunicação.

Coutinho (2004, p. 29 *apud* MARCUSCHI, 2008a, pp. 81-82) considera o discurso como o “*objeto de dizer*” (a enunciação) e o texto como o “*objeto de figura*”

(a configuração). E complementa que “entre ambos, o gênero é aquele que condiciona a atividade enunciativa”. Com isso, compreendemos que o texto é uma produção linguística que realiza uma atividade comunicativa – o discurso, e o gênero é o modelo de texto escolhido pelo locutor para a comunicação.

Marcuschi (2008a, pp. 82-83) explica que Adam (1999) propõe “uma releitura que inclua o texto no contexto das práticas discursivas sem dissociar sua historicidade e suas condições de produção”. Assim, oferece um diagrama da nova concepção:

Figura 1 – Diagrama representacional da nova concepção sugerida por Marcuschi (2008)

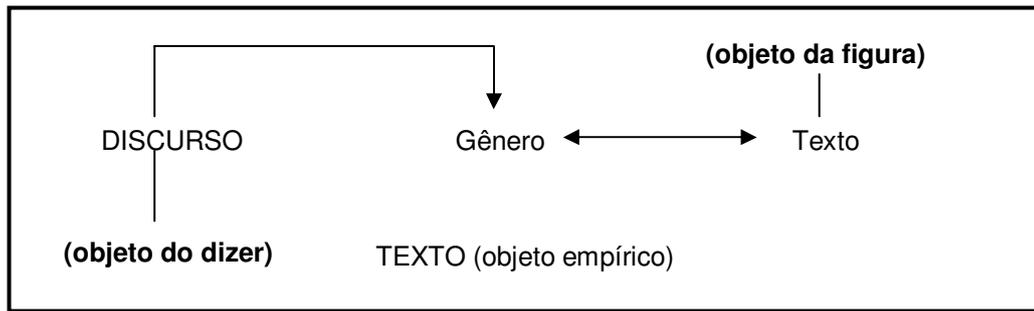


Fonte: Adam (1999, p. 39 *apud* MARCUSCHI, 2008a, p. 83).

O diagrama nos mostra que o discurso se dá num contexto, e o texto, segundo Adam (1999), é incluído “num campo mais vasto das práticas discursivas que devem ser pensadas na diversidade dos gêneros que elas autorizam e na sua historicidade”. Isso, segundo Marcuschi (2008a, p. 82), evidencia “a articulação do discursivo com o textual”.

Porém, Marcuschi (2008a, p. 84) explica que Coutinho indica outra “articulação para tratar dos textos empíricos: *texto*, *discurso* e *gênero* como ‘categorias descritivas’”, propondo o esquema que segue:

Figura 2 – Esquema proposto por Coutinho (2004, p.32), para tratar dos textos empíricos

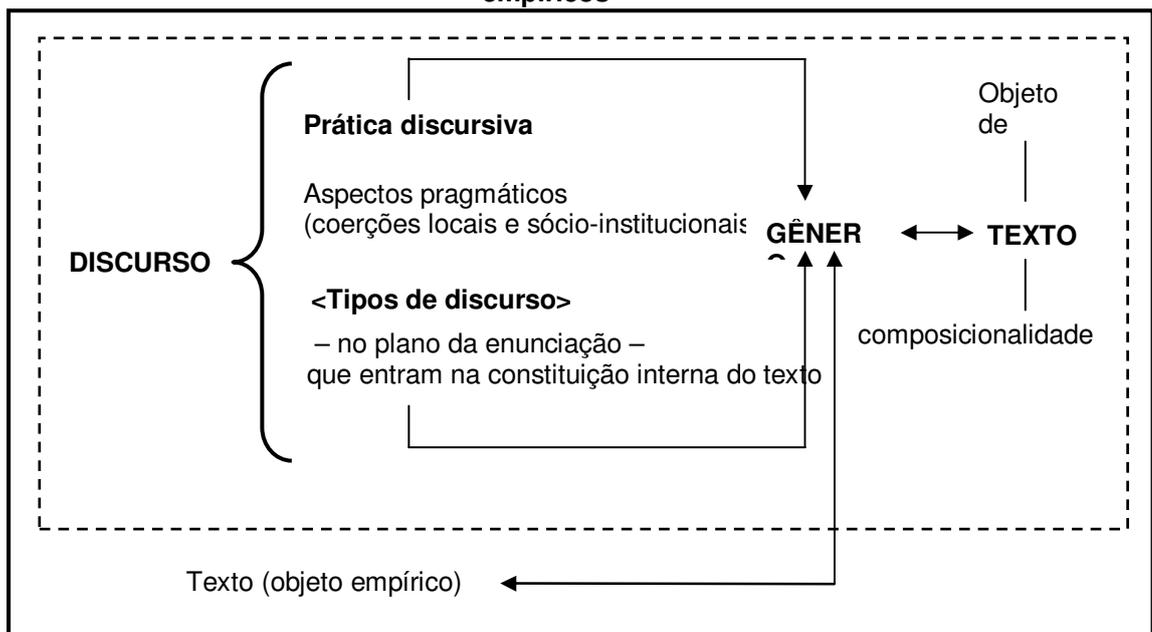


Fonte: Marcuschi (2008a, p. 84).

Marcuschi explica que o discurso como “objeto do dizer” é visto como prática linguística associada a uma prática social; o texto como “objeto de figura” sugere uma *configuração*; o gênero, que aparece entre o discurso e o texto, é visto como “prática social” e prática textual-discursiva; e o texto como “objeto empírico” particulariza e configura uma determinada composição observável.

O gênero apresenta dois aspectos importantes – a gestão enunciativa e a composicionalidade. Isso pode ser mais bem compreendido se observarmos a figura proposta por Coutinho (2004 *apud* MARCUSCHI, 2008a).

Figura 3 – Esquema proposto por Coutinho (2004, p. 37), para tratar dos textos empíricos



Fonte: Marcuschi, (2008a, p. 84).

Marcuschi (2008a, p. 85) explica que “a esquematização implica um trabalho de *construção de objetos*, tal como se percebe quando se analisa o texto com suas configurações”, uma vez que o gênero prefigura o texto oferecendo uma organização composicional, ou seja, a identificação de unidades ou subunidades textuais que dizem respeito à sequenciação, ao encadeamento e à linearização do texto. O texto empírico constitui o resultado do discurso – que abrange a prática discursiva e os tipos de discurso.

Isso nos leva a compreender que os gêneros são formas sociais presentes nas situações de comunicação, que ocorrem em um momento histórico-social e circulam de acordo com a intenção e necessidade dos interlocutores. Em nossa pesquisa, a necessidade que se apresenta é a de trabalhar com o gênero textual relato de memórias.

Prosseguindo nossos estudos, focalizaremos, no próximo item, algumas considerações sobre gêneros textuais/discursivos.

1.5 Breve percurso sobre a noção de gêneros textuais/discursivos

As abordagens sobre os gêneros textuais/discursivos têm-se apresentado bastante instáveis, conforme nos apresentam alguns teóricos dessa área, amparados nos estudos de Bakhtin, como Marcuschi, Koch, entre outros, pelo fato de suas abordagens serem múltiplas e apresentarem-se como modelos cognitivos de produção e recepção de textos ou como formas regulares de manifestação das práticas discursivas.

Na Linguística, o termo gênero *discursivo* tem sido associado ao trabalho de Bakhtin. Já Bronckart, ao tratar dos gêneros, apresenta um enfoque *textual*. Dessa forma nos referiremos aos gêneros como *textuais/discursivos*, pois eles compreendem as práticas de oralidade, de escrita e de leitura como atividades enunciativo-discursivas presentes em vários domínios discursivos que circulam em variados suportes. Nos textos em análise, focalizaremos os aspectos sociais, discursivos e interativos que constituem um texto.

Por entendermos que, na linguagem em geral, o gênero é um item fundamental para a concretização do discurso, apresentamos, a seguir, a visão de alguns autores sobre gêneros textuais/discursivos, como também suas propostas para agrupá-los.

1.5.1 Gênero discursivo: visão bakhtiniana

Bakhtin (2006) define gênero discursivo como um tipo relativamente estável de enunciado, que reflete as condições específicas e as finalidades das esferas cotidianas e ideológicas da atividade humana relacionadas com a utilização da língua, de modo que a situação comunicativa que se apresenta na produção da nossa fala exige o uso de um ou mais gêneros. O autor russo (2006, p. 268) agrupa os gêneros em: “primários (determinados tipos de diálogo oral – de salão, íntimo, de círculo familiar-cotidiano, sociopolítico, filosófico, etc.)” e “secundários (literários, publicísticos, científicos)”. Esse teórico ainda observa que “o emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana” (2006, pp. 261-262) e elenca três elementos que se fundem indissoluvelmente em todo enunciado (ou gênero):

- 1) o *conteúdo temático* – conteúdos que, através dos diversos gêneros, se tornam dizíveis, isto é, que são gerados numa determinada esfera discursiva;
- 2) o *estilo verbal* – recursos da língua (lexicais, fraseológicos e gramaticais), que têm sua compreensão determinada pelo gênero;
- 3) a *construção composicional* – formas específicas dos gêneros discursivos, ou seja, toda a organização estrutural do texto e os envolvidos no discurso, de acordo com a situação comunicativa que se apresenta.

Ao definir gêneros, Bakhtin explica que “cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis de enunciados* os quais denominamos *gêneros do discurso*” (BAKHTIN, 2006, p. 262) (destaques do autor).

Os gêneros, para esse teórico, resultam do uso comunicativo da língua em sua realização dialógica, pois ao se comunicarem, os indivíduos não trocam orações nem palavras, e sim enunciados que se constituem com os recursos formais da língua (gramaticais e lexicais).

Retomando a posição central de Bakhtin, de que os gêneros são constitutivamente dialógicos, observamos que “as diversas formas típicas de dirigir-se a alguém e as diversas concepções típicas do destinatário são as particularidades constitutivas que determinam a diversidade dos gêneros do discurso” (p. 325). Isso, mais uma vez, reforça a ideia de que são as particularidades de cada gênero que determinam o seu uso.

1.5.2 Gêneros textuais/discursivos: outras concepções

Algumas correntes de estudiosos sobre os gêneros surgiram em decorrência de estudos realizados no exterior e no Brasil, desenvolvendo análises, propondo parâmetros, classificando os gêneros e tipos de textos etc. Diante disso, apresentamos algumas concepções sobre gêneros textuais/discursivos, de teóricos de várias correntes linguísticas.

Bronckart, com base nos estudos de Bakhtin, explica que os gêneros compõem-se de atividades de linguagem, que se organizam em discursos ou em textos, ao enfatizar que “os textos são produtos da atividade de linguagem em funcionamento permanente nas formações sociais” (BRONCKART, 2007, p. 137).

Segundo Bronckart (2001 apud Machado, 2005, p.250), “os *gêneros de textos* constituem-se como pré-construtos [...] construtos existentes *antes de nossas ações*, necessários para sua realização”, pois, para a realização das nossas ações comunicativas, os gêneros funcionam como uma “espécie de ‘reservatório de modelos de referência’, dos quais todo produtor deve se servir para realizar ações de linguagem”. Ainda sobre gêneros, o autor explica:

Eles se encontram necessariamente indexados às situações de ação de linguagem, isto é, são portadores de um ou de vários valores de uso: em

uma determinada formação social, determinado gênero e considerado como mais ou menos pertinente para determinada situação de ação. (BRONCKART, 1996 apud MACHADO, 2005, p. 250)

O autor também explica que a análise de um gênero constitui-se em três níveis diferentes: contexto de produção textual, conteúdo temático e organização textual. Em cada nível, observam-se possibilidades e características abordadas pelo modelo elaborado, acrescentando os aspectos e especificidades de cada gênero em particular.

Schneuwly (2007, p. 26), com base na perspectiva bakhtiniana de gênero, apresenta três elementos que, para ele, parecem centrais nessa definição:

- 1) Há a escolha do gênero, em função de uma situação definida por um certo número de parâmetros: finalidade, destinatários e conteúdo. [...]
- 2) Essa base chega à escolha de um gênero, num conjunto de possíveis, no interior de uma esfera de troca dada, num lugar social que define um conjunto possível de gêneros.
- 3) Mesmo sendo “mutáveis, flexíveis”, os gêneros têm uma certa estabilidade: eles definem o que é dizível (e, inversamente: o que deve ser dito define a escolha de um gênero); eles têm uma composição: tipo de estruturação e acabamento e tipo de relação com os outros participantes da troca verbal. [...] eles são caracterizados por um estilo, que deve ser considerado não como um efeito da individualidade do locutor, mas como elemento de um gênero (SCHNEUWLY, 2007, p. 26).

Em suma, Schneuwly considera o gênero como um instrumento que serve de ajuda para um locutor-enunciador, em seu discurso, numa situação definida por uma série de parâmetros. O autor conclui que o gênero é um “instrumento semiótico complexo, isto é, uma forma de linguagem prescritiva, que permite, a um só tempo, a produção e a compreensão de textos” (SCHNEUWLY, 2007, p. 27).

Ao definir tipo e gênero textual, Marcuschi, seguindo a concepção de Bakhtin (1997) e Bronckart (1999), os quais concebem a noção de língua numa visão social e histórica parte do “pressuposto básico de que é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum *gênero*, assim como é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum *texto*”. Esse autor explica que “os gêneros textuais se constituem como ações sociodiscursivas para agir sobre o mundo e dizer o mundo, constituindo-o de algum modo” (MARCUSCHI, 2005, p. 22). Uma das concepções sobre gênero para esse linguista é que “os gêneros são formas verbais

de ação social relativamente estáveis realizadas em textos situados em comunidades de práticas sociais e em domínios discursivos específicos” (p. 25).

No quadro sinóptico elaborado para definição de tipo e gênero textual, o mesmo autor (p.23), elenca algumas definições sobre os gêneros textuais:

- realizações linguísticas concretas definidas por propriedades sócio-comunicativas;
- constituem textos empiricamente realizados cumprindo funções em situações comunicativas;
- sua nomeação abrange um conjunto aberto e praticamente ilimitado de designações concretas determinadas pelo canal, estilo, conteúdo, composição e função;
- exemplos de gêneros: telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, aula expositiva, reunião de condomínio, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio, instruções de uso, outdoor, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, conversa espontânea, conferência, carta eletrônica, bate-papo virtual, aulas virtuais etc.

Koch (2006a), ao definir gêneros, toma como ponto de partida os estudos de Bakhtin, em sua obra *Estética da criação verbal*, que os conceitua:

Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua. Não é de se surpreender que o caráter e os modos dessa utilização sejam tão variados como as próprias esferas da atividade humana [...]. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo temático e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais – mas também, e sobretudo, por sua construção composicional. Assim sendo, todos os nossos enunciados se baseiam em formas-padrão e relativamente estáveis de estruturação de um todo (BAKHTIN, 1953, p. 179 *apud* KOCH, 2006a, pp. 160-161).

A autora (2006, p. 161) lembra que “a concepção de gênero de Bakhtin não é estática”, que o autor “reconhece que os gêneros estão sujeitos a mudanças”.

Travaglia (2001), em seu artigo *Da distinção entre tipos, gêneros e subtipos de textos*, denomina “elementos tipológicos” três elementos – tipo, gênero e subtipo. O autor explica que o gênero de texto se caracteriza por exercer uma função social específica. E exemplifica:

A correspondência é um gênero (que alguns chamam de epistolar) identificável pela função social de permitir a troca de informações por um

veículo específico. A notícia ou reportagem tem a função de manter o interlocutor atualizado com os fatos acontecidos e também tem veículos próprios (jornal, rádio e telejornal) (TRAVAGLIA, 2001).

Segundo esse autor, o gênero se caracteriza por exercer uma função sócio-comunicativa específica nem sempre fácil de explicitar.

As concepções sobre gêneros textuais/discursivos sob a visão de teóricos de várias correntes filosóficas elencadas acima evidenciam a presença de Bakhtin, embora com pequenos ajustes, que contemplam o uso atual dos gêneros na comunicação dos sujeitos.

1.5.3 Algumas considerações sobre a teoria dos gêneros textuais/discursivos

Partindo da constatação de Meurer, Bonini e Motta-Roth (2005; p. 8), de que “as abordagens teóricas tanto se aproximam – ao lançar um olhar social e discursivo sobre a linguagem – quanto se distanciam – ao pôr em cena conceitos-chave bastante distintos”, evidenciamos aqui, noções básicas acerca da teoria dos gêneros textuais/discursivos preconizadas pelos estudiosos do círculo de Bakhtin.

As reflexões de Bakhtin e outros estudiosos da teoria dos gêneros do discurso, ainda hoje, inspiram novos pesquisadores de vários países em seus estudos sobre a língua. No Brasil, os PCN de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental e Médio são referência e preconizam como importante objeto de ensino os gêneros e suas características. Segundo Rojo (2005, p. 184), esse fato “tem provocado uma explosão das pesquisas que tomam por base teórica a teoria dos gêneros”.

Em suas pesquisas, Rojo constatou que os trabalhos sobre os gêneros poderiam ser divididos “em duas vertentes metateoricamente diferentes”, denominadas por ela “teoria *de gêneros do discurso* ou *discursivos* e teoria *de gêneros de texto* ou *textual*”. Sobre essas vertentes, a autora explica:

Ambas as vertentes encontravam-se enraizadas em diferentes releituras da herança bakhtiniana, sendo que a primeira – teoria *de gêneros do discurso*

– centrava-se sobretudo no estudo das situações de produção dos enunciados ou textos e em seus aspectos sócio-históricos e a segunda – teoria de *gêneros de textos* –, na descrição da materialidade textual”. (ROJO, 2005, p. 185).

Diante do exposto, percebemos a importância das teorias de Bakhtin para os estudos da linguagem e, por conseguinte, dos gêneros textuais/discursivos.

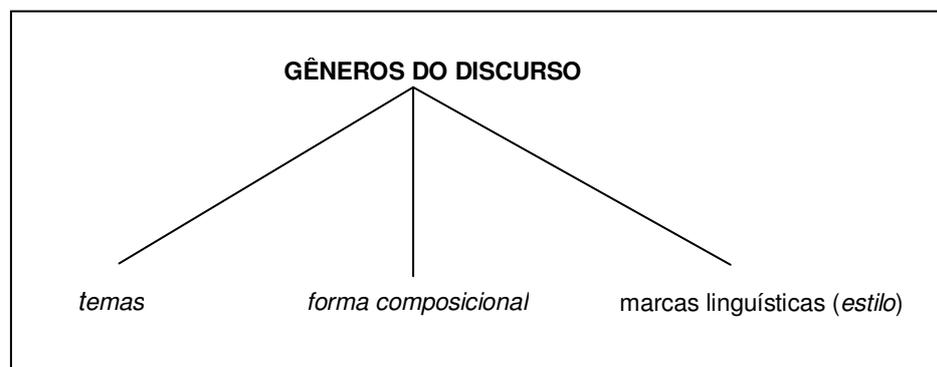
Rojo (2005, p.196) explica que “os gêneros do discurso apresentam três dimensões essenciais e indissociáveis” preconizadas por Bakhtin (1953/ 1979) e entendidas como:

- os *temas* – conteúdos **ideologicamente conformados** – que se tornam comunicáveis (dizíveis) através do gênero;
- os elementos das estruturas comunicativas e semióticas compartilhadas pelos textos pertencentes ao gênero (*forma composicional*);
- as configurações específicas das unidades de linguagem, traços da **posição enunciativa do locutor** e da forma composicional do gênero (marcas linguísticas ou *estilo*). (grifos da autora).

Esses elementos, de acordo com Bakhtin, fundem-se indissolúvelmente em todo enunciado (ou gênero), além disso, “são determinados pelos parâmetros da situação de produção dos enunciados e sobretudo, para Bakhtin/Voloshinov (1929), pela *apreciação valorativa* do locutor a respeito do(s) tema(s) e dos interlocutor(es) de seu discurso”. (ROJO, 2005, p. 196) (destaques da autora).

O quadro abaixo sintetiza as “três dimensões essenciais e indissociáveis” preconizadas por Bakhtin (1953/ 1979).

Figura 4 – Dimensões dos gêneros do discurso



Fonte: Rojo (2005, p. 196).

Esses elementos são marcados pela especificidade de cada uma das esferas da atividade humana de forma que o locutor, diante de inúmeras situações comunicativas e de uma variedade de gêneros, faz a sua escolha levando em conta a situação que se apresenta no momento, uma vez que dispomos de um rico repertório de gêneros discursivos, orais e escritos para nossos eventos, considerados por “Bakhtin/ Voloshinov [...] por *esferas comunicativas*”, divididas em “*esferas do cotidiano* (familiares, íntimas, comunitárias etc.), onde circula a *ideologia do cotidiano* e *esferas dos sistemas ideológicos constituídos* (da moral social, da ciência, da arte, da religião, da política, da imprensa, etc.)” (ROJO, 2005, p. 197).

A seguir, apresentaremos algumas propostas de perspectivas teóricas dos gêneros textuais/discursivos.

1.5.4 Gênero textual: perspectivas teóricas

Alguns estudiosos, na tentativa de melhor compreender o assunto, procuraram estabelecer um quadro explicativo sobre a evolução do gênero, sua origem e épocas. E, visando elucidar de forma simples e clara essas perspectivas, apresentamos algumas propostas de teóricos do gênero.

Dentre os estudiosos que estabeleceram um quadro explicativo sobre a evolução do gênero, está Vian Jr. (1997), que apresentou sua proposta de perspectivas teóricas, estabelecendo três grupos de autores: os analistas de gênero, os analistas críticos e os sistemicistas, conforme indicação no quadro abaixo:

Quadro 1: Perspectivas teóricas

analistas de gênero (textualistas)	analistas críticos	sistemicistas
Swales Bhatia Dudley-Evans	Bakhtin Todorov Bronckart Kress Fairclough	Hasan Martin Ventola Eggins Leckie-Tarry

Fonte: Vian Jr. (1997).

Vian Jr., ao apresentar esse agrupamento de perspectivas teóricas que trabalham a questão do gênero, explica que:

Os 'textualistas' preocupam-se com o aspecto operacional; os analistas críticos, por sua vez, têm uma preocupação com o aspecto social, ao passo que os sistemicistas analisam os elementos linguísticos do texto partindo do contexto social no qual este texto é produzido. (VIAN JR., 1997).

Observamos que, nessa proposta, cada grupo de estudiosos demonstra uma preocupação diferente nos seus estudos sobre o gênero.

Meurer, Bonini e Motta-Roth (2005; p. 9) agruparam, sob três termos gerais, as seguintes abordagens: sociossemióticas, sociorretóricas e sociodiscursivas:

Quadro 2: Perspectivas teóricas

Sociossemióticas	Sociorretóricas	Sociodiscursivas
Hasan Martin Fowler Kress Fairclough	Swales Miller	Bakhtin Adam Bronckart Maingueneau

Fonte: Meurer, Bonini e Motta-Roth (2005).

De acordo com Meurer, Bonini e Motta-Roth (2005; p. 9), conforme disposto no quadro, os sociossemiotistas fundamentam-se na teoria sistêmica (funcionalismo de Halliday), nas análises críticas e na teoria textual; os sociorretóricos, estudiosos que retomam a retórica de Perelman e Olbrechts-Tyteca, a teoria do texto e as posições etnográficas do discurso; os sociodiscursistas incorporam à própria reflexão aportes da análise do discurso, da teoria do texto e das teorias enunciativas.

Brun (2008), em seus estudos sobre gêneros, explica que Kappel também organizou um quadro de perspectivas semelhante aos anteriores, porém mais detalhado e específico, contando também com a inclusão de autores brasileiros – Marcuschi, Koch, Travaglia e Bonini:

Com a mesma intenção e não com menos esforço, Kappel (2006) organizou os autores de estudos dos *gêneros* também com base na filiação teórica de

cada um. Na sua visão, seriam elas: perspectiva comunicativa, perspectiva sistêmico-funcional, perspectiva sociorretórica de caráter etnográfico, voltada para o ensino de segunda língua, perspectiva interacionista e sociodiscursiva de caráter psicolinguístico e atenção didática voltada para língua materna, perspectiva da análise crítica, perspectiva sociorretórica/ sócio-histórica e cultural, perspectiva sociocognitiva e interativa, perspectiva cognitiva, perspectiva histórico-cultural e sistêmica de natureza multinível, perspectiva sócio-histórica e dialógica (2008, p. 46).

Dessa forma, a organização das perspectivas propostas por Kappel é a seguinte:

Quadro 3: Perspectivas teóricas propostas por Kappel (2006).

Filiação teórica	Autores
comunicativa	Steger, Gulich, Berkenkoter
sistêmico-funcional	Hasan, Martin, Eggins, Ventola, Hoey, Dudley-Evans
sociorretórica de caráter etnográfico para o ensino de segunda língua	Swales, Bhatia
interacionista e sociodiscursiva de caráter psicolinguístico e atenção didática voltada para a língua materna	Bronckart, Dolz, Schneuwly
análise crítica	Fairclough, Kress
sócio-retórica/ sócio-histórica e cultural	Miller, Bazerman, Freedman
sociocognitiva e interativa	Heinemann-Viehwyger, Marcuschi, Koch, Travaglia
cognitiva	Adam, Van Dijk, Beaugrande, Bonini
histórico-cultural e sistêmica de natureza multinível	Biber
sócio-histórica e dialógica	Bakhtin

Fonte: Brun (2008, p. 46. Versão preliminar).

Esse agrupamento mais detalhado e específico apresentado por Kappel contempla os autores com os quais nos relacionaremos nesta pesquisa, como os brasileiros Marcuschi, Koch e Travaglia, cuja filiação teórica é considerada sociocognitiva e interativa; Bonini, de filiação teórica cognitiva; e do teórico russo Bakhtin cuja perspectiva teórica é a sócio-histórica e dialógica.

Marcuschi (2008a, p. 152) também apresenta algumas perspectivas para o estudo dos gêneros textuais. No Brasil, as tendências que se apresentam são:

1) Uma linha bakhtiniana alimentada pela perspectiva de orientação vygotskyana socioconstrutivista da Escola de Genebra representada por Schnewly/ Dolz e pelo interacionismo sociodiscursivo de Bronckart. Essa linha de caráter essencialmente aplicativo ao ensino de língua materna é desenvolvida particularmente na PUC/SP.

2) Perspectiva “swalesiana”, na linha da escola norte-americana mais formal e influenciada pelos estudos de gêneros de John Swales (1990), tal como se observa nos estudos da UFC, UFSC, UFSM e outros pólos.

3) Uma linha marcada pela perspectiva sistêmico-funcional é a Escola Australiana de Sydney, alimentada pela teoria sistêmico-funcionalista de Halliday com interesses na análise linguística dos gêneros e influente na UFSC.

4) Uma quarta perspectiva menos marcada por essas linhas e mais geral, com influências de Bakhtin, Adam, Bronckart e também os norte-americanos como Charles Bazerman, Carolyn Miller e outros ingleses e australianos como Günther Kress e Norman Fairclough, é que se vem desenvolvendo na UFPE e UFPB.

Marcuschi (2008a, p. 152-153), de um modo mais amplo, indica algumas perspectivas teóricas internacionais em curso:

Quadro 4: Perspectivas teóricas

Perspectivas	Teóricos	Objeto de análise
a) Perspectiva sócio-histórica e dialógica	Bakhtin	
b) Perspectiva comunicativa	Steger, Gülich, Bergmann, Berkenkotter	
c) Perspectiva sistêmico-funcional	Halliday: Hasan, Martin, Eggins, Ventola, Hoey, Dudley-Evans	Análise da relação texto e contexto, estrutura esquemática do texto em estágios, relação situacional e cultural e gênero como relação de registro.
d) Perspectiva sócioretórica de caráter etnográfico voltada para o ensino de segunda língua	Swales Bhatia	Analizam e identificam estágios [movimentos e passos] na estrutura do gênero. Persiste um caráter prescritivo nessa posição teórica. Há também preocupação com o aspecto socioinstitucional dos gêneros. Vinculação particular com gêneros do domínio acadêmico e forte vinculação institucional. Maior preocupação com a escrita do que com a oralidade. Há uma visão nitidamente marcada pela perspectiva etnográfica com os conceitos de comunidade, propósito de atores sociais.
e) Perspectiva interacionista e sociodiscursiva de caráter psicolinguístico e atenção didática voltada para língua	Bronckart, Dolz, Schnewly: com vinculação psicológica (influências de Bakhtin e Vygotsky)	Estão preocupados em particular com o ensino dos gêneros na língua materna. Preocupação maior com o ensino fundamental e tanto com a oralidade como a escrita. A perspectiva geral é de caráter psicolinguístico ligado ao sociointeracionismo.

materna		
f) Perspectiva da análise crítica	N. Fairclough, G. Kress	O discurso é uma prática social e o gênero é uma maneira socialmente ratificada de usar a língua com um tipo particular de atividade social.
g) perspectiva sociorretórica/ sócio-histórica e cultural	C. Miller, Bazerman, Freedman	Escola americana influenciada por Bakhtin, mas em especial pelos antropólogos, sociólogos e etnógrafos, preocupa-se com a organização social e as relações de poder que os gêneros encapsulam. Tem uma visão histórica dos gêneros e os toma como altamente vinculados com as instituições que os produzem. A atenção não se volta para o ensino e sim para a compreensão do funcionamento social e histórico, bem como sua relação com o poder.

Fonte: Marcuschi (2008, p. 152-153).

Marcuschi (2008a) alerta para o fato da precariedade desse agrupamento de perspectivas, uma vez que ele não apresenta de modo completo todas as possibilidades teóricas existentes.

Portanto, durante a tentativa de listar algumas propostas de agrupamentos de perspectivas, elaboradas pelos teóricos relacionados acima, observamos a dificuldade que se tem em classificar as correntes teóricas de estudo do gênero. Assim, alertamos para o fato de que, nesta pesquisa, abordaremos o gênero Relato de Memórias tendo como suportes o blog e o caderno, sob a visão de gêneros preconizada por Bakhtin e pelos teóricos Marchuschi e Koch que, em seus estudos, apoiam-se em nesse autor.

A perspectiva teórica adotada por nós, para a análise das produções, relaciona-se com os estudos dialógicos de Bakhtin, por ser a base de apoio para os estudiosos do gênero.

Dando sequência à nossa investigação, trataremos a seguir da proposta que fundamenta nosso trabalho, o Interacionismo Sociodiscursivo.

1.6 O Interacionismo Sociodiscursivo na produção de textos

Optamos pela perspectiva teórica do Interacionismo Sociodiscursivo por ela apregoar a importância de se trabalhar o texto considerando três tipos de elementos que constituem o gênero: o contexto de produção, a organização textual e os aspectos linguístico-discursivos e, além disso, procura compreender as condições do desenvolvimento humano sob uma perspectiva histórica.

O Interacionismo Sociodiscursivo (doravante ISD) é uma corrente teórica proposta pelos pesquisadores de Genebra, que compartilham do pensamento de Bakhtin, principalmente por Bronckart (2007), e resulta de um posicionamento epistemológico para compreender as condições do desenvolvimento humano sob uma perspectiva histórica. Esse teórico explica que a proposta do ISD filia-se ao movimento do interacionismo social e considera que a linguagem é absolutamente central e decisiva nas atividades humanas. Bronckart (2007) evidencia que esse posicionamento está baseado em vários teóricos, dentre os quais se destaca Vygotsky (2000), criador do Interacionismo Social, cuja tese central é a de que “a ação constitui o resultado da apropriação, pelo organismo humano, das propriedades de atividade social mediada pela linguagem” (BRONCKART, 2007, p. 42), pois reside na relação didática entre o social e o individual.

A investigação interacionista considera a historicidade do ser humano em suas dimensões sociais e discursivas, levando a sério a historicidade do ser humano, as condições sob as quais desenvolveu formas particulares de organização social.

À produção de linguagem de um indivíduo, Bronckart denomina “ação de linguagem”. Esta, por sua vez, é originária da exploração dos modelos comunicativos em uso numa determinada situação comunicativa, por meio de construtos históricos (os gêneros de texto), modelos disponíveis em intertextos, adaptáveis aos valores atribuídos pelo agente à sua situação de ação: “texto é o mediador da ação” (BRONCKART, 2007, p. 57).

Esse mesmo autor afirma que “toda língua natural apresenta-se como estando baseada em um código ou *sistema* composto de regras fonológicas, lexicais e sintáticas relativamente estáveis, que possibilita a intercompreensão no seio de

uma comunidade verbal”. Esse estado de que “uma língua só pode ser apreendida através das produções verbais efetivas, que assumem aspectos muito diversos”, articuladas em situações de comunicação diversas, o autor chama “textos” e enfatiza: “chamamos de **texto** toda unidade de produção de linguagem situada, acabada e autossuficiente (do ponto de vista da ação ou da comunicação)” (BRONCKART, 2007, pp. 69-75) (grifo do autor).

Sabendo que o texto é uma unidade comunicativa que veicula uma mensagem linguisticamente organizada, faz-se necessário, ainda, entender o seu contexto de produção, o qual, para Bronckart (2007), “pode ser definido como um conjunto dos parâmetros que podem exercer uma influência sobre a forma como um texto é organizado”. Ele agrupa esses fatores em dois conjuntos:

- 1) *o mundo físico*: o lugar de produção; o momento de produção; o emissor; e o receptor subjetivo;
- 2) *o mundo social*: o lugar social; o objetivo; o conteúdo temático (ou referente).

Essa organização proposta por Bronckart sugere conhecimentos prévios de que o sujeito lançará mão na produção de determinado gênero de texto.

O ISD considera as práticas de linguagem como os maiores instrumentos do desenvolvimento humano, sob o ângulo do conhecimento e da aquisição do saber. A construção das capacidades cognitivas é resultante de um processo inicialmente marcado pelo social, pelo cultural e pela linguagem.

Para o ISD, a concepção da relação entre pensamento e linguagem está articulada à idéia de Vygotsky de que os signos languageiros fundam a constituição do pensamento humano. Dessa forma, a linguagem é “‘instrumento fundador e organizador’ dos processos psicológicos nas suas dimensões estritamente humanas” (BRONCKART, 2007, p. 122).

Bronckart evidencia a necessidade de compreender o homem a partir de seu desenvolvimento nas interações sociais às quais ele é exposto. É, portanto, nessas interações sociais, por meio da linguagem, que os indivíduos ampliam e transformam o quadro dos pré-construídos.

O ISD apregoa que o fenômeno da linguagem é indissociável da interação social, uma vez que “a língua vive e evolui historicamente na comunicação verbal concreta, não no sistema linguístico abstrato das formas da língua nem no psiquismo individual dos falantes” (BAKHTIN, 1997, p. 124), constituindo um processo de evolução ininterrupta, que se concretiza como interação entre os locutores.

1.7 O dialogismo em Bakhtin

Para Bakhtin, o dialogismo é concebido como o princípio constitutivo da linguagem e como a condição do sentido do discurso, uma vez que o discurso não é individual, e sim, construído, no mínimo, entre dois interlocutores (seres sociais) e porque se constrói como um diálogo entre outros discursos que mantêm relações entre si.

Esse autor preconiza que o movimento dialógico consiste na noção de recepção e compreensão do discurso entre o locutor e o interlocutor de modo que os enunciados confrontam-se com os dizeres, gerando uma interação entre os sujeitos ao discutirem o assunto em questão, do ponto de vista enunciativo e dos interlocutores envolvidos na situação de comunicação.

Julia Kristeva utilizou o termo intertextualidade para explicar o dialogismo preconizado por Bakhtin. Para este, a noção de que um texto não subexiste sem o outro, quer como uma forma de atração ou de rejeição, permite a ocorrência de um diálogo entre duas ou mais vozes, entre dois ou mais discursos de modo que:

A noção de dialogismo - escrita em que se lê o outro, o discurso do outro - remete a outra, explicitada por Kristeva (1969) ao sugerir que Bakhtin, ao falar de duas vozes coexistindo num texto, isto é, de um texto como atração e rejeição, resgate e repelência de outros textos, teria apresentado a idéia de intertextualidade. (BARROS; FIORIN, 1999, p. 50).

O termo intertextualidade concebido por Kristeva teve como base o dialogismo, devido ao fato de que os interlocutores, ao produzirem seus discursos, estabelecem uma relação intertextual com outros discursos. Apesar de a intertextualidade ter sido bastante explorada nos estudos literários, por meio das citações textuais, como sendo a inclusão de um texto a outro, para efeitos de

reprodução ou transformação, hoje é comum o emprego do termo a outras produções textuais que trabalham e elaboram sua narrativa discursiva como é o caso do gênero relato de memórias.

Embora Bakhtin tenha se baseado na literatura, sabemos que o dialogismo proporciona também um cruzamento de discursos enunciativos distintos de forma que a relação dos diálogos é estabelecida por um cruzamento de vozes e/ou discursos diversificados. Isso explica a polifonia (um diálogo entre diversas vozes) que também designa o dialogismo.

Assim, a linguagem dá-se pela interação social entre os sujeitos envolvidos no discurso e que o dialogismo como princípio constitutivo da linguagem remete à compreensão de que toda linguagem é dialógica e fruto de um acontecimento social daqueles que a utilizam. Em nossa pesquisa a linguagem é entendida como um fato dialógico que gera a interação comunicativa entre os envolvidos no processo de construção dos textos (entrevistado, entrevistador e autor).

1.8 Desenvolvimento e Aprendizagem: a Zona de Desenvolvimento Proximal

Na perspectiva *sociointeracionista* abordada por Vygotsky, a relação entre o desenvolvimento e a aprendizagem está vinculada ao fato de o ser humano viver em meio social.

Para Vygotsky, o desenvolvimento depende da aprendizagem, uma vez que se dá por processos de internalização de conceitos promovidos pela aprendizagem social, principalmente a planejada no meio escolar.

Nessa perspectiva, o sujeito é visto como um ser pensante, capaz de vincular sua ação à representação de mundo que constitui sua cultura e proporciona a interação entre os processos de ensino e aprendizagem.

As contribuições das pesquisas vigotskianas para a educação e para a compreensão adequada da relação entre aprendizagem e desenvolvimento, levaram Vygotsky (1996) a definir Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) como a distância entre o nível de desenvolvimento real (capacidade independente de

resolver problemas) e o nível de desenvolvimento proximal (capacidade de solucionar problemas com ajuda de um parceiro mais experiente). Essa teoria tem se mostrado presente no aprendizado escolar em que, com o auxílio de uma pessoa mais experiente, a criança é capaz de realizar uma ação, antes não dominada, ou seja, a criança passa a realizar determinadas ações de acordo com um modelo, adquirindo um potencial que possibilitará, futuramente, que ela internalize o processo realizado e resolva sozinha aquela ação que foi auxiliada por outro sujeito.

Clara (2008) propõe, no Caderno do Professor, atividades individuais e coletivas no decorrer das oficinas de produção de memórias. E, para auxiliar o docente, a autora apresenta para ZPD a seguinte definição:

A expressão **zona proximal** foi criada por Vygotsky, para designar, na evolução cognitiva das pessoas, as aprendizagens que elas conseguem realizar com auxílio de parceiros mais experientes no conteúdo a ser aprendido. Ela antecede a zona real do conhecimento apropriado, quando o aprendiz pode realizar a tarefa proposta sem ajuda. O papel do professor é atuar na zona proximal, identificando e planejando a ajuda que pode dar a seus alunos por meio de conversas, explicações e atividades. (CLARA, 2008, p. 54) (grifo da autora).

Dessa forma, no decorrer do processo, procuramos criar situações que abrangessem os dois níveis de desenvolvimento – o real e o proximal em nossas aulas, para que houvesse interação entre desenvolvimento e aprendizagem num contexto cultural movido por mecanismos de aprendizagem provocados por mediadores.

No próximo capítulo procuraremos organizar a nossa pesquisa. Trataremos dos aspectos metodológicos, da abordagem qualitativa, do cenário da pesquisa e sujeitos envolvidos, da constituição e a seleção do *corpus* e do desenvolvimento da proposta de pesquisa e o contexto escolar de produção dos textos.

CAPÍTULO II

A ORGANIZAÇÃO DA PESQUISA

*Tudo o que era guardado a chave
Permanecia novo por mais tempo.
Mas meu propósito não era conservar o novo,
E sim renovar o velho.*

(WALTER BENJAMIN, 1987, p. 124)

2.1 Aspectos metodológicos

Nossa pesquisa está vinculada à proposta do interacionismo sociodiscursivo de Bronckart (2007, p. 13) e outros pesquisadores que consideram as dimensões sociais e discursivas/textuais das ações humanas, ao dialogismo de Bakhtin e aos estudos sobre gêneros textuais de Bakhtin, Marcuschi e Koch entre outros.

As contribuições de Bronckart (2007) juntamente com as teorias de Vygotsky (1996) e de Bakhtin (1999) que priorizam o desenvolvimento humano em sua dimensão social, na relação dialética entre sujeito e objeto, foram importantes para nós, pesquisadoras, no que tange ao reconhecimento do contexto de produção dos relatos de memórias pelos alunos e à infraestrutura do texto (tipos de discurso, mecanismos enunciativos e de textualização) por priorizar as dimensões sociais, históricas e culturais dos sujeitos.

No contexto de produção dos relatos de memórias, tivemos que optar por uma abordagem que privilegiasse o objeto de análise. Dessa forma, optamos pela abordagem qualitativa.

2.2 A abordagem qualitativa

Silva (2001), em suas considerações sobre metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação, explica que a abordagem qualitativa considera a existência de um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito. Nessa abordagem, a interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas, pois não requerem o uso de métodos e técnicas estatísticas, por isso, é considerada descritiva. Os dados são coletados pelo pesquisador diretamente do ambiente natural, e a análise dos dados, geralmente, é indutiva, uma vez que os pesquisadores valorizam o processo e seu significado como focos principais de abordagem.

Nesta pesquisa optamos pela abordagem qualitativa, ou seja, um estudo de caso, que privilegia a compreensão do fenômeno em análise, haja vista que,

[...] a abordagem qualitativa apresenta-se como a tentativa de uma compreensão detalhada dos significados e características situacionais apresentadas pelos envolvidos nos fenômenos em análise, em lugar da produção meramente quantitativa de características e comportamentos (MARQUES, 2004).

Os aspectos qualitativos do *corpus* em questão permitem ao pesquisador analisar as relações nem sempre constatadas em dados quantificados e que representam a maneira como os sujeitos realizam suas vivências.

Embora a nossa opção de abordagem tenha sido a qualitativa, é válido lembrar que, as abordagens qualitativa e quantitativa atuam sempre juntas – “a quantitativa atua em níveis de realidade em que os dados mostram indicadores e tendências observáveis” e “a qualitativa realça os valores, as crenças, as representações, as opiniões e as atitudes do objeto de estudo” (DEMO, 1986, p. 17).

Diante dessas considerações, optamos pela abordagem qualitativa, pois em nossa pesquisa analisaremos as produções do aluno e o processo de contínua expressão e criação dos relatos de memórias.

2.3 O cenário da pesquisa e os sujeitos envolvidos

A pesquisa se desenvolveu nos meses de junho e julho de 2008, concentrando-se mais no mês de junho, haja vista que os trabalhos foram interrompidos para a revisão de conteúdos e aplicação das provas bimestrais e para o recesso escolar no mês de julho. Dessa forma, consideramos que o processo em que se deu o estudo e a produção dos textos teve a duração de aproximadamente trinta dias.

O cenário de desenvolvimento da nossa pesquisa foi uma escola pública confessional mantida pelo Estado, de Ensino Fundamental, localizada na região central de Campo Grande – MS. É uma escola considerada pequena, que atende uma média de 250 alunos por turno (matutino e vespertino), distribuídos em 8 salas de aulas em cada período.

A instituição possui uma sala de vídeo equipada com um *DataShow* e um microcomputador; uma Sala de Tecnologias Educacionais – STE², equipada com 26 microcomputadores, sendo 1 servidor e 25 estações para uso dos professores e alunos, *internet* banda larga, um escâner e uma impressora; possui, também, uma biblioteca com um pequeno acervo de livros literários e outros.

A clientela atendida pela escola é dividida entre moradores da mesma região geográfica e moradores de outros bairros mais distantes, sendo estes a minoria. A classe social dos alunos atendidos pela escola é considerada média baixa a média.

As séries envolvidas no concurso Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro (doravante, OLP), proposto pelo Ministério da Educação (MEC)/2008, em parceria com a Fundação Itaú Social e o Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (CENPEC), nos trabalhos sobre o gênero textual “relato de memórias” foram o 7º, 8º e 9º anos. Para a nossa pesquisa, detemo-nos nas análises das produções dos alunos do 8º ano do turno vespertino.

A sala escolhida era composta por uma média de 30 alunos frequentes, cuja faixa etária compreende 13 e 14 anos, alunos participativos, comunicativos e muito

² Sala de Tecnologias Educacionais – STE: nome dado à Sala de Informática das Escolas Estaduais do Estado de Mato grosso do Sul.

falantes, pertencentes a uma classe social considerada média ou média baixa, bem distribuída em relação ao sexo – metade menina e metade menino.

Sendo eu a professora titular da sala, a atuação como pesquisadora foi em parte facilitada, principalmente na coleta dos dados constituídos e obtidos nesse percurso, conforme descrito a seguir.

2.4 A constituição e a seleção do corpus

Ao refletirmos sobre o trabalho proposto pelos organizadores da OLP, a ser desenvolvido com o aluno, vislumbramos a necessidade de um acompanhamento mais criterioso, criativo e interativo. Assim, optamos por criar um blog destinado às orientações e produções dos alunos participantes da OLP no decorrer das oficinas. O blog também serviria para a disponibilização das leituras sugeridas, para as postagens das produções de memórias dos alunos e os seus comentários sobre o material e sobre as produções dos colegas.

Após a criação do blog que serviria como suporte, para parte da produção do gênero *relato de memórias*, tecemos explicações aos alunos sobre esse suporte e apresentamos-lhes as ferramentas disponíveis no ambiente, como também a proposta da OLP que, segundo seus organizadores, era resgatar memórias de pessoas mais velhas, relacionando-as com o lugar onde vivem. No decorrer dos trabalhos, os alunos teriam de fazer entrevistas com moradores antigos, ouvir a narrativa do entrevistado, recolher as lembranças dele e, em seguida, reescrever essas lembranças como se fosse o próprio entrevistado. Nessa escrita, teriam como referência o gênero de texto *relato de memórias*.

Para a concretização dos trabalhos, recebemos o Caderno do Professor – Orientação para produção de textos com os conteúdos e objetivos dispostos conforme índice disposto abaixo:

Quadro 5: Sumário do Caderno do Professor

Oficinas	Objetivos
Introdução Toda memória tem uma história	- Apresentar a proposta
Oficina 1 Naquele tempo...	- Sensibilizar os envolvidos neste trabalho acerca do valor das experiências das pessoas mais velhas. - Compreender o que é memória. - Entender como os objetos e imagens podem trazer a história de um tempo passado.
Oficina 2 Vamos combinar?	- Explicar como será o trabalho, a produção dos textos de memórias e a organização de uma coletânea. - Apresentar a situação de produção.
Oficina 3 Primeiro ensaio.	- Produzir o primeiro texto individual. - Reescrever o texto de acordo com as indicações e explicações da professora.
Oficina 4 Viagem no tempo	- Apresentar ao aluno texto de memórias de pessoas mais velhas.
Oficina 5 Sentidos e sentimentos	- Identificar os recursos utilizados pelos autores nos textos de memórias literárias. - Entender como se faz a descrição de um acontecimento e como expressar sentimentos por meio das palavras.
Oficina 6 Ponto-e-vírgula	- Estudar e aprender a usar sinais de pontuação.
Oficina 7 Nem sempre foi assim	- Sensibilizar os alunos para as emoções dos relatos de memórias. - Observar como os autores comparam o tempo antigo com o atual. - Identificar palavras e expressões usadas para remeter ao passado.
Oficina 8 No pretérito	- Observar o uso do pretérito perfeito e do imperfeito.
Oficina 9 Marcas do passado	- Identificar palavras e expressões que marcam o tempo passado.
Oficina 10 A entrevista	- Planejar e realizar entrevistas com pessoas mais velhas da comunidade.
Oficina 11 Ensaio geral	Produzir um texto coletivo.
Oficina 12 Agora é minha vez	Escrever individualmente o texto final.
Oficina 13 Últimos retoques	Fazer a revisão e o aprimoramento do texto.
Critérios de avaliação Textos recomendados Recado final Para saber mais ainda Referências bibliográficas	

Fonte: (CLARA, 2008, pp. 6-7).

Esse material, disponibilizado aos docentes participantes da OLP, oferece, segundo seus organizadores, uma oportunidade de formação, pois apresenta a “ideia de que os professores possam vivenciar uma metodologia de ensino de língua que trabalha com gêneros textuais por meio de sequências didáticas” (CLARA, 2008, p. 5).

Essa proposta da OLP e o resultado do trabalho realizado com os alunos – as produções do gênero textual *relato de memórias* – possibilitaram a constituição do *corpus* desta pesquisa, cuja seleção resultou em produções de memórias de 5 (cinco) alunos do 8º ano do ensino fundamental da escola pública referida anteriormente, sendo 6 (seis) produções de cada aluno, totalizando 30 (trinta) textos escolhidos aleatoriamente.

2.5 Desenvolvimento da proposta de pesquisa e o contexto escolar de produção

No Caderno do Professor – Orientação para produção de textos, a equipe da OLP (Quadro 5) apresenta o roteiro de atividades a ser seguido pelo professor no período de preparação que resultará na escrita final dos alunos. Assim, segundo essa equipe, cada uma das oficinas foi organizada para tratar de um conteúdo didático vinculado ao planejamento anual da série em questão e ao gênero memórias.

Seguimos parcialmente as orientações para a realização das oficinas, propostas no caderno, pois em alguns momentos, durante o percurso, faltaram-nos recursos técnicos e apoio pedagógico para a conclusão de nosso trabalho utilizando o blog, de modo que cada aluno efetuou seus registros em seu caderno.

As oficinas ocorreram de acordo com o disposto abaixo.

Introdução

A Introdução, intitulada *Toda memória tem uma história*, aconteceu em sala de aula da escola. Nessa ocasião, eu, como professora titular e pesquisadora, apresentei a proposta do trabalho aos alunos, seguida de uma breve noção da definição de memórias literárias e suas marcas, bem como as orientações para a próxima oficina.

Oficina 1

Objetivos: sensibilizar os alunos a respeito do valor da experiência das pessoas mais velhas; compreender o que é memória; entender como objetos e imagens podem trazer a história de um tempo passado.

A primeira etapa da Oficina 1 (na sala de aula) propiciou o trabalho com a oralidade. Os alunos relataram algumas lembranças e expuseram fotografias e objetos antigos recolhidos em suas casas e na comunidade.

Ainda nessa etapa, alterei a ordem das oficinas – em vez de seguir a orientação, que era a de somente o aluno contar o que ouviu e levar um objeto antigo para a sala de aula para mostrar para a turma, considerei conveniente que cada um dos alunos fizesse a primeira produção no blog como uma atividade de sondagem da escrita de cada um deles. Para isso, ele deveria relembrar alguma coisa que costumava fazer quando criança ou um acontecimento marcante de quando era bem pequeno e escrever um pequeno texto.

Essa atividade resultou nos pequenos textos produzidos e dispostos a seguir:

Quadro 6: Oficina 1 – Primeira produção dos alunos (no blog).

Aluno 1

olá professora,tenho uma história para te contar.Quando tinha 10 anos viagei para ver minha família na fazenda.Lá tem muitos pés de ciriguela e fui bricar de guerrinha com ciriguelas verdes, com meus primos,e me acertaram uma ciriguela bem na testa e cresceu um galo enorme na minha testa e eu chorei, beijos.

Aluno 2

Olá professora!!!

Eu me lembro quando eu tinha 5 anos, eu fiquei doente por causa que eu queria um cachorro-quente, numa barraquinha na esquina da minha casa e isso já era de madrugada, minha mãe foi de madrugada na casa da mulher comprar um cachorro-quente, quando eu comi a febre passou!!!

Aluno 3

A minha lembrança é meio dolorida. Eu sempre fui magricelo, e quando eu tinha 5 anos +ou- eu estava brincando de lutinha com meus primos, quando a minha prima, Camila, puxou o meu braço com força. Aí eu acabei destroncando o braço. Não aguentava nem movimentar meus dedos. Mais o negócio doeu mesmo quando eu fui na Santa Casa colocar o braço no lugar. doeu demais!!! Foi a pior dor da minha vida. Mas melhorou depois. Daí em diante, nunca mais brinquei de luta e lembro da dor até hoje.

Aluno 4

Olá professora!!!

Eu me lembro das férias que passava na fazenda do subrinho da minha avó. Eu, minha irmã e meus primos e primas, nos andávamos de cavalo e tomávamos banho no corgo da fazenda, e no calabouço era muito legal, corriamos atrás das galinhas. Também me lembro que nossos pais nos levavam para pescar, éra uma diversão as vezes um pegava mais peixes que o outro, e outras vezes que quase não vinha peixes ´sabem é como dizem "um dia da caça e outro do caçador". As vezes o corros atolava na lama por causa da chuva e quem ajudava? NÓS as crianças é claro, nós desíamos do carro e nos jusavamos na lama tentando empurrar o carro até ele desatolava. Essas eram as nossas melhores férias.

Enfim acho que falei de mais tchau professora!!!!

Aluno 5

oi professora

eu me lembro das minhas férias na casa dos meus avós, eles moram em outra cidade por isso só visito eles nas férias.

Lá tinha um cachorro muito bravo e que eu gostava dele. Eu vim para Campo Grande quando fui para a casa dos meus avós de novo o cachorro hávia morrido e tinha muitos gatos lá, comiam tudo que que era deixado na mesa eu sempre espantava eles, um dia eu fui seco para espantar um gato como se fosse morder ele mas na verdade quem me mordeu foi ele.

Os textos escritos no diário virtual – blog, produzidos pelos alunos nesta primeira etapa da Oficina 1 consistiram num total de 5 (cinco) textos.

Na segunda etapa da Oficina 1, os alunos fizeram leituras de memórias e refletiram sobre sua origem e sobre as pessoas que têm algo a nos contar. Eles foram orientados a se reunir em grupo de 4 (quatro) alunos e realizar a primeira entrevista com pessoas mais velhas - um parente, um amigo da família, um vizinho - para conhecer as memórias que eles têm para relatar. Essa foi uma atividade que

propiciou o primeiro trabalho dos alunos em grupo, de modo que os que demonstraram maior domínio da oralidade e escrita puderam ajudar os colegas com menor domínio, contribuindo para a evolução cognitiva destes. Eles deveriam anotar as respostas obtidas na entrevista e trazer suas anotações para a sala de aula na próxima aula, para relatar aos colegas.

Mais uma vez mudei a ordem das oficinas, solicitando que os alunos pensassem na narrativa que a pessoa entrevistada contou e a reescrevesse no blog, como se fosse o(a) próprio(a) entrevistado(a).

Assim surgiu a segunda produção, conforme o quadro abaixo:

Quadro 7: Oficina 2 – Segunda produção dos alunos (no blog).

Aluno 1

Eu tenho 54, e meu nome é Antonia Valençuelo Rodes, tenho uma foto que foi tirada em 1995 que lembro de minha neta, filhas, minha mãe e minha vó em Campo Grande. Em Ponta Porã tenho outra foto que quando olho lembro da minha primeira festa junina em outra cidade, essa foto foi tirada em 1998 e guardo com muito carinho.

Aluno 2

Meu nome é Daniele naci em Campo Grande kapital do Estado de MS em 1958. Nesse tempo a cidade naum era taum gde como é hj.

Vivi toda minha infância aqui em CG, eramos livre, agente pudia brinca na rua sem pirigo nem um.

Lembro da minha primeira bicicleta, tbm da minha professora do primero ano, dos mininos e mininas que jogava bola e brinkava de pião kumigo. Meus vestidos eram lindus com lacinhus e eu era uma minina feliz nakele tempo.

Depois me kase e tive 3 filhos que me deram netos. P issu sou uma mulher muito feliz aki em CG.

Aluno 3

Esses são alguns relatos da minha mãe, Elisângela.

Relatos de minha vida

Meu mome é Elisângela, tenho 34 anos e sou de Campo Grande.

Nessa cidade eu tenho fotos e objetos que recordam pate da minha vida. Eu tenho uma foto de quando eu tinha 5 anos de idade e que tirei junto com minha irmã Loraine, que na época tinha 1 aninho. eu me lembro que meu pai Eutácio tirou essa foto nossa. Nós morávamos aqui mesmo em Campo Grande e erâmos muito felizes. Mesmo pequenininha, eu lembro de várias coisas. Outra foto marca o início de uma nova fase da minha vida: meu noivado com o meu marido e pai dos meus filhos Alberto. Erâmos e continuamos muito apaixonados. Eu tinha 19 anos quando noivei. Temos 3 filhos muito abençoados: Matheus de 13 anos, Maria Mariana de 10, e o caçulinha João Pedro de 3

aninhos. Ainda tenho a lembrancinha que foi dada no meu casamento em maio de 1994, são 2 pombinhas abraçadas.

Também tenho uma foto muito legal que tirei em Laguna, SC, em julho de 1993. Na época, fui morar na casa do meu irmão Edson e da minha cunhada Sandra, para ajudar eles a cuidarem do seu filho recém-nascido Victor. Laguna é um lugar muito belo. Aproveitei que estava lá e fui para a praia. Pena que era inverno, mesmo assim tirei fotos de lá da praia e de laguna também. Tenho muita outras fotos, mais essas recordam os momentos mais marcante da minha vida.

Aluno 4

Oi meu nome é Nelson Gracia Alves, tenho 74 e vou contar uma história das décadas de 50 e 60.

Memórias de um trabalhador.

Eu trabalhei muito com trens para ser exato na década de 50 e 60, fiz um curso em Bauru e trabalhei em Três Lagoas, e na estação de atoladeira perto de Água Clara.

Uma vez um trem tombou na estação de atoladeira e eu fui socorrer o trem, o trabalho foi duro mais no final deu tudo certo conseguimos desvirar o trem, isso aconteceu no final da década de 50 em 1958.

Os cursos que eu fiz em Bauru foi também no final da década de 60 em 1968, 10 anos depois do tomo do trem na estação de atoladeira, eu tinha muitos companheiros de curso isso era muitos bom. Faz muito tempo que eu não vejo meus companheiros de trabalho e de curso, esses eram boens tempos.

Aluno 5

Quando eu tinha 27 anos eu servi o quartel na minha cidade natal -Fátima do sul- e aprendi muitas coisas que uso diariamente logo depois vim para Campo Grande e conheci a minha mulher hoje sou casado e tenho 1 filho ,que está escrevendo este comentário.

Os textos escritos no diário virtual – blog, produzidos pelos alunos na Oficina 2, consistiram num total de 5 (cinco).

Oficina 2

Objetivos: explicar como será o trabalho, a produção dos textos de memória e a organização de uma coletânea; apresentar a situação de produção.

Na primeira etapa da Oficina 1, cada aluno se colocou no lugar do entrevistado e relatou oralmente o seu primeiro texto em primeira pessoa.

Na segunda etapa da Oficina 2, juntamente com a professora, os alunos prepararam um cartaz com o plano de trabalho para poderem acompanhar as etapas já realizadas e as que estavam por acontecer. Salientamos que o calendário não foi

cumprido tal como foi pensado, devido à falta de organização da equipe técnico-pedagógica que programou outros eventos em algumas das datas previstas para as atividades. Essas mudanças comprometeram parcialmente nossos trabalhos.

Oficina 3

Objetivos: produzir o primeiro texto individual; planejar como intervir no processo de aprendizagem do aluno com base no diagnóstico inicial.

Aqui deveria ser a produção do primeiro texto do aluno no caderno, mas devido às alterações feitas por mim, foi a terceira produção no blog.

Antes, porém, trabalhei em sala os critérios do processo de retextualização, segundo a concepção de Marcuschi (2008b), o qual nos alerta para o fato de que uma atividade de retextualização envolve interferências na *forma e substância e conteúdo e expressão* abrangendo quatro níveis: *nível da substância da expressão, nível da forma de expressão, nível da forma do conteúdo e nível da substância do conteúdo*. Assim, ao retextualizar um texto, ocorrem transformações nos tempos verbais, nos pronomes, nos adjuntos adverbiais, como também se excluem as repetições, as hesitações, as onomatopéias e as demais formas pertencentes à oralidade. Os alunos entenderam que fazer uma transcrição da fala de uma pessoa é realizar uma atividade que consiste em manter a fala original dela, sem alterar ou modificar suas partes substancialmente importantes, para que não se cometa uma incoerência entre o texto original e o texto retextualizado.

Marcuschi (2008b, p. 48) apresenta-nos quatro possibilidades de retextualização, considerando fala e escrita e suas combinações:

Quadro 8: Possibilidades de retextualização

Modalidade	Modalidade	Exemplos
1. Fala →	Escrita →	(entrevista oral → entrevista impressa)
2. Fala →	Fala →	(conferência → tradução simultânea)
3. Escrita →	Fala →	(texto escrito → exposição oral)
4. Escrita →	Escrita →	(texto escrito → resumo escrito)

Fonte: Marcuschi (2008b, p. 48).

Expliquei aos alunos numa linguagem simples, de fácil entendimento para a faixa etária em questão, que, na retextualização do texto falado para o escrito, faz-se necessário, primeiramente, fazer a transcrição da fala, obtendo-se uma transcodificação em que se passa da substância e forma da expressão oral para a substância e forma da expressão escrita, de modo que sejam contempladas as operações textuais e discursivas em um dos quatro níveis de relação apresentados pela linguista Rey-Debove (1996) e retomados por Marcuschi (2008b, p. 50):

- 1) *nível da substância da expressão* – materialidade linguística; considera a correspondência entre *letra* e *som*;
- 2) *nível da forma da expressão* – materialidade linguística; os signos falados e escritos; distinção entre a forma do *grafema* (a grafia usual) e do *fonema* na realização fonética (a pronúncia);
- 3) *nível da forma do conteúdo* – relações entre as unidades significantes (expressões, itens lexicais ou sintagmas) orais e as correspondentes unidades significantes escritas que operam como sinônima no plano da própria língua, tal como dicionarizada, mas de realização diferente na fala e na escrita;
- 4) *nível da substância do conteúdo* – realizações linguísticas que se equivalem do ponto de vista pragmático, isto é, do uso situacional e contextual específico como, por exemplo, quando numa carta escrita dizemos: “*com os meus cumprimentos, inscrevo-me*”; ao passo que num telefonema diríamos: “*olha, um abraço e um cheiro pra você, tá*”, na variante pernambucana.

Assim tivemos como base para as análises dos textos retextualizados as nove operações textuais-discursivas propostas por Marcuschi (2008b, pp. 77-86):

- 1) Eliminação de marcas estritamente interacionais, hesitações e partes de palavras (estratégia de eliminação baseada na idealização lingüística); [...]
- 2) Introdução da pontuação com base na intuição fornecida pela entoação das falas (estratégia de inserção em que a primeira tentativa sugere a sugestão da prosódia); [...]
- 3) Retirada de repetições, reduplicações, redundâncias, paráfrases e pronomes egóticos (estratégia de eliminação para uma condensação lingüística); [...]
- 4) Introdução da paragrafação e pontuação detalhada sem modificação da ordem dos tópicos discursivos (estratégia de inserção): [...]
- 5) Introdução de marcas metalingüísticas para referenciação de ações e verbalização de contextos expressos por dêitico (estratégia de reformulação objetivando explicitude); [...]
- 6) Reconstrução de estruturas truncadas, concordâncias, reordenação sintática, encadeamentos (estratégia de reconstrução em função da norma escrita); [...]
- 7) Tratamento estilístico com seleção de novas estruturas sintáticas e novas opções léxicas (estratégia de substituição visando a uma maior formalidade); [...]

- 8) Reordenação tópica do texto e reorganização da sequência argumentativa (estratégia de estruturação argumentativa; [...])
- 9) Agrupamento de argumentos condensando as idéias (estratégia de condensação).

Após essa intervenção em que foi possível atuar na zona proximal, identificando, planejando e explicando a retextualização do texto oral para o escrito, o aluno reescreveu a memória que mais lhe chamou a atenção, dentre as recontadas pelos seus colegas durante a exposição de objetos. Orientei os alunos para que eles escrevessem seu texto no blog, na primeira pessoa do discurso.

Quadro 9: Oficina 3 – Terceira produção dos alunos (no blog).

Aluno 1

A historia que mais chamou a minha atencao foi a da Gabriela

Ela é assim:

Na minha família tinha um relógio que meu avô trouxe do Japão. O relógio passou de geração a geração, primeiro meu avô, pelo meu pai, pelo meu irmão e agora pra mim.

Eu não gostei muito dessa ideia no começo, mais agora acho uma coisa significativa pra minha família e do valor no relógio. Porisso guardei ele num lugar bem especial em meu quarto pq não custava nada guarda o valor sentimental que ele tem pra minha família é muito grande.

Aluno 2

o matheus levou uma pombinha de gesso do casamento dos pais dele, eles tem esse objeto mais ou menos uns 15 anos.

Aluno 3

Meu nome é alberto, tenho 40 anos, nasci em Dourados-MS. Cresci em Dourados. Quando fiquei mais adulto, mudei para Campo Grande atrás de um emprego melhor. Deu certo. Além de ter arranjado emprego, construi uma família linda com minha esposa e meus 3 filhos. Tudo isso graças a Deus meus Senhor e Salvador!!!!!!!!!!!!

Aluno 4

Meu nome é Nelson. Um dia eu e minha familia fomos até a chacara da sobrinha do meu avô, neste dia saímos bem cedo de casa para chegar la a ponto de de ajudar no almoço. Antes do almoço nós matamos dois porcos, retiramos a banha dele e assamos o porco. Depois do almoço eu fui andar de cavalo até um tempo eu estava andando bem, mas ai o cavalo começou a correr, e eu esperei o momento oportuno para saltar do cavalo, quando o cavalo passou pela grama eu saltei, cai de costas, fiquei dolorido uma semana, mas como tudo é passageiro a dor passou. Nós fomos embora a tarde, chegamos na nossa casa a noite e depois jantamos tomamos banho e fomos dormir

Aluno 5

Eu gostei muito da historia do Matheus, ele contou a hsitoria da mãe dele a dona Elisângela.

Ela nasceu em Campo Grande e parece que tem 34 anos, ele falou que ela tirou muitas fotos quando era criança e depois falou do noivado dela e que hoje ela tem 3 filhos: o Matheus, a Maria Mariana e o João Pedro.

Os textos escritos no diário virtual – blog, produzidos pelos alunos na Oficina 3 consistiram num total de 5 (cinco).

Ainda na Oficina 3, em que o aluno deveria escrever o seu primeiro relato de memórias solicitei que escrevesse no caderno as memórias da pessoa com quem ele conversou, colocando-se no lugar dela, como se fosse o entrevistado. Esse primeiro texto foi guardado para comparar com o texto final.

Quadro 10: Oficina 3 – Quarta produção dos alunos (no caderno).**Aluno 1**

A Queda

Em 15 de janeiro 1984, eu Cristiane Rodrigues, estava de ferias na escola Emanuel Ribeiro, que fica em Paranagi.

Nesse dia, um pouco mais tarde foi na casa da minha vó Dorvalina, e lá tinha um enorme pé de manga tam carregado que os galhos estavam até tortos. Eu subi até a onde eu consegui, mais, a manga que eu queria estava mais alto, eu subia e minha vó gritava: – Desse daí muleca você vai cair, ela falô isso umas 5 vezes mais é claro que eu fazia deconta que nem estava ouvindo. Mais todo mundo sabe que boca de mãe, pais e vó é poderosa, não deu mais dois minutos tava eu lá no chão igual a uma manga podre no chão.

Um pouco mais tarde, minha mãe Jacira chegou, e me escultou chorando do portão, correu até chegar na casa da minha vó, e lá ela olhopu pra mim e disse: – Você estava nas minhas tintas e eu respondi: – Não por quê? – Por que seu rosto está todo vermelho e minha vó falou: – Não isso é de tanto chorar, por quê ela caiu do pé de manga.

Aluno 2

Eu me chamo Francisca tenho 41 anos, e eu me lembro que no dia 18 de julho de 2002 eu recebi um cartão e um vasinho de margaridas do meu filho Deividson.

Esses presentes foi para comemorar o meu aniversário de 36 anos, isso aconteceu comigo em Mato Grosso do Sul na cidade de Campo Grande.

Eu me senti muito feliz por o meu filho que a seis anos atrás tinha 15 anos ter lembrado do meu aniversário com tanto carinho.

Para ver como eu fiquei tão feliz eu até chorei, guardo até hoje esse lindo cartão, quando você abre o cartão ele começa a cantar a música parabéns pra você.

Eu vou guardar essa lembrança o resto de minha vida, quando eu estiver bem velhinha e os meus filhos já terem os seus filhos, eu vou contar para os meus netos essa história.

Aluno 3

Uma história de amor

Meu nome é Elisângela, tenho 34 anos de idade, e vou contar a história de amor minha e de meu marido Alberto, meu eterno namorado, e dos meus filhotes, Matheus, Mariana de João Pedro.

Tudo começou na Igreja Batista do Guanandy, quando nós dois se conheceram. Meu pai se ofereceu para levar minha mãe em casa. Nós começamos a conversar e criamos afinidade. Logo estávamos namorando. O namoro foi muito aprovado pelos nossos pais. Começamos a namorar em 1993, o mesmo ano em que noivamos. Em maio de 94 nos casamos. Nos casamos na mesma igreja em que nos conhecemos: I, B, Guanady. A lembrancinha era um casal de pombinhas (que eu guardo até hoje). Fomos então morar no Aero Rancho, aqui mesmo em Campo Grande. No dia 5 de janeiro de 1995 nasceu nosso filho primogênito Matheus (que me entrevistou). Mudamos numa outra casa, no Aero Rancho e tivemos nossa filha Maria Mariana, no dia 11 de dezembro de 1997. Nossa família sempre muito feliz já parecia lotada quando recebemos no dia 28 de dezembro de 2004 nosso caçulinha João Pedro. Minha alegria estava completa.

Nós já passamos muitas lutas e provações, mas Deus sempre nos sustentou. Tudo isso é graças a Deus.

Aluno 4

Minhas Memórias

Oi meu nome é Nelson eu vou contar uma história que aconteceu comigo em dezembro de 2001 na fazenda do subrinho da Minha avó. Eu tinha 6 anos e é uma história real e um tanto dolorosa que aconteceu comigo.

No dia 13c de dezembro a manhã começou calma, eu, minha irmã e meus primos estávamos brincando, pela fazenda, mais tarde na hora do almoço também estava muito tranqüilo. Depois do almoço é costume nosso de dormir na rede ao ar livre. Quando acordamos nos alimentamos os porcos e, eu e meus primos vamos tomar banho no córrego, e nossos pais vão olhar, na volta do córrego por a cara perto do mangleiro, do pé de manga, tinha um prego cravado na areia, quando eu estava passando por lá eu pisei na cabeça do prego que estava cravado na terra, o prego perfuro meu pé mais não chegou a atravessar ele.

Minha mãe logo vez o curativo, sangro bastante, mas não chorei tanto. Depois de um tempo mancando voltei a brincar com minha irmã e meus primos ai nós jantamos e fomos dormir.

Aluno 5

Uma história do exército

Meu nome é João Amaro Ribeiro e tenho 46 anos nasci em agosto de 1961 em Fátima do Sul e vou contar a história dos meus dias no exército:

No ano de 1980 eu completei 18 anos e estava em dúvida se serviria no quartel, entre dúvidas e decisões decidi prestar ao exército, mesmo com um ano de atraso.

Lembro que nos meus primeiros dias, não conseguia me acostumar à Rotina de lá; todos os dias a minha rotina era dura: sempre acordando cedo, algumas vezes nem dormindo, comendo depressa e vivendo em ocasiões de perigo constantes, desbravando matas atravessando obstáculos e tomando decisões importantes.

O tempo passou e eu fui junto passei por várias cidades e hoje morro em Campo Grande onde me casei comprei minha própria casa e tive 1 filho que está escrevendo essa memória.

Os textos escritos no caderno, produzidos pelos alunos na Oficina 3, consistiram num total de 5 (cinco) textos.

Oficina 4

Objetivo: apresentar ao aluno textos de memórias de pessoas mais velhas.

Na primeira etapa da Oficina 4, os alunos tiveram contato com vários textos com os quais puderam refletir como: *Como num filme* (Antonio Gil Neto), *Parecida mas diferente* (Zélia Gattai), *Transplante de menina* (Tatiana Belinky), *Histórias da velha Arigó* (Ariadne Araújo), *Meus tempos de criança* (Rostand Paraíso), *A ameixeira-do-japão* (Érico Veríssimo), *A saga da Nhecolândia* (Roberto de Oliveira Campos).

Na segunda etapa, em grupo, após cada leitura, os alunos responderam, no caderno, às questões: O que cada título sugere? Do que podem tratar os textos? Qual deles despertou maior curiosidade em cada um de vocês? Após isso, foram convidados a se dirigirem à STE para postar os comentários no blog, acerca dos textos que mais gostaram, e responderam às perguntas: Quem é o autor? Qual o motivo da escolha do texto? Do que fala o texto? Qual o trecho que deseja destacar e ler para os colegas?

Esse registro não foi levado em consideração para análise.

Oficina 5

Objetivos: identificar os recursos utilizados pelos autores nos textos de memórias literárias; entender como se faz a descrição de um acontecimento e como expressar sentimentos por meio das palavras.

Na Oficina 5, os alunos estudaram a *descrição* e analisaram textos.

Oficina 6

Objetivo: Estudar e aprender a usar sinais de pontuação.

Na primeira etapa da Oficina 6, trabalhamos o uso da vírgula.

Na segunda etapa da Oficina 6, trabalhamos o uso do travessão (usado para destacar trechos ou explicar termos desconhecidos do leitor) e do apostrofo (palavra ou expressão que explica ou que se relaciona com um termo anterior com a finalidade de esclarecer, explicar ou detalhar melhor esse termo).

Na terceira etapa da Oficina 6, trabalhamos o uso ponto de exclamação. Os alunos observaram fotos e imagens antigas e produziram um pequeno texto sobre o que observaram, como: cenário, objetos, cores, formas, luminosidade, movimento, vestuário, etc.

Essa atividade foi planejada para ser trabalhada na STE, porém a professora responsável pela sala, mesmo tendo agendado a aula, não estava presente. Diante disso, realizamos nossos trabalhos em sala de aula convencional, em grupo, visando trabalhar a ZPD e assim propiciar a outras possibilidades de apreensão do conteúdo.

Oficina 7

Objetivos: sensibilizar os alunos para as emoções dos relatos de memórias; observar como os autores comparam o tempo antigo com o atual; Identificar palavras e expressões usadas para remeter ao passado.

Os alunos tiveram acesso a mais leituras de memórias e responderam algumas perguntas como: Como eram os carros? E o trânsito? Como eram as construções? O que a autora quer dizer com a expressão “imaginação voando solta”? Como era a vida das pessoas? E seus valores? Como se divertiam?

Os alunos deveriam produzir um texto e visitar bibliotecas, porém, essa atividade não foi realizada, pois o tempo previsto para a conclusão dos trabalhos já estava se esgotando.

Oficina 8

Objetivo: observar o uso do pretérito perfeito e do imperfeito.

Essa Oficina tratou dos tempos verbais essenciais no gênero memórias: pretérito perfeito e pretérito imperfeito.

Na primeira etapa da Oficina 8, os alunos fizeram leituras de trechos de textos, identificaram os tempos em que os fatos se deram – se as expressões marcavam o momento exato em que as ações ocorreram ou se a ação ocorreu no presente ou passado, compararam textos com a intenção de verificar e identificar as diferenças entre os tempos verbais do passado – pretérito perfeito e pretérito imperfeito.

Aproveitei a oportunidade para mais uma intervenção, explicando os outros tempos verbais do modo indicativo nos textos. Essa intervenção da aprendizagem social (ZPD) foi planejada visando a apreensão dos tempos verbais.

Na segunda etapa da Oficina 8, trabalhei com mais leituras e, mais uma vez, os alunos responderam às questões: Quando ocorreu o fato que o autor narra? Como podemos saber? Além da data, o autor usa outras palavras que indicam o passado? Quais são elas? Em que tempo estão os verbos? Por que o autor usou esse tempo verbal? Após as explicações dos alunos, reforçamos o uso dos verbos nos textos, propiciando ao educando maior desenvolvimento da aprendizagem.

Oficina 9

Objetivo: Identificar palavras e expressões que marcam o tempo passado.

Os alunos deram continuidade à Oficina anterior, trabalharam com trechos de textos e identificaram palavras que ajudam a localizar o leitor na época em que os fatos ocorreram.

Para finalizar, os alunos deveriam produzir um texto explorando o que estudaram, porém não foi feito, pois o prazo estabelecido pela equipe organizadora da OLP, para a conclusão das atividades e entrega das produções, já estava se esgotando.

Na segunda etapa, os alunos identificaram palavras e expressões desconhecidas ou em desuso e, em princípio, tentaram descobrir o significado no contexto; após isso, recorreram ao dicionário para consultar os verbetes.

Oficina 10

Objetivo: Planejar e realizar entrevistas com as pessoas mais velhas da comunidade.

Os alunos deveriam escolher pessoas para contar histórias, que serviriam de base para os textos de memórias. Essa(s) pessoa(s) seria(m) convidada(s) a comparecerem à escola para serem entrevistadas pelos alunos.

Essa atividade não aconteceu da forma como foi pensada, que era escolher algumas pessoas da comunidade e convidá-las a irem até a escola, e lá, entrevistá-las, de modo que todos os alunos pudessem participar das entrevistas. Assim, cada aluno escolheu uma pessoa (parente ou vizinho) para entrevistar e, de posse de um questionário norteador de sua entrevista, pensado pelo grupo, na sala de aula, fez a entrevista com base nos temas escolhidos, que poderiam despertar lembranças nos entrevistados.

Os temas apresentados no Caderno do professor foram: Modos de viver do passado; Transformações físicas da comunidade; Origem da comunidade; Antigos lugares de trabalho; Profissões que desapareceram e Eventos marcantes. E os escolhidos pelos alunos foram:

- **Modos de viver do passado:** o jeito de namorar, frequentar a escola, brincar, cozinhar, relacionar-se com os pais, o modo de vestir, comprar, viajar, cultivar a terra, comercializar, produzir objetos, festejar datas especiais; a participação na vida social.
- **Transformações físicas da comunidade:** aparência das construções, ruas e praças de outros tempos, história da construção de edifícios, do crescimento da cidade, da destruição da natureza do lugar.

Mais uma vez, os alunos aprenderam um pouco sobre retextualização.

A seguir, apresentamos o questionário elaborado pelos alunos em sala de aula para a entrevista.

Quadro 11: Questões elaboradas para a entrevista.

Entrevista	
1.	Nome:
2.	Idade:
3.	Local de nascimento:
4.	Onde mora atualmente e há quanto tempo?
5.	Onde viveu a maior parte de sua infância, como foi? Como era a cidade? Conte-nos.
6.	O que as pessoas costumavam fazer para se divertir? De que as crianças mais gostavam de brincar?
7.	Como eram os trajes naquela época?
8.	Conte-nos algum acontecimento marcante da sua infância?
9.	Sente saudade daquela época?
10.	E hoje, você sabe como está a cidade? Conte-nos.
11.	Como você lida com essas lembranças do passado?

Oficina 11

Objetivo: Produzir um texto coletivo.

Após a entrevista, os alunos deveriam produzir um texto coletivo (toda a sala) sobre o relato do entrevistado. Porém cada grupo de 5 alunos entrevistou uma pessoa diferente e, assim, o texto coletivo foi escrito pelo grupo, no caderno, e não pela sala como sugerido no Caderno do professor.

Essa situação de escrita coletiva contemplou os dois níveis de desenvolvimento – o real e o proximal –, propiciando maior interação entre desenvolvimento e aprendizagem no contexto escolar, colaborando para o resgate e organização dos recursos aprendidos nas oficinas anteriores. Para a realização dessa atividade de escrita, os alunos tiveram mais orientações acerca da retextualização de texto oral para o escrito, com base nos pressupostos de Marcuschi (2008).

Oficina 12

Objetivo: Escrever individualmente o texto final.

Essa etapa tratou do produto final. Cada aluno produziu o seu texto individual, com base na entrevista. Também foi orientado que sua produção seria aprimorada, para participar do concurso. E, para isso, de acordo com o Caderno do professor, deveriam:

- Retomar as informações dadas pelo entrevistado no depoimento.
- Selecionar as histórias e fatos mais interessantes e pitorescos.
- Preservar o jeito particular de a pessoa contar aquilo que viveu.
- Transmitir ao leitor as sensações e emoções que surgiram durante a entrevista e as narradas pelo entrevistado.
- Citar objetos e costumes de antigamente, fazendo comparações entre o passado e o presente.
- Usar palavras e expressões que marquem o tempo passado.
- Mostrar os sentimentos e sensações rememorados pelos entrevistados: as cores, os cheiros, os sabores e os movimentos. (CLARA, 2008, p. 58).

De posse dessas informações, produziram o quinto texto, conforme segue.

Quadro 12: Oficina 12 – Quinta produção dos alunos (no caderno).

Aluno1

Minhas Memórias

Meu nome é Cristiane Rodriguês, tenho 46 anos, nasci em Paranagi estado do Parana. Atualmente moro em Campo Grande. Vivi no Paranagi estado do Parana até os 20 anos depois mudei para Campo Grande. No começo foi difícil morar aqui porque eu não conhecia ninguém, e eu e meu marido viemos desempregados.

Vivo em Campo Grande a 11 anos, com meus filhos e marido. Vivi minha infância no Paranagi, e é aqui que eu começo contar minha infância. – Minha infância não era igual a dessas crianças de hoje em dia, eu tinha que ir para roça com minha mãe para ajudar em casa. Mas certo dia, eu e minhas duas irmãs fomos perguntar para minha mãe se podíamos andar com a bicicleta que estava no paiou, pela cidade, então ela disse que não porque era do tio Jaime, quando minha mãe saiu para trabalhar eu peguei a bicicleta e fui andar pela cidade, vi a igreja, casas de madeira, passei pela praça que estava cheia de gente com roupas engraçadas, passei por ruas de pedras e de asfaltos, pelo campo de futebol e pelo barracão e quando estava na rua de casa bati com a bicicleta no poste e cai de cara no chão e ainda estraguei toda bicicleta toda quebrada, e o juelho ralado e a testa cortada, meu tio veio direto falar comigo perguntar como eu estava, e de pois ele foi ver a

bicicleta, estava toda regaçada, e ele falou que ia no ferro velho vender a bicicleta antes que a minha mãe chegasse porque se não ela ia me bater, fui brincar com as minhas irmãs de esconde esconde.

Todo ano eu vou para lá, a cidade não mudou foram aquelas pessoas que mudaram de roupas. Tenho saudades dos amigos que lá deixei, mas não me arrependo de nada porque estou muito bem nesta cidade, Campo Grande é uma cidade bonita com muitos pontos turísticos, e o que mais me atrai nesta cidade são as pessoas cada uma com seu jeito.

Aluno 2

Eu Francisca de Assis Silva de Oliveira, tenho 42 anos, nasci em Recife, moro atualmente em Campo Grande, vivi doze anos em Recife, depois fui para São Paulo e lá foi uma época muito boa que me diverti muito, vivo em Campo Grande há 10 anos

Minha infância foi muito difícil desde pequena tive que trabalhar, minha cidade tinha muitas praças e parques, na época do halloween as pessoas se vestiam muito engraçado, uns se vestiam até de bruxa, e um acontecimento que marcou a minha vida foi quando eu fui no sítio do meu tio e ganhei uma bicicleta.

Naquele tempo a gente costumava se reunir na praça para brincar de esconde-esconde, a brincadeira que eu mais gostava era a do cordão, você tinha que colocar a mão dentro do buraco e traçalo até alguém errar, uma coisa que eu me lembro que aconteceu na minha infância foi quando eu fui a noiva na festa junina, hoje minha cidade está muito linda como sempre, mas que pena que as pessoas não se veste como naquela época.

Eu sinto muita saudade da minha cidade natal e dos meus amigos, minha vida em Campo Grande é muito legal, vivo com a minha família, o meu marido e os meus quatro filhos.

Campo Grande é uma cidade que tem muito lazer, o que eu mais gosto dessa cidade é o shopping. Tem vezes que eu me lembro das boas lembranças que vivi na minha cidade natal.

Aluno 3

O tempo passa depressa

Meu nome é Alberto Carlos da Silva, tenho 40 anos, nasci em Dourados – MS e atualmente moro em Campo Grande – MS também.

Vivi em Dourados 24 anos. Depois de todos esses anos mudei para Campo Grande, para tentar arrumar um emprego melhor. Foi ótimo! Eu tive experiências novas. Há 17 vivo aqui em Campo Grande. Minha infância em Dourados foi muito bem aproveitada. Me diverti muito. Gostei muito de ser criança: Dourados era uma cidade simples, pequena e que todos se conheciam, as casas eram bem humildes, as pessoas mais chamativas, e quem quisesse vestia as calças “boca de sino” que era moda na época. Que época boa! Uma das coisas que mais marcou minha infância foi minha amizade com meus amigos Rogério e Renato. Nós fazíamos tudo: jogávamos bola, brincávamos de “bang-

bang”, carrinho de “rolimã”, de “hominho” e muito mais coisas. Mais o que mais gostava mesmo era jogar bola.

Uma vez eu atravessei a cidade de Dourados inteira. E eu só tinha 6 anos. Eu estava na casa da minha tia e fiquei com saudades da minha casa, então voltei sozinho pra casa.

Hoje a velha cidade de Dourados está movimentada. As pessoas não usam mais calça “boca de sino”, elas vestem-se de acordo com a moda atual.

Da cidade eu não tenho muita saudade, mas das pessoas que eu deixei lá, sim.

Hoje, minha vida aqui em Campo Grande é boa. Tenho uma família linda, com minha esposa Elisângela, e os meus 3 filhos: Matheus, Maria Mariana e João Pedro. Vivo muito bem aqui. Campo Grande a “cidade morena” é muito bonita, organizada e gostosa de se viver. O que eu mais gosto aqui não é nenhum ponto turístico, objeto ou lugar, o que eu mais gosto é da minha casa.

As lembranças do passado me trazem boas recordações, assim como o presente. Tudo que eu conquistei, tudo que eu vivi, tudo na minha vida se deve a Deus e sem Ele eu não seria nada. Obrigado Deus!.

Aluno 4

Memórias de um menino

Olá meu nome é Nelson Garcia Alves Neto sou filho de Raimunda de Souza Alves e Everson Ferreira Alves irmão de Mariana de Souza Alves, eu tenho 13 anos e nasci e cresci em Campo Grande, minha infância foi como a infância de qualquer criança cheia de brincadeiras e algumas brigas, naquela época a cidade era mais calma com pouco movimento na minha rua, mais como a cidade cresceu assim como o movimento de lá, as pessoas saiam mais para ficar na calçada conversando mais agora com a tecnologia ou falta de alguém elas raramente saem.

Eu queria contar uma coisa que aconteceu comigo. Um tombo de bicicleta muito feio, eu e meu amigo estávamos descendo a rua de casa até que, resolvemos, trocar de bicicleta e a dele não tinha freio e eu não sabia, eu comecei a descer a rua pedalando, quando ele me avisa que a bicicleta não tinha freio e então quando eu estava preste a atravessar a rua 13 de maio, eu saltei da bicicleta perto da calçada fiquei todo ralado e com um galo enorme na cabeça, mas estou vivo e bem.

Naquele tempo eu e meus amigos costumavam jogar aviões de papel na rua, aproveitando o pouco movimento da rua, atacávamos um nos outros, era muito legal. Hoje a cidade está maior, mais bela e mais tumultuada de pessoas e carros. Algumas coisas mudaram no jeito de se vestir como as camisas, antes eram mais claras quase sem estampas mais agora quase todas as camisas são estampadas. Hoje a cidade está muito mudada, pra melhor, mais quente, mais está maior. Eu vivo com minha família, meu vô, minha mãe, meu pai, minha irmã, meu tio, minha tia, minha madrinha e meu primo pequeno, é bastante gente mais é legal viver com um monte de gente. Eu gosto dos

pontos turísticos de Campo Grande, como a Casa do Artesão, a Igreja São Francisco e etc... Se eu me mudar de Campo Grande nunca esquecerei dessa cidade.

Aluno 5

As Minhas Memórias

Meu nome é João Amaro Ribeiro e tenho 46 anos nasci em Fatina do Sul, carinhosamente chamada de favo de mel, e hoje moro em Canpo Grande.

Vivi grande parte de minha juventude, onde nasci, aproximadamente 14 anos, depois eu e meu pai viajamos por vários lugares do Brasil e do estado, até “estacionar” em Dourados onde passei alguns anos, foi espetacular os lugares por onde passei.

Vin para Canpo Grande à uns vinte anos – nas minhas viagens achei esse lugar exuberante, e por isso moro aqui até hoje – .

Gostava muito da minha infância era uma idade livre e sem preocupações, adorava “bater uma bolinha” com os meus irmãos na aquelas terras vermelhas que nos deixava encardidos no final da tarde, jogar bolita nos asfaltos e soltar pipa nos campos, adorava minha época – pois não havia essas máquinas que nos prende a uma tela de televisão o dia inteiro, nossos brinquedos eram artesanais e muito mais divertidos – .

A cidade não era lá essas coisas, mas era um cantinho bom para se viver, onde a gente podia criar alguns animalsinhos e viver do que se plantava.

Daquele tempo para hoje as roupas não mudaram muito, claro que é um pouco diferente, mas não é nen uma mudança espetacular.

Lenbro que uma vez ganhei uma caniseta do meu pai de um pano muito cobiçado naquela época, chamado “volta ao mundo”, hoje quen a vê fala que é pano para mosqueteiro! há há há há...

A brincadeira que eu mais gostava, era brincar com um brinquedo artesanal que nos fazianos abase de uma caretilha, vela e 1 borrachinha daquelas de anarrar dinheiro, fazia um “parangolé” e o brinquedinho saía andando na terra.

Hoje Canpo Grande ganhou várias melhoras e inovações que não havia naquele tempo, virou uma grande capital com vários meios que facilitam nossa vida.

Não tenho saudades dos meus antigos colegas pois já faz tempo que não visito a cidade, e não me lenbro direito deles os meus pais já faleceram e meus parentes mais proximos como meus irmões e irmãs moram perto de minha casa. Hoje sou feliz em Canpo Grande onde trabalho de pedreiro – profissão que senpre me garantiu sustento e felicidade – sou feliz por que vivo com minha fanília, a minha mulher e meu filho.

O que eu mais gosto na cidade são os campos e as fazendas onde eu melembro a diversão da minha infância, só guardo recordações boas, pois na minha vida só guardo aquilo que me faz feliz.

Os textos escritos no caderno, produzidos pelos alunos na Oficina 12, consistiram num total de 5 (cinco).

Oficina 13

Objetivo: Fazer a revisão e o aprimoramento do texto.

Os alunos fizeram uma atividade sugerida no Caderno do Professor, a qual consistia em aprimorar um texto que, pelo não cumprimento da estrutura de um relato de memórias, não seria classificado no concurso (na OLP), pois não atendia aos critérios exigidos pela comissão. Essa atividade foi prevista como aquecimento, para ajudar na tarefa de aperfeiçoamento do texto individual final produzido por eles. Em seguida, tiveram acesso a uma cópia do roteiro sugerido pelos organizadores do evento para a revisão do texto.

Os textos finais seguem no quadro abaixo:

Quadro 13: Oficina 13 – Sexta e última produção dos alunos.

Aluno 1

Minhas Memórias

Meu nome é Cristiane Rodriguês, tenho 46 anos, nasci em Paranagi estado do Paraná. Atualmente moro em Campo Grande. Vivi em Paranagi estado do Paraná até os 20 anos depois mudei para Campo Grande. No começo foi difícil morar aqui porque eu não conhecia ninguém, e eu e meu marido viemos desempregados.

Vivo em Campo Grande a 11 anos, com meus filhos e marido. Vivi minha infância no Paranagi, e é aqui que eu começo contar minha infância.

Minha infância não era igual a dessas crianças de hoje em dia, eu tinha que ir para roça com minha mãe para ajudar em casa. Mas certo dia, eu e minhas duas irmãs fomos perguntar para minha mãe se podíamos andar com a bicicleta que estava no paiol, pela cidade, então ela disse que não porque era do tio Jaime.

Quando minha mãe saiu para trabalhar eu peguei a bicicleta e fui andar pela cidade, vi a igreja, casas de madeira, passei pela praça que estava cheia de gente com roupas engraçadas, passei por ruas de pedras e de asfaltos, pelo campo de futebol e pelo barracão, e quando estava na rua de casa bati com a bicicleta no poste e cai de cara no chão e ainda estraguei toda bicicleta. Ela ficou toda quebrada, o joelho ralado e a testa cortada.

Meu tio veio direto falar comigo perguntar como eu estava, e de pois ele foi ver a bicicleta. Ela estava toda regaçada, e ele falou que ia no ferro velho vender a bicicleta antes que a minha mãe chegasse porque se não ela ia me bater, fui brincar com as minhas irmãs de esconde-esconde.

Todo ano eu vou para lá, a cidade não mudou foram aquelas pessoas que mudaram de roupas. Tenho saudades dos amigos que lá deixei, mas não me arrependo de nada porque estou

muito bem nesta cidade, Campo Grande é uma cidade bonita com muitos pontos turísticos, e o que mais me atrai nesta cidade são as pessoas, cada uma com seu jeito.

Aluno 2

Memórias da minha infância

Eu Francisca de Assis Silva de Oliveira, tenho 42 anos, nasci em Recife, moro atualmente em Campo Grande, vivi doze anos em Recife, depois fui para São Paulo e lá foi uma época muito boa que me diverti muito. Vivo em Campo Grande há 10 anos.

Minha infância foi muito difícil, desde pequena tive que trabalhar.

Minha cidade tinha muitas praças e parques.

Na época do halloween as pessoas se vestiam muito engraçado, uns se vestiam até de bruxa.

Um acontecimento que marcou a minha vida foi quando eu fui no sítio do meu tio e ganhei uma bicicleta.

Naquele tempo a gente costumava se reunir na praça para brincar de esconde-esconde, a brincadeira que eu mais gostava era a do cordão, você tinha que colocar a mão dentro do buraco e traçá-lo até alguém errar.

Uma coisa que eu me lembro que aconteceu na minha infância foi quando eu fui a noiva na festa junina.

Hoje minha cidade está muito linda como sempre, mas que pena que as pessoas não se veste como naquela época.

Eu sinto muita saudade da minha cidade natal e dos meus amigos, apesar da minha vida em Campo Grande ser muito legal, porque vivo com a minha família.

Campo Grande é uma cidade que tem muito lazer, o que eu mais gosto dessa cidade é o shopping. Mas as vezes que eu me lembro das boas lembranças que vivi na minha cidade natal.

Aluno 3

O tempo passa depressa

Meu nome é Alberto Carlos da Silva, tenho 40 anos, nasci em Dourados – MS e, atualmente, moro em Campo Grande – MS também.

Vivi em Dourados 24 anos. Depois de todos esses anos mudei para Campo Grande, para tentar arrumar um emprego melhor. Foi ótimo! Eu tive experiências novas. Há 17 anos vivo aqui em Campo Grande.

Minha infância em Dourados foi muito bem aproveitada. Me diverti muito. Gostei muito de ser criança: Dourados era uma cidade simples, pequena e que todos se conheciam, as casas eram bem humildes, as pessoas mais chamativas, e quem quisesse vestia as calças “boca de sino” que era moda na época. Que época boa! Uma das coisas que mais marcou minha infância foi minha amizade com meus amigos Rogério e Renato. Nós fazíamos tudo: jogávamos bola, brincávamos de bang-bang, carrinho de rolimã, de hominho e muito mais coisas. Mais o que mais gostava mesmo era de jogar bola.

Uma vez eu atravessei a cidade de Dourados inteira. E eu só tinha 6 anos. Eu estava na casa da minha tia e fiquei com saudade da minha e voltei sozinho pra casa.

Hoje, a velha cidade de Dourados está movimentada. As pessoas não usam mais calça boca de sino, elas vestem-se de acordo com a moda atual.

Da cidade eu não tenho muita saudade, mas das pessoas que eu deixei lá, sim.

Hoje, minha vida aqui em Campo Grande é boa. Tenho uma família linda, com minha esposa Elisângela, e os meus 3 filhos: Matheus, Maria Mariana e João Pedro. Vivo muito bem aqui. Campo Grande, a cidade morena, é muito bonita, organizada e gostosa de se viver. O que eu mais gosto aqui não é nenhum ponto turístico, objeto ou lugar, o que eu mais gosto é da minha casa.

As lembranças do passado me trazem boas recordações, assim como o presente. Tudo o que eu conquistei, tudo o que eu vivi, tudo na minha vida se deve a Deus e sem Ele eu não seria nada. Obrigado Deus!

Aluno 4

Memórias de um menino

Meu nome é Nelson Garcia Alves Neto, sou filho de Raimunda de Souza Alves e Everson Ferreira Alves e irmão de Mariana de Souza Alves. Eu tenho 13 anos e nasci e cresci em Campo Grande. Minha infância foi como a infância de qualquer criança, cheia de brincadeiras e algumas brigas. Naquela época a cidade era mais calma, com pouco movimento na minha rua, mais a cidade cresceu assim como o movimento, as pessoas saíam mais para ficar na calçada conversando, agora com a tecnologia ou falta de alguém elas raramente saem.

Eu queria contar uma coisa que aconteceu comigo. Um tombo de bicicleta muito feio. Eu e meu amigo estávamos descendo a rua de casa até que resolvemos trocar de bicicleta. A dele não tinha freio e eu não sabia, eu comecei a descer a rua pedalando, quando ele me avisa que a bicicleta não tinha freio e então quando eu estava preste a atravessar a rua 13 de maio, eu saltei da bicicleta perto da calçada fiquei todo ralado e com um galo enorme na cabeça, mas estou vivo e bem.

Naquele tempo eu e meus amigos costumávamos jogar aviões de papel na rua, aproveitando o pouco movimento da rua, atacávamos um nos outros, era muito legal.

Hoje a cidade está maior, mais bela e mais tumultuada de pessoas e carros. Algumas coisas mudaram no jeito de se vestir, como as camisas que antes eram mais claras quase sem estampas e agora quase todas as camisas são estampadas. Hoje a cidade está muito mudada, pra melhor, mais quente, mais está maior.

Eu vivo com minha família: meu vô, minha mãe, meu pai, minha irmã, meu tio, minha tia, minha madrinha e meu primo pequeno. É bastante gente, mas é legal viver com um monte de gente.

Eu gosto dos pontos turísticos de Campo Grande, como a Casa do Artesão, a Igreja São Francisco e etc. Se eu me mudar de Campo Grande nunca esquecerei dessa cidade.

Aluno 5

As Minhas Memórias

Meu nome é João Amaro Ribeiro e tenho 46 anos, nasci em Fátima do Sul, carinhosamente chamada de favo de mel, e hoje moro em Campo Grande.

Vivi grande parte de minha juventude, onde nasci, aproximadamente 14 anos. Depois eu e meu pai viajamos por vários lugares do Brasil e do estado, até estacionarmos em Dourados onde passei alguns anos, foram espetaculares os lugares por onde passamos.

Vim para Campo Grande há uns vinte anos. Nas minhas viagens achei esse lugar exuberante, e por isso moro aqui até hoje.

Gostava muito da minha infância era uma época livre e sem preocupações, adorava “bater uma bolinha” com os meus irmãos naquelas terras vermelhas que nos deixavam encardidos no final da tarde, jogar bolita nos asfaltos e soltar pipa nos campos, adorava minha época, pois não havia essas máquinas que nos prende a uma tela de televisão o dia inteiro, nossos brinquedos eram artesanais e muito mais divertidos.

A cidade não era lá essas coisas, mas era um cantinho bom para se viver, onde a gente podia criar alguns animaizinhos e viver do que se plantava.

Daquele tempo para hoje as roupas não mudaram muito, claro que é um pouco diferente, mas não é nem uma mudança espetacular.

Lembro que uma vez ganhei uma camiseta do meu pai de um pano muito cobiçado naquela época, chamado “volta ao mundo”, hoje quem a vê fala que é pano para mosqueteiro!

A brincadeira que eu mais gostava, era brincar com um brinquedo artesanal que nos fazíamos a base de uma carretilha, vela e 1 borrachinha daquelas de amarrar dinheiro, fazia um “parangolê” e o brinquedinho saía andando na terra.

Hoje Campo Grande ganhou várias melhoras e inovações que não havia naquele tempo, virou uma grande capital com vários meios que facilitam nossa vida.

Não tenho saudades dos meus antigos colegas, pois já faz tempo que não visito a cidade, e não me lembro direito deles.

Os meus pais já faleceram e meus parentes mais próximos como meus irmãos e irmãs moram perto de minha casa.

Hoje sou feliz em Campo Grande onde trabalho de pedreiro – profissão que sempre me garantiu sustento e felicidade. Sou feliz por que vivo com minha família, a minha mulher e meu filho.

O que eu mais gosto na cidade são os campos e as fazendas onde eu me lembro a diversão da minha infância, só guardo recordações boas, pois na minha vida só guardo aquilo que me faz feliz.

Os textos já revisados pelos alunos foram recolhidos. De posse deles e após as leituras, selecionei os três que se aproximavam de um relato de memórias e entreguei-os para a direção da escola, para serem avaliados pela Comissão Julgadora Escolar, que deveria seguir as orientações constantes no folheto “Orientações para a Comissão Julgadora” dispostas abaixo:

1. Composição da Comissão Julgadora Escolar

- A direção da escola é responsável por constituir esta Comissão Julgadora Escolar.

- A Comissão Julgadora Escolar deverá ser composta por, no mínimo, cinco avaliadores: o diretor da escola, dois professores de Língua Portuguesa, um representante dos pais de alunos e um representante da comunidade que, preferencialmente, desenvolva trabalho com a Língua Portuguesa (por exemplo: um jornalista, um escritor ou uma pessoa reconhecida na comunidade pelo domínio da Língua Portuguesa).

Nenhum professor inscrito e/ou pessoa que tenha vínculos familiares com os alunos participantes da **Olimpiada** poderá ser membro da Comissão Julgadora Escolar.

2. Seleção dos textos

- Os textos deverão ser avaliados segundo os critérios específicos de cada gênero, indicados neste documento.

- A Comissão Julgadora Escolar deverá selecionar somente 1 (um) texto de cada gênero. (ORIENTAÇÃO PARA A COMISSÃO JULGADORA ESCOLAR, 2008/Folheto).

A referida Comissão foi escolhida pela equipe técnico-pedagógica da escola, porém não divulgada para nós. Após a escolha do texto representante da escola, a direção encarregou-se das providências referentes ao processo de entrega do texto no local indicado.

De acordo com os organizadores do evento, a Comissão Julgadora deveria considerar nas produções dois critérios: “Presença de aspectos próprios do gênero de texto trabalhado e Aspectos gerais de gramática e ortografia”, detalhados por Clara (2008, p. 65) no Caderno de Orientação do Professor, bem como no folheto de orientação para a Comissão Julgadora.

Desse modo, concluímos o nosso trabalho junto aos alunos, e, por conseguinte, constituímos o *corpus* de nossa pesquisa, que consiste em 6 (seis) produções de 5 (cinco) alunos do 8º ano, totalizando 30 (trinta) textos escolhidos aleatoriamente entre os alunos que participaram de todas as etapas das oficinas. As produções ficaram sob os meus cuidados e, somente no final dos trabalhos, selecionei os 5 (cinco) textos dentre os alunos que conseguiram realizar todas as etapas de produções.

O próximo capítulo tratará das análises das produções que compõem o *corpus* desta pesquisa. Essas análises dos textos foram divididas em três partes, considerando o processo preparatório para a produção final das memórias: análise do conteúdo temático, estrutura composicional e estilo presentes nas produções dos alunos, análise dos textos de acordo com os critérios avaliativos sugeridos pela OLP e os critérios adotados para a análise de textos preconizados pela LT em sua fase atual. Para finalizar esse capítulo, faremos uma breve avaliação sobre o material oferecido ao professor e sobre os critérios avaliativos propostos pela OLP.

CAPÍTULO III

A PRODUÇÃO DE MEMÓRIAS – ANALISANDO OS DADOS

“O registrar de sua reflexão cotidiana significa abrir-se para o seu processo de aprendizagem”.

Madalena Freire (2003)

O capítulo anterior tratou dos aspectos metodológicos, da abordagem, do cenário da pesquisa e os sujeitos envolvidos, da constituição e a seleção do *corpus*, e do desenvolvimento da proposta de pesquisa e contexto escolar de produção.

Neste capítulo, apresentamos as três análises das produções dos alunos (no blog e no caderno) realizadas em nossa pesquisa, sendo:

- 1) análise do conteúdo temático, da estrutura composicional e do estilo presentes nas produções dos alunos – análise individual e análise global dos textos;
- 2) análise das produções dos alunos seguindo os critérios avaliativos propostos pela OLP para a avaliação das produções pela Comissão Julgadora;
- 3) análise do texto final do aluno para verificar alguns exemplos de referenciação e progressão referencial, visando a entender a forma como coesão e coerência textual foram construídas no relato de memórias.

Para finalizar este capítulo, teceremos considerações sobre o material oferecido ao professor e sobre os critérios avaliativos propostos pela Olimpíada de Língua Portuguesa – Escrevendo o Futuro-2008, bem como sobre a necessidade de se trabalhar com práticas contextualizadas aplicadas à produção de texto no ensino da Língua Portuguesa.

As análises aqui apresentadas, apesar de nos remeteram à busca do conhecimento do resultado das produções dos alunos na escola, não foram exaustivas.

3.1 Análise individual dos textos (o conteúdo temático, a estrutura composicional e o estilo)

Nesta primeira parte de nossa pesquisa, analisamos o conteúdo temático, a estrutura composicional e o estilo das produções.

Reproduzimos integralmente os textos da forma como foram escritos pelos alunos, sem correções ortográficas e/ou gramaticais. Após a análise das produções dos cinco alunos, fizemos uma breve comparação do processo, com vistas a comprovar ou não a hipótese inicial: “essa proposta de estudo contribuiu para a apreensão do gênero trabalhado e para o aperfeiçoamento da escrita dos alunos”.

Os textos analisados são do tipo narrativo, gênero relato de memórias. O tema proposto foi cumprido, pois o aluno abordou “o lugar onde vivo e/ou vivi”, trouxe as memórias da infância do narrador, relatou acontecimentos e fatos organizados com alguns detalhes descritivos, citou o lugar onde aconteceu a ação e o tempo em que os fatos ocorreram. O narrador personagem apresentado em cada texto relatou os acontecimentos vividos por ele (primeira pessoa do discurso) em uma época já decorrida há algum tempo. Os episódios foram encadeados entre si caminhando para um desfecho.

Abaixo apresentamos o conjunto de produções do aluno 1.

Quadro 14: Produções do aluno 1

Texto 1

olá professora,tenho uma história para te contar.Quando tinha 10 anos viagei para ver minha família na fazenda.Lá tem muitos pés de ciriguela e fui brincar de guerrinha com ciriguelas verdes, com meus

primos, e me acertaram uma ciriguela bem na testa e cresceu um galo enorme na minha testa e eu chorei, beijos

Texto 2

Eu tenho 54, e meu nome é Antonia Valençuelo Rodes, tenho uma foto que foi tirada em 1995 que lembro de minha neta, filhas, minha mãe e minha vó em Campo Grande. Em Ponta Porã tenho outra foto que quando olho lembro da minha primeira festa junina em outra cidade, essa foto foi tirada em 1998 e guardo com muito carinho.

Texto 3

A historia que mais chamou a minha atencao foi a da Gabriela

Ela é assim:

Na minha família tinha um relógio que meu avô trouxe do Japão. O relógio passou de geração a geração, primeiro meu avô, pelo meu pai, pelo meu irmão e agora pra mim.

Texto 4

A Queda

Em 15 de janeiro 1984, eu Cristiane Rodriguês, estava de férias na escola Emanuel Ribeiro, que fica em Paranagi.

Nesse dia, um pouco mais tarde foi na casa da minha vó Dorvalina, e lá tinha um enorme pé de manga tam carregado que os galhos estavam até tortos. Eu subi até a onde eu consegui, mais, a manga que eu queria estava mais alto, eu subia e minha vó gritava: – Desse daí muleca você vai cair, ela falou isso umas 5 vezes mais é claro que eu fazia de conta que nem estava ouvindo. Mais todo mundo sabe que boca de mãe, pais e vó é poderosa, não deu mais dois minutos tava eu lá no chão igual a uma manga podre no chão.

Um pouco mais tarde, minha mãe Jacira chegou, e me escultou chorando do portão, correu até chegar na casa da minha vó, e lá ela olhopu pra mim e disse: – Você estava nas minhas tintas e eu respondi: – Não por quê? – Por que seu rosto está todo vermelho e minha vó falou: – Não isso é de tanto chorar, por quê ela caiu do pé de manga.

Texto 5

Minhas Memórias

Meu nome é Cristiane Rodriguês, tenho 46 anos, nasci em Paranagi estado do Parana. Atualmente moro em Campo Grande. Vivi no Paranagi estado do Parana até os 20 anos depois mudei para Campo Grande. No começo foi difícil morar aqui porque eu não conhecia ninguém, e eu e meu marido viemos desempregados.

Vivo em Campo Grande a 11 anos, com meus filhos e marido. Vivi minha infância no Paranagi, e é aqui que eu começo contar minha infância. – Minha infância não era igual a dessas crianças de hoje em dia, eu tinha que ir para roça com minha mãe para ajudar em casa. Mas certo dia, eu e minhas duas irmãs fomos perguntar para minha mãe se podíamos andar com a bicicleta que estava no paiou, pela cidade, então ela disse que não porque era do tio Jaime, quando minha mãe saiu para trabalhar eu peguei a bicicleta e fui andar pela cidade, vi a igreja, casas de madeira, passei pela praça que estava cheia de gente com roupas engraçadas, passei por ruas de pedras e de asfaltos, pelo campo de futebol e pelo barracão e quando estava na rua de casa bati com a bicicleta no poste e cai de cara no chão e ainda estraguei toda bicicleta toda quebrada, e o juelho ralado e a testa cortada, meu tio veio direto falar comigo perguntar como eu estava, e de pois ele foi ver a

bicicleta, estava toda regaçada, e ele falou que ia no ferro velho vender a bicicleta antes que a minha mãe chegasse porque se não ela ia me bater, fui brincar com as minhas irmãs de esconde esconde.

Todo ano eu vou para lá, a cidade não mudou foram aquelas pessoas que mudaram de roupas. Tenho saudades dos amigos que lá deixei, mas não me arrependo de nada porque estou muito bem nesta cidade, Campo Grande é uma cidade bonita com muitos pontos turísticos, e o que mais me atrai nesta cidade são as pessoas cada uma com seu jeito.

Texto 6

Minhas Memórias

Meu nome é Cristiane Rodriguês, tenho 46 anos, nasci em Paranagi estado do Paraná. Atualmente moro em Campo Grande. Vivi em Paranagi estado do Paraná até os 20 anos depois mudei para Campo Grande. No começo foi difícil morar aqui porque eu não conhecia ninguém, e eu e meu marido viemos desempregados.

Vivo em Campo Grande a 11 anos, com meus filhos e marido. Vivi minha infância no Paranagi, e é aqui que eu começo contar minha infância.

Minha infância não era igual a dessas crianças de hoje em dia, eu tinha que ir para roça com minha mãe para ajudar em casa. Mas certo dia, eu e minhas duas irmãs fomos perguntar para minha mãe se podíamos andar com a bicicleta que estava no paiol, pela cidade, então ela disse que não porque era do tio Jaime.

Quando minha mãe saiu para trabalhar eu peguei a bicicleta e fui andar pela cidade, vi a igreja, casas de madeira, passei pela praça que estava cheia de gente com roupas engraçadas, passei por ruas de pedras e de asfaltos, pelo campo de futebol e pelo barracão, e quando estava na rua de casa bati com a bicicleta no poste e cai de cara no chão e ainda estraguei toda bicicleta. Ela ficou toda quebrada, o joelho ralado e a testa cortada.

Meu tio veio direto falar comigo perguntar como eu estava, e de pois ele foi ver a bicicleta. Ela estava toda regaçada, e ele falou que ia no ferro velho vender a bicicleta antes que a minha mãe chegasse porque se não ela ia me bater, fui brincar com as minhas irmãs de esconde-esconde.

Todo ano eu vou para lá, a cidade não mudou foram aquelas pessoas que mudaram de roupas. Tenho saudades dos amigos que lá deixei, mas não me arrependo de nada porque estou muito bem nesta cidade, Campo Grande é uma cidade bonita com muitos pontos turísticos, e o que mais me atrai nesta cidade são as pessoas, cada uma com seu jeito.

Ao analisarmos os textos do aluno 1, segundo os critérios trabalhados com eles nas oficinas de produção de memórias, para verificar o conteúdo temático, a estrutura composicional e o estilo das produções, obtivemos os resultados que apresentamos a seguir.

Os textos 1 e 2 foram breves e escritos em um só parágrafo. Nos demais textos, a introdução foi disposta no primeiro parágrafo, localizando a história no tempo (passado) e no espaço (cidade onde nasceu e/ou vive atualmente); a

personagem (no caso, o memorialista) foi apresentada e nomeada. Em alguns textos o autor faz referência a sua idade e ao lugar onde nasceu. Nos textos 4, 5 e 6 foi possível visualizar o cenário durante a leitura.

A partir do texto 4, o desenvolvimento mostra a situação da personagem em uma época decorrida há algum tempo e lembrada por ela e que, com o passar dos anos, foi modificada por acontecimentos que lhe deixaram lembranças presentes em sua memória até o presente. Percebe-se que há uma sequência de acontecimentos, isto é, há o desenrolar dos conflitos.

Nos textos 5 e 6, percebemos que no parágrafo em que se encontra a conclusão, o memorialista explica como se sente em relação à sua infância e à atual situação de sua vida, fazendo uma reflexão acerca do que viveu no passado e de como se encontra atualmente. Aqui temos o desfecho do relato de memórias.

Observamos, nas produções, a presença de algumas marcas comuns aos textos de memórias como:

- expressões em primeira pessoa usadas pelo narrador e verbos que remetem ao passado:
 - texto 1: “*Quando tinha 10 anos viajei para ver minha família na fazenda*”;
 - texto 2: “*tenho uma foto que foi tirada em 1995*”;
 - texto 3: “*Na minha família tinha um relógio que meu avô trouxe do Japão*”;
 - texto 4: “*Em 15 de janeiro 1984, eu Cristiane Rodrigues, estava de férias*”;

- expressões que ajudam a localizar o leitor na época narrada:
 - texto 1: “*Quando tinha 10 anos*”;
 - texto 2: “*Eu tenho 54 [...] tenho uma foto que foi tirada em 1995*”;
 - texto 4: “*Em 15 de janeiro 1984*”;
 - textos 5 e 6: “*Vivo em Campo Grande a 11 anos*”;

- participação de outros personagens; de pessoas presentes nas lembranças dos entrevistados;

Ao procurarmos encontrar a originalidade do texto, nos deparamos com a dúvida sobre o que é um texto original. E, após lermos e relermos as produções dos alunos, lembramo-nos da fala de Voltaire (1694-1778) – filósofo francês – que disse: "originalidade não é nada senão uma imitação prudente. Os mais originais escritores pegaram emprestado uns dos outros". Desse modo, percebemos que nenhum texto é inteiramente original. É o caso dos textos do aluno 1, cada um tem a sua dose de originalidade, em maior ou menor grau, que está ligada ao momento em que ele se propôs a dizer à sua maneira o que disse, levando em conta o contexto de sua produção.

Ao nos determos na linguagem utilizada pelo aluno 1 em suas produções, observamos a presença de marcas interacionais:

- texto 1: *“olá professora,tenho uma história para te contar.”*;
- texto 5: o aluno usou a conjunção aditiva “e” para encadear as ideias e enumerar os acontecimentos:
“e quando estava na rua de casa bati com a bicicleta no poste e cai de cara no chão e ainda estraguei toda bicicleta toda quebrada, e o juelho ralado e a testa cortada, meu tio veio direto falar comigo perguntar como eu estava, e de pois ele foi ver a bicicleta, estava toda regaçada, e ele falou que ia no ferro velho vender a bicicleta”.

Em alguns momentos, o autor tratou de ideias diferentes no mesmo parágrafo, utilizando, também, a pontuação incorreta que acabou por modificar a ordem dos tópicos discursivos:

- texto 4: *“Um pouco mais tarde, minha mãe Jacira chegou, e me escultou chorando do portão, correu até chegar na casa da minha vô, e lá ela olhou pra mim e disse: – Você estava nas minhas tintas e eu respondi: – Não*

por quê? – Por que seu rosto está todo vermelho e minha vô falou: – Não isso é de tanto chorar, por quê ela caiu do pé de manga”.

Os textos, por serem relatos de memórias nos quais os memorialistas contaram uma época de sua infância que permanece até o presente em seus pensamentos, são escritos predominantemente em primeira pessoa, evidenciando a presença marcante dos pronomes egóticos.

- texto 1: *“Quando tinha 10 anos viajei para ver minha família na fazenda. [...] meus primos, e me acertaram uma ciriguela bem na testa e cresceu um galo enorme na minha testa e eu chorei”;*

- texto 2: *“lembro de minha neta, filhas, minha mãe e minha vô em Campo Grande”.*

Quanto à morfologia, identificamos no texto 1, o uso de sufixo que remete a palavra cujo significado é impróprio: *“guerrinha”* – significando, no texto, uma brincadeira da infância do autor;

Registramos, também, o uso do nível coloquial da linguagem:

- texto 1: *“fui bricar de guerrinha”;* *“cresceu um galo enorme na minha testa”;*

- texto 2: *“minha vô”;*

- texto 4: *“eu subia e minha vô gritava: – Desse daí muleca você vai cair, ela falô isso umas 5 vezes”;* *“não deu mais dois minutos tava eu lá no chão igual a uma manga podre”;*

- textos 5 e 6: *“cai de cara no chão”;* *“de pois ele foi ver a bicicleta, estava toda regaçada”.*

Identificamos problemas de concordância nominal no texto 4: o aluno, por várias vezes, grafou a palavra *“vô”* (masculino) em vez de *vó* (feminino): *“na casa da minha vô Dorvalina”.*

Observamos, ainda, problemas com a regência nominal:

- texto 5: *“Vivi no Paranagi estado do Parana”.*

Em relação à ortografia, a existência de palavras grafadas em desacordo com o padrão culto da língua se fez presente. Veja as observações:

- texto 1: (“*viagei*” – verbo – forma exigida no texto “viajei); (“*bricar*” – forma adequada “brincar”).
- texto 2: (“*quado*” – forma adequada “quando”);
- texto 4: (“*tam*” – forma adequada “tão”); (“*muleca*” – forma adequada “menina”); (“*falô*” – forma adequada “falou”); (“*deconta*” em vez de “de conta”); (“*escultou*” em vez de “escutou”)
- texto 5: (“*paiou*” – forma adequada “paiol”); (“*juelho*” – forma adequada “joelho”); (“*chegase*” – forma adequada “chegasse”); (“*a*” – preposição no lugar de “há” – verbo).

Algumas palavras não foram acentuadas:

- texto 3; (“*historia, atencao, relógio*” – formas corretas “história, atenção e relógio”);
- texto 4: (“*ferias*” – forma adequada “férias”);
- texto 5: (“Parana; ninguem, podíamos” – forma adequada “Paraná, ninguém, podíamos”)

Identificamos a grafia do nome jaime – substantivo próprio – com letra minúscula.

Consideramos as produções coerentes, pois as relações estabelecidas (o conhecimento do produtor e do receptor sobre o assunto abordado no texto, o conhecimento de mundo e da língua que usam) entre o emissor, o receptor e o texto propriamente dito foram satisfatórias, não alterando a construção do sentido do texto.

Quadro 15: Produções do aluno 2

Texto 1

Olá professora!!!

Eu me lembro quando eu tinha 5 anos, eu fiquei doente por causa que eu queria um cachorro-quente, numa barraquinha na esquina da minha casa e isso já era de madrugada, minha mãe foi de madrugada na casa da mulher comprar um cachorro-quente, quando eu comi a febre passou!!!

Texto 2

Meu nome é Daniele naci em Campo Grande kapital do Estado de MS em 1958. Nesse tempo a cidade naum era taum gde como é hj.

Vivi toda minha infância aqui em CG, eramos livre, agente podia brinca na rua sem pirigo nem um.

Lembro da minha primeira bicicleta, tbm da minha professora do primero ano, dos mininos e mininas que jogava bola e brinkava de pião kumigo. Meus vestidos eram lindus com lacinhus e eu era uma minina feliz nakele tempo.

Depois me kase e tive 3 filhos que me deram netos. P issu sou uma mulher muito feliz aki em CG.

Texto 3

o matheus levou uma pombinha de gesso do casamento dos pais dele, eles tem esse objeto mais ou menos uns 15 anos.

Texto 4

Eu me chamo Francisca tenho 41 anos, e eu me lembro que no dia 18 de julho de 2002 eu recebi um cartão e um vasinho de margaridas do meu filho Deividson.

Esses presentes foi para comemorar o meu aniversário de 36 anos, isso aconteceu comigo em Mato Grosso do Sul na cidade de Campo Grande.

Eu me senti muito feliz por o meu filho que a seis anos atrás tinha 15 anos ter lembrado do meu aniversário com tanto carinho.

Para ver como eu fiquei tão feliz eu até chorei, guardo até hoje esse lindo cartão, quando você abre o cartão ele começa a cantar a música parabéns pra você.

Eu vou guardar essa lembrança o resto de minha vida, quando eu estiver bem velhinha e os meus filhos já terem os seus filhos, eu vou contar para os meus netos essa história.

Texto 5

Eu Francisca de Assis Silva de Oliveira, tenho 42 anos, nasci em Recife, moro atualmente em Campo Grande, vivi doze anos em Recife, depois fui para São Paulo e lá foi uma época muito boa que me diverti muito, vivo em Campo Grande há 10 ano

Minha infância foi muito dificil desde pequena tive que trabalhar, minha cidade tinha muitas praças e parques, na época do halloween as pessoas se vestiam muito engraçado, uns se vestiam até de bruxa, e um acontecimento que marcou a minha vida foi quando eu fui no sitio do meu tio e ganhei uma bicicleta.

Naquele tempo a gente costumava=se se reunir na praça para brincar de esconde-esconde, a brincadeira que eu mais gostava era a do cordão, você tinha que colocar a mão dentro do buraco e traçalo até alguém errar, uma coisa que eu me lembro que Aconteceu na minha infância foi quando eu foi a noiva na festa junina, hoje minha cidade está muito linda como sempre, mas que pena que as pessoas não se veste como naquela época.

Eu sinto muita saudade da minha cidade natal e dos meus amigos, minha vida em Campo Grande é muito legal, vivo com a minha família, o meu marido e os meus quatro filhos.

Campo Grande é uma cidade que tem muito lazer, o que eu mais gosto dessa cidade é o shopping. Tem vezes que eu me lembro das boas lembranças que vivi na minha cidade natal.

Texto 6

Memórias da minha infância

Eu Francisca de Assis Silva de Oliveira, tenho 42 anos, nasci em Recife, moro atualmente em Campo Grande, vivi doze anos em Recife, depois fui para São Paulo e lá foi uma época muito boa que me diverti muito. Vivo em Campo Grande há 10 anos.

Minha infância foi muito difícil, desde pequena tive que trabalhar.

Minha cidade tinha muitas praças e parques.

Na época do halloween as pessoas se vestiam muito engraçado, uns se vestiam até de bruxa.

Um acontecimento que marcou a minha vida foi quando eu fui no sítio do meu tio e ganhei uma bicicleta.

Naquele tempo a gente costumava se reunir na praça para brincar de esconde-esconde, a brincadeira que eu mais gostava era a do cordão, você tinha que colocar a mão dentro do buraco e traçá-lo até alguém errar.

Uma coisa que eu me lembro que aconteceu na minha infância foi quando eu fui a noiva na festa junina.

Hoje minha cidade está muito linda como sempre, mas que pena que as pessoas não se veste como naquela época.

Eu sinto muita saudade da minha cidade natal e dos meus amigos, apesar da minha vida em Campo Grande ser muito legal, porque vivo com a minha família.

Campo Grande é uma cidade que tem muito lazer, o que eu mais gosto dessa cidade é o shopping. Mas as vezes que eu me lembro das boas lembranças que vivi na minha cidade natal.

As análises dos textos do aluno 2 nos indicaram os resultados que seguem:

O texto 1 foi breve e escrito em um só parágrafo. O texto 3 foi apenas um comentário de um relato que o aluno 2 ouviu na sala de aula durante os relatos dos colegas. Nos textos 2, 4, 5 e 6, a introdução foi disposta no primeiro parágrafo, localizando a história no tempo (passado) e no espaço (cidade onde nasceu e/ou vive atualmente). Em alguns textos, o autor faz referência à sua idade e ao lugar onde nasceu. Nos textos 4, 5 e 6, foi possível visualizar o cenário durante a leitura.

Nos textos 2, 4, 5 e 6, o desenvolvimento mostra a situação da personagem em uma época decorrida há algum tempo e lembrada por ela e que, com o passar dos anos, foi modificada por acontecimentos que lhe deixaram lembranças presentes em sua memória até hoje, possibilitando percebermos o a sequência de acontecimentos.

Nos textos 4, 5 e 6, no parágrafo em que se encontra a conclusão, o memorialista explica como se sente em relação à sua infância e à atual situação de sua vida, fazendo uma reflexão acerca do que viveu no passado e de como se encontra atualmente. Aqui temos o desfecho do relato de memórias.

A presença de algumas marcas comuns aos textos de memórias foram as seguintes:

- expressões em primeira pessoa usadas pelo narrador e verbos que remetem ao passado:
 - texto 1: *“Eu me lembro quando eu tinha 5 anos, eu fiquei doente”*;
 - texto 2: *“naci em Campo Grande”*; *“Nesse tempo a cidade naum era taum gde como é hj”*; *“Vivi toda minha infância aqui em CG, eramos livre, agente podia brinca na rua sem pirigo nem um”*; etc.;
 - texto 4: *“eu recebi um cartão e um vasilho de margaridas do meu filho”*; *“Esses presentes foi para comemorar o meu aniversário de 36 anos, isso aconteceu comigo em Mato Grosso do Sul na cidade de Campo Grande”*; etc,
 - texto 5: *“nasci em Recife”*; *“vivi doze anos em Recife, depois fui para São Paulo”*; *“Minha infância foi muito difícil”*; etc.;
 - texto 6: *“Minha cidade tinha muitas praças e parques”*; *“as pessoas se vestiam muito engraçado”*; etc.;

- - expressões que ajudam a localizar o leitor na época narrada, como:
 - texto 1: *“quando eu tinha 5 anos”*; texto 2: *“[...] em 1958. Nesse tempo”*;
 - texto 4: *“no dia 18 de julho de 2002”*;
 - textos 5 e 6: *“vivi doze anos em Recife, depois fui para São Paulo e lá foi uma época muito boa que me diverti muito, vivo em Campo Grande há 10 ano”*;

Constatamos a participação de outros personagens, pessoas presentes nas lembranças dos entrevistados.

Observamos que cada texto tem a sua dose de originalidade, em maior ou menor grau, e que está ligada ao momento em que o aluno 2 se propôs a dizer à sua maneira o que disse, levando em conta o contexto de sua produção.

Ao analisarmos a linguagem utilizada nas produções do aluno 2, observamos que as marcas interacionais não se fazem tão presentes, porém, encontramos na produção 2, a escrita digital – abreviada – em que se percebe a supressão das vogais, praticamente próxima da pronúncia, evidenciada pelo uso de acrônimos com valor silábico “gde, hj, tbm” conhecidos também como marcas interacionais usadas

na internet (a linguagem dos chats, e-mail, blog, MSN, etc.); o uso de palavras que sofreram acréscimo de elementos em sua forma original “naum, taum”; os vocábulos como “brinkava, kumigo, nakele, kase, aki” em que a letra “c” foi substituída pela letra “k”; a abreviação da preposição “por” representada pela letra “p”.

Essa linguagem digital, muito subjetiva, usada pelo aluno não interferiu no encadeamento discursivo, isto é na ordenação temporal das ações.

Em alguns momentos, o autor tratou de ideias diferentes no mesmo parágrafo, utilizando e/ou deixando de utilizar a pontuação responsável pela modificação da ordem dos tópicos discursivos.

- texto 4: *“Esses presentes foi para comemorar o meu aniversário de 36 anos, isso aconteceu comigo em Mato Grosso do Sul na cidade de Campo Grande”.*

[...]

“Para ver como eu fiquei tão feliz eu até chorei, guardo até hoje esse lindo cartão, quando você abre o cartão ele começa a cantar a música parabéns pra você”.

Os textos, por serem relatos de memórias nos quais os memorialistas relataram uma época de sua infância que permanece até o presente em seus pensamentos, são escritos predominantemente em primeira pessoa, evidenciando a presença marcante dos pronomes egóticos explícitos e implícitos.

- texto 2: *“Meu nome é Daniele naci em Campo Grande kapital do Estado de MS em 1958. [...] Vivi toda minha infância aqui em CG. [...] Lembro da minha primeira bicicleta, tbm da minha professora do primero ano”.*

- texto 4: *“Eu vou guardar essa lembrança o resto de minha vida, quando eu estiver bem velhinha e os meus filhos já terem os seus filhos, eu vou contar para os meus netos essa história”.*

Quanto à morfologia e ao léxico, identificamos no texto 1, o uso do sufixo na palavra “barraquinha” – que remete a um local improvisado na rua, para a venda de lanches, como também, no texto 2, a presença da palavra “agente” – grafada de modo incorreto e empregada no sentido de “nós” e, no texto 4, a palavra “velhinha”,

significando pessoa idosa e “esconde-esconde – que também se refere a uma brincadeira infantil.

Registramos que o uso de estruturas sintáticas e/ou opções léxicas que demonstram a informalidade na colocação pronominal não se fez presente; porém o uso do nível coloquial da linguagem, a concordância nominal e verbal em desacordo com as normas gramaticais fizeram-se presentes na produção do aluno.

- texto 1: *“Eu me lembro quando eu tinha 5 anos, eu fiquei doente por causa que eu queria um cachorro-quente”.*
- texto 4: *“Esses presentes foi para comemorar o meu aniversário de 36 anos”.*
- texto 5: *“Aconteceu na minha infância foi quando eu foi a noiva na festa junina”.*

Em relação à ortografia observamos nas produções a existência de palavras grafadas em desacordo com o padrão culto da língua, listadas a seguir:

- texto 1: (“por causa que” = porque);
- texto 2: “naci” = nasci (emprego de sc); o uso do substantivo (agente) substituindo a expressão popular “a gente” que remete ao pronome pessoal da 1ª pessoa do plural “nós”; o uso de (nem um) enfatizando quantidade, deveria ser substituído pelo pronome indefinido (nenhum) com o significado de “qualquer” (nulo) – “qualquer perigo”; troca da vogal “o” pela vogal “u” em “pudia”, “lindus”, “lacinhus”, “issu”, “muitu”; troca da vogal “e” pela vogal “i” em “pirigo”, “mininos”, “mininas”, “minina”; omissão da vogal “i” em “primero”, “kase” (casei);
- texto 5: deixou de acentuar a palavra paroxítone “família”.

As produções foram coerentes e satisfatórias, possibilitando a construção do sentido do texto.

Quadro 16: Produções do aluno 3

Texto 1

A minha lembrança é meio dolorida. Eu sempre fui magricelo, e quando eu tinha 5 anos +ou- eu estava brincando de lutinha com meus primos, quando a minha prima, Camila, puxou o meu braço com força. Aí eu acabei destroncando o braço. Não aguentava nem movimentar meus dedos. Mais o negócio doeu mesmo quando eu fui na Santa Casa colocar o braço no lugar. doeu demais!!! Foi a

pior dor da minha vida. Mas melhorou depois. Daí em diante, nunca mais brinquei de luta e lembro da dor até hoje.

Texto 2

Relatos de minha vida

Meu nome é Elisângela, tenho 34 anos e sou de Campo Grande.

Nessa cidade eu tenho fotos e objetos que recordam parte da minha vida. Eu tenho uma foto de quando eu tinha 5 anos de idade e que tirei junto com minha irmã Loraine, que na época tinha 1 aninho. eu me lembro que meu pai Eutácio tirou essa foto nossa. Nós morávamos aqui mesmo em Campo Grande e eramos muito felizes. Mesmo pequenininha, eu lembro de várias coisas. Outra foto marca o início de uma nova fase da minha vida: meu noivado com o meu marido e pai dos meus filhos Alberto. Eramos e continuamos muito apaixonados. Eu tinha 19 anos quando noivei. Temos 3 filhos muito abençoados: Matheus de 13 anos, Maria Mariana de 10, e o caçulinha João Pedro de 3 aninhos. Ainda tenho a lembrancinha que foi dada no meu casamento em maio de 1994, são 2 pombinhas abraçadas.

Também tenho uma foto muito legal que tirei em Laguna, SC, em julho de 1993. Na época, fui morar na casa do meu irmão Edson e da minha cunhada Sandra, para ajudar eles a cuidarem do seu filho recém-nascido Victor. Laguna é um lugar muito belo. Aproveitei que estava lá e fui para a praia. Pena que era inverno, mesmo assim tirei fotos de lá da praia e de laguna também. Tenho muitas outras fotos, mais essas recordam os momentos mais marcantes da minha vida.

Texto 3

Meu nome é alberto, tenho 40 anos, nasci em Dourados-MS. Cresci em Dourados. Quando fiquei mais adulto, mudei para Campo Grande atrás de um emprego melhor. Deu certo. Além de ter arranjado emprego, construí uma família linda com minha esposa e meus 3 filhos. Tudo isso graças a Deus meus Senhor e Salvador!!!!!!!!!!!!

Texto 4

Uma história de amor

Meu nome é Elisângela, tenho 34 anos de idade, e vou contar a história de amor minha e de meu marido Alberto, meu eterno namorado, e dos meus filhotes, Matheus, Mariana de João Pedro.

Tudo começou na Igreja Batista do Guanandy, quando nós dois se conheceram. Meu pai se ofereceu para levar minha mãe em casa. Nós começamos a conversar e criamos afinidade. Logo estávamos namorando. O namoro foi muito aprovado pelos nossos pais. Começamos a namorar em 1993, o mesmo ano em que noivamos. Em maio de 94 nos casamos. Nos casamos na mesma igreja em que nos conhecemos: I, B, Guanady. A lembrancinha era um casal de pombinhas (que eu guardo até hoje). Fomos então morar no Aero Rancho, aqui mesmo em Campo Grande. No dia 5 de janeiro de 1995 nasceu nosso filho primogênito Matheus (que me entrevistou). Mudamos numa outra casa, no Aero Rancho e tivemos nossa filha Maria Mariana, no dia 11 de dezembro de 1997. Nossa família sempre muito feliz já parecia lotada quando recebemos no dia 28 de dezembro de 2004 nosso caçulinha João Pedro. Minha alegria estava completa.

Nós já passamos muitas lutas e provações, mas Deus sempre nos sustentou. Tudo isso é graças a Deus.

Texto 5

O tempo passa depressa

Meu nome é Alberto Carlos da Silva, tenho 40 anos, nasci em Dourados – MS e atualmente moro em Campo Grande – MS também.

Vivi em Dourados 24 anos. Depois de todos esses anos mudei para Campo Grande, para tentar arrumar um emprego melhor. Foi ótimo! Eu tive experiências novas. Há 17 vivo aqui em Campo

Grande. Minha infância em Dourados foi muito bem aproveitada. Me diverti muito. Gostei muito de ser criança: Dourados era uma cidade simples, pequena e que todos se conheciam, as casas eram bem humildes, as pessoas mais chamativas, e quem quisesse vestia as calças “boca de sino” que era moda na época. Que época boa! Uma das coisas que mais marcou minha infância foi minha amizade com meus amigos Rogério e Renato. Nós fazíamos tudo: jogávamos bola, brincávamos de “bang-bang”, carrinho de “rolimã”, de “hominho” e muito mais coisas. Mais o que mais gostava mesmo era jogar bola.

Uma vez eu atravessei a cidade de Dourados inteira. E eu só tinha 6 anos. Eu estava na casa da minha tia e fiquei com saudades da minha casa, então voltei sozinho pra casa.

Hoje a velha cidade de Dourados está movimentada. As pessoas não usam mais calça “boca de sino”, elas vestem-se de acordo com a moda atual.

Da cidade eu não tenho muita saudade, mas das pessoas que eu deixei lá, sim.

Hoje, minha vida aqui em Campo Grande é boa. Tenho uma família linda, com minha esposa Elisângela, e os meus 3 filhos: Matheus, Maria Mariana e João Pedro. Vivo muito bem aqui. Campo Grande a “cidade morena” é muito bonita, organizada e gostosa de se viver. O que eu mais gosto aqui não é nenhum ponto turístico, objeto ou lugar, o que eu mais gosto é da minha casa.

As lembranças do passado me trazem boas recordações, assim como o presente. Tudo que eu conquistei, tudo que eu vivi, tudo na minha vida se deve a Deus e sem Ele eu não seria nada. Obrigado Deus!

Texto 6

O tempo passa depressa

Meu nome é Alberto Carlos da Silva, tenho 40 anos, nasci em Dourados – MS e, atualmente, moro em Campo Grande – MS também.

Vivi em Dourados 24 anos. Depois de todos esses anos mudei para Campo Grande, para tentar arrumar um emprego melhor. Foi ótimo! Eu tive experiências novas. Há 17 anos vivo aqui em Campo Grande.

Minha infância em Dourados foi muito bem aproveitada. Me diverti muito. Gostei muito de ser criança: Dourados era uma cidade simples, pequena e que todos se conheciam, as casas eram bem humildes, as pessoas mais chamativas, e quem quisesse vestia as calças “boca de sino” que era moda na época. Que época boa! Uma das coisas que mais marcou minha infância foi minha amizade com meus amigos Rogério e Renato. Nós fazíamos tudo: jogávamos bola, brincávamos de bang-bang, carrinho de rolimã, de hominho e muito mais coisas. Mais o que mais gostava mesmo era de jogar bola.

Uma vez eu atravessei a cidade de Dourados inteira. E eu só tinha 6 anos. Eu estava na casa da minha tia e fiquei com saudade da minha e voltei sozinho pra casa.

Hoje, a velha cidade de Dourados está movimentada. As pessoas não usam mais calça boca de sino, elas vestem-se de acordo com a moda atual.

Da cidade eu não tenho muita saudade, mas das pessoas que eu deixei lá, sim.

Hoje, minha vida aqui em Campo Grande é boa. Tenho uma família linda, com minha esposa Elisângela, e os meus 3 filhos: Matheus, Maria Mariana e João Pedro. Vivo muito bem aqui. Campo Grande, a cidade morena, é muito bonita, organizada e gostosa de se viver. O que eu mais gosto aqui não é nenhum ponto turístico, objeto ou lugar, o que eu mais gosto é da minha casa.

As lembranças do passado me trazem boas recordações, assim como o presente. Tudo o que eu conquistei, tudo o que eu vivi, tudo na minha vida se deve a Deus e sem Ele eu não seria nada. Obrigado Deus!

As análises dos textos do aluno 3 nos indicaram os resultados que seguem:

Os textos analisados são do tipo narrativo, gênero relato de memórias. O tema proposto foi cumprido, pois o aluno abordou “o lugar onde vivo e/ou vivi”, trouxe as memórias da infância do narrador, relatou acontecimentos e fatos organizados com alguns detalhes descritivos, citou o lugar onde aconteceu a ação e o tempo em que os fatos ocorreram. O narrador personagem, na maioria dos textos, relatou os acontecimentos vividos por ele (primeira pessoa do discurso) em uma época já decorrida há algum tempo, com exceção do texto 4 no qual o aluno esqueceu que estava narrando o relato na primeira pessoa do discurso e usou a terceira pessoa – momento em que ele se refere aos pais:

“Tudo começou na Igreja Batista do Guanandy, quando nós dois se conheceram. Meu pai se ofereceu para levar minha mãe em casa. Nós começamos a conversar e criamos afinidade. Logo estávamos namorando”.

Esse fragmento ainda nos mostra o cruzamento das vozes: a do escritor que, ao narrar os fatos confundiu-se com a do entrevistado. Assim, percebemos a presença da polifonia (um diálogo entre diversas vozes) que reforçou o dialogismo.

Apesar desse equívoco cometido pelo aluno 3 em sua quarta produção, os episódios foram se encadeando entre si, caminhando para um desfecho.

Os textos 1 e 3 do aluno 3 foram breves e escritos em um só parágrafo, mas mesmo assim, as idéias foram bem desenvolvidas. Nos demais, a introdução foi disposta no primeiro parágrafo, localizando a história no tempo (passado) e no espaço (cidade onde nasceu e/ou vive atualmente); a personagem (no caso, o memorialista) foi apresentada e nomeada; nos textos 2, 3, 4, 5 e 6, o autor faz referência à sua idade e ao lugar onde nasceu – com exceção do 3; em todas as produções foi possível visualizar o cenário durante a leitura.

O desenvolvimento dos fatos mostra a situação das personagens em uma época decorrida há algum tempo e lembrada por elas e, que, com o passar dos anos, foi modificada por acontecimentos que lhes deixaram lembranças presentes em suas memórias até o presente. Percebemos que há o desenrolar dos conflitos.

Os textos 3, 4, 5 e 6 do aluno 3 explicitam a religiosidade do narrador, todavia, é nos textos 4, 5 e 6 que, no parágrafo em que se encontra a conclusão, o memorialista explicita a sua fé em Deus. É onde se dá o desfecho do relato de memórias.

Observamos nos textos a presença de algumas marcas comuns aos relatos de memórias como:

- Expressões em primeira pessoa usadas pelo narrador e verbos que remetem ao passado: texto 1:

- texto 1: *“A minha lembrança é meio dolorida. Eu sempre fui magricelo, e quando eu tinha 5 anos +ou- eu estava brincando de lutinha com meus primos, quando a minha prima, Camila, puxou o meu braço com força”.*

- texto 2: *“Eu tenho uma foto de quando eu tinha 5 anos de idade e que tirei junto com minha irmã Loraine, que na época tinha 1 aninho. eu me lembro que meu pai Eutácio tirou essa foto nossa. Nós morávamos aqui mesmo em Campo Grande e erâmos muito felizes”.*

- texto 3: *“Meu nome é alberto, tenho 40 anos, nasci em Dourados-MS. Cresci em Dourados. Quando fiquei mais adulto, mudei para Campo Grande atrás de um emprego melhor”.*

- textos 5 e 6: *“Vivi em Dourados 24 anos. Depois de todos esses anos mudei para Campo Grande, para tentar arrumar um emprego melhor”.*

- expressões que ajudam a localizar o leitor na época narrada:

- texto 1: *“quando eu tinha 5 anos”;*

- texto 2: *“Eu tenho uma foto de quando eu tinha 5 anos de idade e que tirei junto com minha irmã Loraine, que na época tinha 1 aninho [...] Eu tinha 19 anos quando noivei [...] em julho de 1993. Na época, fui morar na casa do meu irmão Edson e da minha cunhada Sandra”;*

- texto 4: *“Começamos a namorar em 1993, o mesmo ano em que noivamos. Em maio de 94 nos casamos [...] No dia 5 de janeiro de 1995 nasceu nosso filho primogênito Matheus [...] tivemos nossa filha Maria*

Mariana, no dia 11 de dezembro de 1997 [...]recebemos no dia 28 de dezembro de 2004 nosso caçulinha João Pedro”;

- textos 5 e 6: ” *Vivi em Dourados 24 anos [...]Há 17 vivo aqui em Campo Grande [...]Minha infância em Dourados foi muito bem aproveitada”;*

- participação de pessoas presentes nas lembranças dos entrevistados;

texto 1: “*quando eu tinha 5 anos +ou- eu estava brincando de lutinha com meus primos, quando a minha prima, Camila, puxou o meu braço com força”.*

- texto 2: “*Eu tenho uma foto de quando eu tinha 5 anos de idade e que tirei junto com minha irmã Loraine, que na época tinha 1 aninho. eu me lembro que meu pai Eutácio tirou essa foto nossa”.*

- texto 4: “*Nossa família sempre muito feliz já parecia lotada quando recebemos no dia 28 de dezembro de 2004 nosso caçulinha João Pedro. Minha alegria estava completa”.*

- textos 5 e 6: “*Uma das coisas que mais marcou minha infância foi minha amizade com meus amigos Rogério e Renato”.*

Observamos que cada texto tem a sua dose de originalidade, em maior ou menor grau, e que está ligada ao momento em que o aluno 3 se propôs a narrar à sua maneira os acontecimentos de sua infância, levando em conta o contexto de sua produção.

As marcas interacionais praticamente não apareceram na linguagem utilizada pelo aluno 3 em suas produções. A única que nos chamou a atenção foi o uso da palavra “aí” usada para dar continuidade ao fato relatado.

- texto 1: “*Camila, puxou o meu braço com força. Aí eu acabei destroncando o braço”;*

No texto 1, o aluno 3 tratou de ideias diferentes no mesmo parágrafo: estava falando da época em que tinha cinco anos de idade, em seguida, do noivado, e

concluiu falando dos filhos. Esta última fala, a dos filhos, deveria ser desenvolvida em um novo parágrafo, pois mudou a ordem dos acontecimentos.

- texto 2: *“Nessa cidade eu tenho fotos e objetos que recordam parte da minha vida. Eu tenho uma foto de quando eu tinha 5 anos de idade e que tirei junto com minha irmã Loraine, que na época tinha 1 aninho. eu me lembro que meu pai Eutácio tirou essa foto nossa. Nós morávamos aqui mesmo em Campo Grande e eramos muito felizes. Mesmo pequenininha, eu lembro de várias coisas. Outra foto marca o início de uma nova fase da minha vida: meu noivado com o meu marido e pai dos meus filhos Alberto. Eramos e continuamos muito apaixonados. Eu tinha 19 anos quando noivei. Temos 3 filhos muito abençoados: Matheus de 13 anos, Maria Mariana de 10, e o caçulinha João Pedro de 3 aninhos. Ainda tenho a lembrancinha que foi dada no meu casamento em maio de 1994, são 2 pombinhas abraçadas”.*

Os textos, por serem relatos de memórias nos quais os memorialistas contaram uma época de sua infância que permanece até o presente em seus pensamentos, são escritos predominantemente em primeira pessoa, evidenciando a presença marcante dos pronomes egóticos.

- texto 1: *“A minha lembrança é meio dolorida. Eu sempre fui magricelo, e quando eu tinha 5 anos”;*

- texto 2: *“Meu nome é Elisângela [...] Nessa cidade eu tenho fotos e objetos que recordam parte da minha vida. Eu tenho uma foto de quando eu tinha 5 anos de idade e que tirei junto com minha irmã Loraine”.*

- texto 3: *“Meu nome é Alberto [...] construí uma família linda com minha esposa e meus 3 filhos”.*

- texto 4: *“Meu nome é Elisângela [...] vou contar a história de amor minha e de meu marido Alberto, meu eterno namorado, e dos meus filhotes, Matheus, Mariana de João Pedro”.*

- textos 5 e 6: *“Minha infância em Dourados foi muito bem aproveitada. Me diverti muito [...] uma das coisas que mais marcou minha infância foi minha amizade com meus amigos Rogério e Renato”.*

Quanto à morfologia e ao léxico, identificamos no texto 1, o uso de sufixo que remete a palavras cujos significados são impróprios: *“lutinha”* e *“hominho”* – significando, no texto, brincadeiras da infância do autor;

Registramos, também, o uso do nível coloquial da linguagem, marcados pelo uso de *“aí”* e pela colocação pronominal:

- texto 1: *“Aí eu acabei destroncando o braço [...] mais o negócio doeu mesmo”;*
- texto 4: *“Nos casamos na mesma igreja em que nos conhecemos”.*
- textos 5 e 6: *“Me diverti muito”.*

Os problemas de concordância nominal e verbal foram poucos:

- texto 2: *“Tenho muita outras fotos, mais essas recordam os momentos mais marcante da minha vida”.*
- texto 2: *“tenho muita outras fotos”.*
- texto 3: *“Deus meus Senhor e Salvador”. [...] Tenho muita outras fotos”.*
- texto 4: *“Nós começamos a conversar e criamos afinidade”.*
- texto 4: *“Tudo começou na Igreja Batista do Guanandy, quando nós dois se conheceram”* (concordância verbal).

O problema acima, identificado como de concordância verbal e com o pronome pessoal do caso oblíquo, indica que o aluno, ao relatar a memória ouvida pelo seu entrevistado – o seu pai – acaba se confundindo, porém, isso não significa que ele desconhece a pessoa do discurso e o tempo verbal condizente ao texto.

Não se fez presente o uso de um vocabulário próprio da época contextualizada, somente de um tipo de roupa muito usado na época evocada:

- texto 5: *“e quem quisesse vestia as calças “boca de sino” que era moda na época”*.

Observamos um pequeno problema de regência nominal, no texto 1: *“quando eu fui na Santa Casa colocar o braço no lugar”*.

Em relação à ortografia, o aluno 3 não demonstrou ter grandes problemas. A única grafia observada foi da palavra “parte”, que acreditamos ter sido erro de digitação:

- texto 2: (“pate” – forma adequada “parte”);

Em algumas palavras o aluno 3 usou o acento incorreto:

- texto 2: (“Eutácio” – forma adequada “Eutácio”); (“erâmos” – forma adequada “éramos”);
- texto 3: (“*construi*” – forma adequada “construí”); (“*familia*” – forma adequada “família”);
- texto 4: (“*estávamos*” – forma adequada “estávamos”);
- texto 5: (“*tambem*” – forma adequada “também”).

Identificamos a grafia do nome Alberto – substantivo próprio – em letra minúscula.

As produções do aluno 3 foram consideradas satisfatórias.

Quadro 17: Produções do aluno 4

Texto 1

Olá professora!!!

Eu me lembro das férias que passava na fazenda do subrinho da minha avó. Eu, minha irmã e meus primos e primas, nos andavamos de cavalo e tomavamos banho no corgo da fazenda, e no calabouço era muito legal, corriamos atrás das galinhas. Também me lembro que nossos pais nos levavam para pescar, éra uma diversão as vezes um pegava mais peixes que o outro, e outras vezes que quase não vinha peixes ´sabem é como dizem “um dia da caça e outro do caçador”. As vezes o corros atolava na lama por causa da chuva e quem ajudava? NÓS as crianças é claro, nós desiamos

do carro e nos jusavamos na lama tentando empurrar o carro até ele desatolava. Essas eram as nossas melhores férias.

Texto 2

Oi meu nome é Nelson Gracia Alves, tenho 74 e vou contar uma história das décadas de 50 e 60.

Memórias de um trabalhador.

Eu trabalhei muito com trens para ser exato na década de 50 e 60, fiz um curso em Bauru e trabalhei em Três Lagoas, e na estação de atoladeira perto de Água Clara.

Uma vez um trem tombou na estação de atoladeira e eu fui socorrer o trem, o trabalho foi duro mais no final deu tudo certo conseguimos desvirar o trem, isso aconteceu no final da década de 50 em 1958.

Os cursos que eu fiz em Bauru foi também no final da década de 60 em 1968, 10 anos depois do tombo do trem na estação de atoladeira, eu tinha muitos companheiros de curso isso era muito bom. Faz muito tempo que eu não vejo meus companheiros de trabalho e de curso, esses eram bons tempos

Texto 3

Meu nome é Nelson. Um dia eu e minha família fomos até a chacara da sobrinha do meu avô, neste dia saímos bem cedo de casa para chegar lá a ponto de ajudar no almoço. Antes do almoço nós matamos dois porcos, retiramos a banha dele e assamos o porco. Depois do almoço eu fui andar de cavalo até um tempo eu estava andando bem, mas aí o cavalo começou a correr, e eu esperei o momento oportuno para saltar do cavalo, quando o cavalo passou pela grama eu saltei, cai de costas, fiquei dolorido uma semana, mas como tudo é passageiro a dor passou. Nós fomos embora a tarde, chegamos na nossa casa a noite e depois jantamos tomamos banho e fomos dormir

Texto 4

Minhas Memórias

Oi meu nome é Nelson eu vou contar uma história que aconteceu comigo em dezembro de 2001 na fazenda do subrinho da minha avó. Eu tinha 6 anos e é uma história real e um tanto dolorosa que aconteceu comigo.

No dia 13 de dezembro a manhã começou calma, eu, minha irmã e meus primos estávamos brincando, pela fazenda, mais tarde na hora do almoço também estava muito tranquilo. Depois do almoço é costume nosso de dormir na rede ao ar livre. Quando acordamos nos alimentamos os porcos e, eu e meus primos vamos tomar banho no córrego, e nossos pais vão olhar, na volta do córrego por a cara perto do mangeiro, do pé de manga, tinha um prego cravado na areia, quando eu estava passando por lá eu pisei na cabeça do prego que estava cravado na terra, o prego perfuro meu pé mais não chegou a atravessar ele.

Minha mãe logo fez o curativo, sangrou bastante, mas não chorei tanto. Depois de um tempo mancando voltei a brincar com minha irmã e meus primos aí nós jantamos e fomos dormir.

Texto 5

Memórias de um menino

Olá meu nome é Nelson Garcia Alves Neto sou filho de Raimunda de Souza Alves e Everson Ferreira Alves irmão de Mariana de Souza Alves, eu tenho 13 anos e nasci e cresci em Campo Grande, minha infância foi como a infância de qualquer criança cheia de brincadeiras e algumas brigas, naquela época a cidade era mais calma com pouco movimento na minha rua, mais como a cidade cresceu assim como o movimento de lá, as pessoas saíam mais para ficar na calçada conversando mais agora com a tecnologia ou falta de alguém elas raramente saem.

Eu queria contar uma coisa que aconteceu comigo. Um tombo de bicicleta muito feio, eu e meu amigo estávamos descendo a rua de casa até que, resolvemos, trocar de bicicleta e a dele não tinha freio e eu não sabia, eu comecei a descer a rua pedalando, quando ele me avisa que a bicicleta não tinha freio e então quando eu estava preste a atravessar a rua 13 de maio, eu saltei da bicicleta perto da calçada fiquei todo ralado e com um galo enorme na cabeça, mas estou vivo e bem.

Naquele tempo eu e meus amigos costumavam jogar aviões de papel na rua, aproveitando o pouco movimento da rua, atacávamos um nos outros, era muito legal. Hoje a cidade está maior, mais bela e mais tumultuada de pessoas e carros. Algumas coisas mudaram no jeito de se vestir como as camisas, antes eram mais claras quase sem estampas mais agora quase todas as camisas são estampadas. Hoje a cidade está muito mudada, pra melhor, mais quente, mais está maior. Eu vivo com minha família, meu vô, minha mãe, meu pai, minha irmã, meu tio, minha tia, minha madrinha e meu primo pequeno, é bastante gente mais é legal viver com um monte de gente. Eu gosto dos pontos turísticos de Campo Grande, como a Casa do Artesão, a Igreja São Francisco e etc... Se eu me mudar de Campo Grande nunca esquecerei dessa cidade.

Texto 6

Memórias de um menino

Meu nome é Nelson Garcia Alves Neto, sou filho de Raimunda de Souza Alves e Everson Ferreira Alves e irmão de Mariana de Souza Alves. Eu tenho 13 anos e nasci e cresci em Campo Grande. Minha infância foi como a infância de qualquer criança, cheia de brincadeiras e algumas brigas. Naquela época a cidade era mais calma, com pouco movimento na minha rua, mais a cidade cresceu assim como o movimento, as pessoas saíam mais para ficar na calçada conversando, agora com a tecnologia ou falta de alguém elas raramente saem.

Eu queria contar uma coisa que aconteceu comigo. Um tombo de bicicleta muito feio. Eu e meu amigo estávamos descendo a rua de casa até que resolvemos trocar de bicicleta. A dele não tinha freio e eu não sabia, eu comecei a descer a rua pedalando, quando ele me avisa que a bicicleta não tinha freio e então quando eu estava preste a atravessar a rua 13 de maio, eu saltei da bicicleta perto da calçada fiquei todo ralado e com um galo enorme na cabeça, mas estou vivo e bem.

Naquele tempo eu e meus amigos costumávamos jogar aviões de papel na rua, aproveitando o pouco movimento da rua, atacávamos um nos outros, era muito legal.

Hoje a cidade está maior, mais bela e mais tumultuada de pessoas e carros. Algumas coisas mudaram no jeito de se vestir, como as camisas que antes eram mais claras quase sem estampas e agora quase todas as camisas são estampadas. Hoje a cidade está muito mudada, pra melhor, mais quente, mais está maior.

Eu vivo com minha família: meu vô, minha mãe, meu pai, minha irmã, meu tio, minha tia, minha madrinha e meu primo pequeno. É bastante gente, mas é legal viver com um monte de gente.

Eu gosto dos pontos turísticos de Campo Grande, como a Casa do Artesão, a Igreja São Francisco e etc. Se eu me mudar de Campo Grande nunca esquecerei dessa cidade.

As análises das produções do aluno 4 nos indicaram os resultados que seguem:

Os textos são do tipo narrativo, gênero relato de memórias. Da mesma forma que os outros textos já analisados, o tema proposto foi cumprido, pois o aluno abordou “o lugar onde vivo e/ou vivi”, trouxe as memórias da infância do narrador,

relatou acontecimentos e fatos organizados com alguns detalhes descritivos, citou o lugar onde aconteceu a ação e o tempo em que os fatos ocorreram. O narrador personagem apresentado em cada texto relatou os acontecimentos vividos por ele (primeira pessoa do discurso) em uma época decorrida há pouco tempo – a sua infância. Os episódios foram encadeados entre si, caminhando para um desfecho.

Com exceção do primeiro e do terceiro texto que foram escritos em um parágrafo só, nas demais produções do aluno 4 a introdução foi disposta no primeiro parágrafo, localizando a história no tempo (passado) e no espaço (cidade onde nasceu e/ou vive atualmente). Em alguns textos, o autor faz referência à sua idade e ao lugar onde nasceu. Todas as produções apresentaram descrições do cenário e de acontecimentos, o que possibilitou visualizar o cenário durante a leitura.

O desenvolvimento dos relatos de memórias mostra a situação da personagem em uma época decorrida há algum tempo e lembrada pelo aluno 4 e, que no passar dos anos, foi modificada por acontecimentos que lhe deixaram lembranças presentes em sua memória. Percebe-se que há uma sequência de acontecimentos, isto é, há o desenrolar dos conflitos.

Nos textos em geral, percebemos que no parágrafo em que se encontra a conclusão, o memorialista sempre finaliza seus relatos explicando como se sente em relação aos fatos narrados e/ou apenas listando as atividades realizadas por ele e pelas personagens que também participaram da narrativa no final do dia. Aqui temos o desfecho do relato de memórias.

Nas produções, vimos a presença de algumas marcas comuns aos textos de memórias como:

- expressões em primeira pessoa usadas pelo narrador e verbos que remetem ao passado:
 - texto 1: “*Eu me lembro das férias que passava na fazenda do subrinho da minha avó*”;
 - texto 2: “*vou contar uma história das décadas de 50 e 60 [...] Eu trabalhei muito com trens para ser exato na década de 50 e 60*”;
 - texto 3: “*Um dia eu e minha família fomos até a chacara da sobrinha do meu avô*”;

- texto 4: *“No dia 13 de dezembro a manhã começou calma”*;
 - textos 5 e 6: *“eu tenho 13 anos e nasci e cresci em Campo Grande, minha infância foi como a infância de qualquer criança”*.
- expressões que ajudam a localizar o leitor na época narrada:
 - texto 2: *“Uma vez um trem tombou na estação de atoladeira [...] isso aconteceu no final da década de 50 em 1958 [...] os cursos que eu fiz em Bauru foi também no final da década de 60 em 1968, 10 anos depois do tombo do trem na estação de atoladeira”*;
 - texto 4: *“eu vou contar uma história que aconteceu comigo em dezembro de 2001 na fazenda do subrinho da Minha avó. Eu tinha 6 anos e é uma história real [...] no dia 13 de dezembro a manhã começou calma”*;
 - participação de outros personagens; de pessoas presentes nas lembranças dos entrevistados;
 - texto 1: *“Eu, minha irmã e meus primos e primas”*.
 - texto 4: *“eu, minha irmã e meus primos”*.
 - textos 5 e 6: *“eu e meu amigo”*.

Ao nos determos na linguagem utilizada pelo aluno 4 em suas produções, observamos a presença de marcas interacionais:

- texto 1: *“Olá professora!!! [...] Enfim acho que falei de mais tchau professora!!!”*;
- textos 2 e 4: *“Oi meu nome é”*;
- texto 5: *“Olá meu nome”*.

Em alguns momentos o autor tratou de ideias diferentes no mesmo parágrafo, utilizando também a pontuação incorreta que acabou por deixar confusa a ordem dos tópicos discursivos:

- texto 1: *“Eu, minha irmã e meus primos e primas, nos andávamos de cavalo e tomávamos banho no corgo da fazenda, e no calabouço era muito legal, corriamos atrás das galinhas [...] éra uma diversão as vezes um pegava mais peixes que o outro, e outras vezes que quase não vinha peixes ´sabem é como dizem "um dia da caça e outro do caçador".*

Os textos, por serem relatos de memórias nos quais os memorialistas contaram uma época de sua infância que permanece até hoje em seus pensamentos, é quase todo escrito em primeira pessoa, evidenciando a presença marcante dos pronomes egóticos.

- texto 1: *“Eu me lembro das férias [...] na fazenda do subrinho da minha avó. Eu, minha irmã e meus primos e primas”;*

- texto 3: *“Meu nome é Nelson. Um dia eu e minha família”;*

- texto 4: *“eu, minha irmã e meus primos”;*

- textos 5 e 6: *“Naquele tempo eu e meus amigos costumavam jogar aviões de papel na rua,”.*

Quanto à morfologia, identificamos o uso do nível coloquial da linguagem:

- texto 1: *“Olá professora!!! [...] tomávamos banho no corgo da fazenda [...] tchau professora”;*

- texto 2: *“Oi”;*

- texto 5: *“Olá”.*

Identificamos somente um problema de concordância nominal no texto 3 do aluno 4:

- texto 3: *“Antes do almoço nós matamos dois porcos, retiramos a banha dele e assamos o porco”;*

Observamos alguns problemas de concordância verbal:

- texto 1: *“As vezes o corros atolava na lama”;*

- texto 2: *“Os cursos que eu fiz em Bauru foi também no final da década de 60 em 1968”;*
- texto 5: *Naquele tempo eu e meus amigos costumavam jogar aviões de papel na rua”.*

Observamos, ainda, problemas com a locução adverbial (andávamos de cavalo) em que se o uso adequado seria (andávamos) a cavalo.

Percebemos também o uso de “mas” (conjunção adversativa) e “mais” (advérbio de intensidade), que pode ter ocorrido por uma questão de fonética.

- texto 2: *“o trabalho foi duro mais no final deu tudo certo”;*
- texto 4: *“o prego perfuro meu pé mais não chegou a atravessar ele”.*
- texto 5: *“naquela época a cidade era mais calma com pouco movimento na minha rua, mais como a cidade cresceu assim como o movimento de lá, as pessoas saíam mais para ficar na calçada conversando mais agora com a tecnologia ou falta de alguém elas raramente saem.”.*

O problema identificado quanto ao uso de “mas” e “mais”, pode estar relacionado à variante linguística do aluno – um vício da oralidade, que poderá ser sanado com atividades de leitura e análise textual da língua.

Em relação à ortografia, a existência de palavras grafadas em desacordo com o padrão culto da língua se fez presente. Veja as observações:

- texto 1: (*“subrinho”* – forma adequada “sobrinho”); (*“corgo”* – forma adequada “córrego”); (*“corros”* – forma adequada “carros”); (*“desíamos”* – forma adequada “descíamos”); (*“jusavamos”* – forma correta “sujávamos”);
- texto 2: (*“boens”* – forma adequada “bons”);
- texto 3: (*“sedo”* – forma adequada “cedo”);
- texto 4: (*“mangeiro”* – formas adequadas “mangueiro” [curral pequeno] ou “mangueira” [pé de manga]);
- texto 5: (*“atravesar”* – forma adequada “atravessar”); (*“esqueserei”* – forma adequada “esquecerei”).

Algumas palavras não foram acentuadas ou foram acentuadas de maneira incorreta:

- texto 1: “andavamos”, “corriamos“, “melhores”;
- texto 3: “familia”, “chacara”, “saimos”;
- texto 4: “manhâ”,
- texto 5: “estavamos”, “atacavamos”.

As produções do aluno 4 foram satisfatórias.

Quadro 18: Produções do aluno 5

Texto 1

oi professora

eu me lembro das minhas férias na casa dos meus avós, eles moram em outra cidade por isso só visito eles nas férias.

Lá tinha um cachorro muito bravo e que eu gostava dele. Eu vim para Campo Grande quando fui para a casa dos meus avós de novo o cachorro hávia morrido e tinha muitos gatos lá, comiam tudo que que era deixado na mesa eu sempre espantava eles, um dia eu fui seco para espantar um gato como se fosse morder ele mas na verdade quem me mordeu foi ele.

Tchau.....

Texto 2

Quando eu tinha 27 anos eu servi o quartel na minha cidade natal -Fátima do sul- e aprendi muitas coisas que uso diariamente logo depois vim para Campo Grande e conheci a minha mulher hoje sou casado e tenho 1 filho ,que está escrevendo este comentário.

Texto 3

Eu gostei muito da historia do Matheus, ele contou a hsitoria da mãe dele a dona Elisângela.

Ela nasceu em Campo Grande e parece que tem 34 anos, ele falou que ela tirou muitas fotos quando era criança e depois falou do noivado dela e que hoje ela tem 3 filhos: o Matheus, a Maria Mariana e o João Pedro.

Texto 4

Uma história do exército

Meu nome é João Amaro Ribeiro e tenho 46 anos nasci em agosto de 1961 em Fátima do Sul e vou contar a história dos meus dias no exército:

No ano de 1980 eu completei 18 anos e estava em dúvida se serviria no quartel, entre dúvidas e decisões decidi prestar ao exército, mesmo com um ano de atraso.

Lembro que nos meus primeiros dias, não conseguia me acostumar à Rotina de lá; todos os dias a minha rotina era dura: sempre acordando cedo, algumas vezes nem dormindo, comendo depressa e vivendo em ocasiões de perigo constantes, desbravando matas atravessando obstáculos e tomando decisões importantes.

O tempo passou e eu fui junto passei por várias cidades e hoje morro em Canpo Grande onde me casei conprei minha própria casa e tive 1 filho que está escrevendo essa memória.

Texto 5

As Minhas Memórias

Meu nome é João Amaro Ribeiro e tenho 46 anos nasci em Fatina do Sul, carinhosamente chamada de favo de mel, e hoje moro em Canpo Grande.

Vivi grande parte de minha juventude, onde nasci, aproximadamente 14 anos, depois eu e meu pai viajamos por vários lugares do Brasil e do estado, até “estacionar” em Dourados onde passei alguns anos, foi espetacular os lugares por onde passei.

Vin para Canpo Grande à uns vinte anos – nas minhas viagens achei esse lugar exuberante, e por isso moro aqui até hoje – .

Gostava muito da minha infância era uma idade livre e sem preocupações, adorava “bater uma bolinha” com os meus irmãos na quelas terras vermelhas que nos deixava encardidos no final da tarde, jogar bolita nos asfaltos e soltar pipa nos campos, adorava minha época – pois não havia essas máquinas que nos prende a uma tela de televisão o dia inteiro, nossos brinquedos eram artesanais e muito mais divertidos – .

A cidade não era lá essas coisas, mas era um cantinho bom para se viver, onde a gente podia criar alguns animaisinhos e viver do que se plantava.

Daquele tempo para hoje as roupas não mudaram muito, claro que é um pouco diferente, mas não é nen uma mudança espetacular.

Lenbro que uma vez ganhei uma caniseta do meu pai de um pano muito cobiçado naquela época, chamado “volta ao mundo”, hoje quen a vê fala que é pano para mosqueteiro! há há há há...

A brincadeira que eu mais gostava, era brincar com um brinquedo artesanal que nos fazianos abase de uma caretilha, vela e 1 borrachinha daquelas de anarrar dinheiro, fazia um “parangolê” e o brinquedinho saía andando na terra.

Hoje Canpo Grande ganhou várias melhoras e inovações que não havia naquele tempo, virou uma grande capital com vários meios que facilitam nossa vida.

Não tenho saudades dos meus antigos colegas pois já faz tempo que não visito a cidade, e não me lenbro direito deles os meus pais já faleceram e meus parentes mais proximos como meus irmões e irmãs moram perto de minha casa. Hoje sou feliz em Canpo Grande onde trabalho de pedreiro – profissão que senpre me garantiu sustento e felicidade – sou feliz por que vivo com minha família, a minha mulher e meu filho.

O que eu mais gosto na cidade são os campos e as fazendas onde eu melembro a diversão da minha infância, só guardo recordações boas, pois na minha vida só guardo aquilo que me faz feliz.

Texto 6

As Minhas Memórias

Meu nome é João Amaro Ribeiro e tenho 46 anos, nasci em Fátima do Sul, carinhosamente chamada de favo de mel, e hoje moro em Campo Grande.

Vivi grande parte de minha juventude, onde nasci, aproximadamente 14 anos. Depois eu e meu pai viajamos por vários lugares do Brasil e do estado, até estacionarmos em Dourados onde passei alguns anos, foram espetaculares os lugares por onde passamos.

Vim para Campo Grande há uns vinte anos. Nas minhas viagens achei esse lugar exuberante, e por isso moro aqui até hoje.

Gostava muito da minha infância era uma época livre e sem preocupações, adorava “bater uma bolinha” com os meus irmãos naquelas terras vermelhas que nos deixavam encardidos no final da tarde, jogar bolita nos asfaltos e soltar pipa nos campos, adorava minha época, pois não havia essas máquinas que nos prende a uma tela de televisão o dia inteiro, nossos brinquedos eram artesanais e muito mais divertidos.

A cidade não era lá essas coisas, mas era um cantinho bom para se viver, onde a gente podia criar alguns animaizinhos e viver do que se plantava.

Daquele tempo para hoje as roupas não mudaram muito, claro que é um pouco diferente, mas não é nem uma mudança espetacular.

Lembro que uma vez ganhei uma camiseta do meu pai de um pano muito cobiçado naquela época, chamado “volta ao mundo”, hoje quem a vê fala que é pano para mosqueteiro!

A brincadeira que eu mais gostava, era brincar com um brinquedo artesanal que nos fazíamos a base de uma carretilha, vela e 1 borrachinha daquelas de amarrar dinheiro, fazia um “parangolé” e o brinquedinho saía andando na terra.

Hoje Campo Grande ganhou várias melhoras e inovações que não havia naquele tempo, virou uma grande capital com vários meios que facilitam nossa vida.

Não tenho saudades dos meus antigos colegas, pois já faz tempo que não visito a cidade, e não me lembro direito deles.

Os meus pais já faleceram e meus parentes mais próximos como meus irmãos e irmãs moram perto de minha casa.

Hoje sou feliz em Campo Grande onde trabalho de pedreiro – profissão que sempre me garantiu sustento e felicidade. Sou feliz por que vivo com minha família, a minha mulher e meu filho.

O que eu mais gosto na cidade são os campos e as fazendas onde eu me lembro a diversão da minha infância, só guardo recordações boas, pois na minha vida só guardo aquilo que me faz feliz.

As análises das produções do aluno 5 nos indicaram os resultados que seguem:

Praticamente em todas as produções do aluno 5, a introdução foi disposta no primeiro parágrafo e localizou a história no tempo (passado) e nas produções 4, 5 e 6 no espaço (cidade onde nasceu e/ou vive atualmente. Nos textos 2, 4, 5 e 6 o autor faz referência a sua idade e nos textos 4, 5 e 6 ao lugar onde nasceu. Durante a leitura foi possível visualizar o cenário em que ocorreram as ações.

O desenvolvimento das ações mostra a situação da personagem em uma época decorrida há algum tempo e lembrada por ela e, que no passar dos anos, foi modificada por acontecimentos que lhe deixaram lembranças presentes em sua memória. Percebe-se que há o desenrolar dos conflitos.

No parágrafo em que se encontra a conclusão, o memorialista encerra seus relatos refletindo sobre a sua vida e suas recordações. Aqui temos o desfecho do relato de memórias.

A presença de algumas marcas comuns aos textos de memórias como:

- expressões em primeira pessoa usadas pelo narrador e verbos que remetem ao passado:
 - texto 1: *“Lá tinha um cachorro muito bravo e que eu gostava dele. Eu vim para Campo Grande quando fui para a casa dos meus avós”*;
 - texto 2: *“eu tinha 27 anos eu servi o quartel na minha cidade natal - Fátima do sul- e aprendi muitas coisas”*;
 - texto 4: *“No ano de 1980 eu completei 18 anos”*;
 - textos 5 e 6: *“nasci em Fatina do Sul, carinhosamente chamada de favo de mel, e hoje moro em Canpo Grande. Vivi grande parte de minha juventude, onde nasci,”*;

- expressões que ajudam a localizar o leitor na época narrada:
 - texto 2: *“Quando eu tinha 27 anos”*;
 - texto 4: *“No ano de 1980 eu completei 18 anos”*;
 - textos 5 e 6: *“Vim para Campo Grande há uns vinte anos”*.

- participação de pessoas – parentes e amigos – presentes nas lembranças do entrevistado;
- evidência de marcas que sugerem a realização de entrevistas nos textos 5 e 6, pois eles seguem a mesma ordem de acontecimentos.

A presença de marcas interacionais na linguagem do aluno 5, praticamente, não houve, com exceção do texto 1:

- texto 1: *“oi professora”*;

As ideias foram bem desenvolvidas; alguns problemas com pontuação – uso de vírgula e ponto final – não interferiram na ordem dos tópicos discursivos.

Os textos, por serem relatos de memórias nos quais os memorialistas contaram uma época de sua infância que permanece até o presente em seus pensamentos, são escritos predominantemente em primeira pessoa, evidenciando a presença marcante dos pronomes egóticos.

- texto 1: *“eu me lembro das minhas férias na casa dos meus avós”;*
- texto 2: *“servi o quartel na minha cidade natal [...] conheci a minha mulher”;*
- texto 4: *“Lembro que nos meus primeiros dias, não conseguia me acostumar à Rotina de lá; todos os dias a minha rotina era dura”;*
- textos 5 e 6: *“Gostava muito da minha infância [...] adorava “bater uma bolinha” com os meus irmãos [...] adorava minha época”.*

Registramos o uso do nível coloquial da linguagem:

- texto 1: *“eu me lembro das minhas férias na casa dos meus avós, eles moram em outra cidade por isso só visito eles nas férias”;*
- textos 5 e 6: *“adorava “bater uma bolinha” com os meus irmãos na aquelas terras vermelhas [...] A cidade não era lá essas coisas [...] O que eu mais gosto na cidade são os campos e as fazendas onde eu me lembro a diversão da minha infância”;*

Identificamos nos textos 5 e 6 alguns problemas de concordância verbal:

- textos 5 e 6: *“foi espetacular os lugares por onde passei [...] não havia essas máquinas que nos prende a uma tela de televisão o dia inteiro [...] A brincadeira que eu mais gostava, era brincar com um brinquedo artesanal que nos fazianos abase de uma caretilha, vela e 1 borrachinha daquelas de anarrar dinheiro, fazia um “parangolê” e o brinquedinho saía andando na terra”.*

Ao observarmos se o memorialista fez uso de um vocabulário próprio da época contextualizada, encontramos a palavra “volta ao mundo” (um tecido muito comum na época em que os fatos ocorreram).

Deparamo-nos com a palavra “parangolê” (nos textos 5 e 6) que foi usada para nomear um brinquedo artesanal à base de uma carretilha, vela e 1 borrachinha de amarrar dinheiro, que saía andando na terra, porém, alguns dicionários o registram como “antiarte” ou como “uma mistura de manto aristocrático com capa de mendigo”.

Em relação à ortografia, a existência de palavras grafadas em desacordo com o padrão culto da língua se fez presente. Veja as observações:

- texto 3: (possível erro de digitação do aluno – “*hsitoria*” – forma adequada “*história*”);
- textos 4 e 5: o aluno trocou a letra “m” pela “n” em diversas palavras: “*Canpo Grande, conprei, Fatina do Sul, aproximadamente, Vin, canpos, nen, Lenbro, caniseta, quen, anarrar, fazianos ,fanília, senpre*”, entre outras.
- texto 5: (“irmões” – forma adequada “irmãos”).

Algumas palavras não foram acentuadas:

- texto 5: (“fazianos, proximos” – formas adequadas “fazíamos, próximos”);

Consideramos as produções do aluno 5 coerentes, pois as relações estabelecidas entre o emissor, o receptor e o texto propriamente dito foram satisfatórias.

Analisamos, aqui, o conteúdo temático, a estrutura composicional e o estilo do conjunto de produções dos alunos e pudemos perceber que essas três características devem ser analisadas levando-se em consideração o contexto de produção do discurso devidamente localizado em um tempo e um espaço (condição

sócio-histórica) e que elas também dependem de um conjunto de participantes e suas vontades enunciativas ou intenções.

Portanto, essas três características que definem um gênero – plano composicional, estilo verbal e conteúdo temático – “fundem-se no todo do enunciado e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação” (Bakhtin, 2006, p. 277).

Passaremos agora à análise global das produções.

3.1.1 Análise global dos textos (o conteúdo temático, a estrutura composicional e o estilo)

Nosso trabalho constituiu em analisar produções de textos do gênero relato de memórias realizadas por alunos de uma escola pública, no caderno e no blog, uma prática comunicativa digital, hoje, tão comum entre os adolescentes. Essa prática nos fez refletir acerca de se conhecer bem um gênero textual antes de produzi-lo, para que assim, os envolvidos nesse processo tenham condições de adquirir uma competência que possibilite conhecer os gêneros textuais e as práticas sociais, uma vez que, “[...] todos nós falantes/ouvintes, escritores/leitores, construímos, ao longo de nossa existência, uma competência metagenérica, que diz respeito ao conhecimento de gêneros textuais, caracterização e função.” (KOCH & ELIAS, 2009, p. 54).

Marcuschi (2002, p.19) explica o uso da expressão gêneros discursivos textuais “como uma noção propositalmente vaga para referir os textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sociocomunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica”. Diante disso, procuramos conhecer, em nossas análises, o conteúdo temático, a estrutura composicional e o estilo presentes em cada conjunto de textos dos alunos e constatamos que o processo, pelo qual eles passaram para produzir a escrita do texto final, serviu para aprimorar um pouco mais a sua compreensão sobre a organização do gênero textual em estudo – o relato de memórias.

Os alunos empenharam-se no intuito de organizar as memórias, procurando atender às orientações recebidas em relação ao conteúdo temático, à estrutura e ao estilo do gênero em estudo, apresentando progresso, apesar de algumas dificuldades. Diante disso, foi possível identificar que os avanços foram significativos, tanto para o professor, que se empenhou em orientar os educandos para produzirem seus relatos quanto para os alunos, que tiveram a oportunidade de compreender mais detalhadamente o gênero textual em estudo – o relato de memórias.

Com a intenção de elucidar os motivos que levaram o aluno a utilizar a escrita digital – abreviada – em que se percebe a supressão das vogais, praticamente próxima da pronúncia evidenciada pelo uso de acrônimos com valor silábico, conhecidos também, como marcas interacionais usadas na internet (a linguagem dos chats, e-mail, blog, MSN, etc.), procuramos o aluno 2 e, numa conversa informal, questionamos por que motivo ele, em sua produção, fez o uso da escrita digital. O aluno respondeu que escreveu daquele modo, pois estava “com preguiça”, apesar de saber que deve evitar essa forma de escrita em situações que exijam maior formalidade.

Portanto, nesta primeira fase de nossas análises, que tratou do conteúdo temático, da estrutura composicional e do estilo do conjunto de produções dos cinco alunos, cujos textos tiveram como suporte o blog e o caderno, entendemos que a situação de produção, os recursos utilizados, o local, os interlocutores e a forma de comunicação não interferiram demasiadamente na linguagem usada para a produção do gênero solicitado, uma vez que somente um aluno grafou as palavras conforme as marcas interacionais usadas na internet. Percebemos, também, que nessa concepção dialógica da língua em que se levaram em conta o suporte, o gênero solicitado e os interlocutores, os sujeitos são ativos, pois construíram e reconstruíram os seus textos utilizando a linguagem verbal, demonstrando que cada um tem um estilo próprio. Apesar disso, não podemos afirmar que a nossa hipótese inicial “essa proposta de estudo contribuiu para a apreensão do gênero trabalhado e para o aperfeiçoamento da escrita dos alunos” foi comprovada, pois o tempo destinado à realização das oficinas propostas pelos organizadores da Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro não foi suficiente para essa verificação.

Prosseguindo nossos estudos, trataremos da análise individual dos textos de acordo com os critérios estabelecidos pela OLP.

3.2 Análise individual dos textos de acordo com os critérios de avaliação da OLP

Nesta segunda parte, nos debruçamos nas análises dos conjuntos de textos dos alunos, dando maior atenção à última versão, visando a verificar se os critérios de avaliação sugeridos pelos organizadores da OLP – aspectos próprios do gênero e os aspectos mais gerais do texto – foram contemplados, e também para identificar se os alunos demonstraram alguma melhora na escrita no decorrer do processo.

Nesta análise, seguiremos à risca os critérios de avaliação propostos pela OLP, procurando entender e explicar alguns itens que consideramos vagos demais para serem pesquisados nas produções, os quais serão tratados mais detalhadamente no item 3, no qual procuraremos explicitar nossa visão sobre os critérios avaliativos propostos pela Olimpíada de Língua Portuguesa – Escrevendo o Futuro-2008.

Seguem, abaixo, as análises das produções, conforme a avaliação proposta pela OLP.

Aluno 1

Texto 1

O texto 1 do aluno 1 traz memórias da infância do aluno, o qual foi convidado a relatar alguma lembrança ou acontecimento da época em que era criança.

Quanto aos aspectos próprios do gênero, ele empregou o verbo “ter” no tempo presente e, em seguida, o verbo “viajar” no passado, época em que aconteceram os fatos narrados, situando o leitor nesse tempo; fez o uso adequado dos verbos no pretérito perfeito e imperfeito; evidenciou, em seu texto, sentimentos e emoções sobre os acontecimentos que estão sendo evocados; e descreveu brevemente o pomar da fazenda e o seu estado físico após uma “guerrinha” de ciriguela. Por ser um breve relato, não apresentou título.

Quanto aos aspectos mais gerais do texto, verificamos a presença da conjunção aditiva “e”, usada no lugar da vírgula, para enumerar os acontecimentos; não consta o uso de parágrafo, porém, não é possível identificá-lo, uma vez que o

comentário foi produzido no blog, espaço para comentários, que se assemelha ao bloco de notas do aplicativo Windows; constatamos, ainda, a grafia incorreta das palavras: “viagei” (grafada com “g” no lugar de “j” – verbo), “bricar” (omissão do “n” – erro de digitação).

Texto 2

O texto 2 do aluno 1 traz um relato produzido na primeira pessoa do discurso, fruto da conversa com uma pessoa da comunidade.

Ao analisarmos os aspectos próprios do gênero, constatamos que o aluno empregou o verbo ter no tempo presente; fez o uso de palavras e expressões que indicam uma época, situando o leitor no tempo passado; usou adequadamente os verbos no presente e pretérito perfeito; fez referência a duas fotos que o remetem ao passado, evidenciando sentimentos e emoções sobre acontecimentos relatados por ele; descreveu brevemente lugares, acontecimentos e pessoas. O texto deixa transparecer que o autor fez entrevistas para produzi-lo, recuperando lembranças de outros tempos. Por ser um breve relato, não apresentou título.

Em se tratando dos aspectos mais gerais do texto, verificamos também, problemas com a pontuação; a grafia incorreta das palavras: “vó” (linguagem coloquial), a grafia da palavra “quando” (omissão do “n” – erro de digitação); a omissão da palavra “anos” após o número 54.

Texto 3

No texto 3 do aluno 1, foi solicitado que, dentre as memórias recontadas pelos seus colegas durante a exposição de objetos, ele escolhesse a que mais chamou a sua atenção, que a reescrevesse em primeira pessoa e a postasse no blog. Constatamos que o aluno produziu um texto breve, porém de acordo com a solicitação da professora.

Ao observarmos os aspectos próprios do gênero, constatamos que, no texto, há comparações entre o presente e o passado, com palavras e expressões que indicam uma época, situando o leitor no tempo passado.

“Na minha família tinha um relógio que meu avô trouxe do Japão.”

Os verbos foram usados adequadamente, no pretérito perfeito, referindo-se a um objeto – um relógio – sobre o qual evidenciam sentimentos, emoções e impressões – que foi repassado pra as gerações seguintes às do avô. Por se tratar de um breve texto, autor não usou recursos que pudessem caracterizar mais o objeto, como também, não teve a preocupação de dar a ele um título.

Por ser um texto breve, não foi possível observar os aspectos mais gerais da gramática e ortografia.

Texto 4

No texto 4 do aluno 1, foi solicitado que escrevesse as memórias da pessoa com quem conversou, colocando-se no lugar dela, como se fosse o entrevistado.

Dessa forma, o texto que deveria abordar o tema “O lugar onde vivo” trouxe as memórias de uma antiga moradora que relembra uma história acontecida nas férias, em 15 de janeiro de 1984, expressão que indica uma época, situando o leitor no tempo passado.

Os verbos foram empregados no pretérito perfeito e imperfeito do modo indicativo.

“estava, estavam, gritava, estava, deu, chegou, respondi”.

O aluno também descreve acontecimentos que envolvem outras pessoas, além dele. O fragmento *“Em 15 de janeiro 1984, eu Cristiane Rodrigues”*, deixa transparecer que o autor fez entrevistas para produzi-lo, pois recuperou lembranças de “Cristiane Rodrigues” em outros tempos, relacionados ao lugar onde ela viveu.

Quanto aos aspectos mais gerais do texto, pode-se dizer que as marcas mais comuns da oralidade não se fizeram presentes na produção. Alguns problemas corriqueiros de concordância nominal foram percebidos:

“correu até chegar na casa da minha vô”.

Já em se tratando da pontuação, o texto do aluno apresentou alguns problemas no uso da vírgula e ponto final. Da mesma forma, a falta do uso de

parágrafos foi observada no discurso direto, visando a deixar o texto com uma estética mais agradável. Alguns problemas ortográficos, como: “vô/avó”; “tam/tão”; “a onde/onde”; mais/mas”; “muleca/moleca”; “deconta/de conta”; “tava/estava”; “escultou/escutou”; “por que/porque”; “por quê/porque” foram identificados, todavia não interferiram na sequência dos fatos.

Concluimos que o texto em seu todo estava legível e de fácil entendimento.

Texto 5

No texto 5 do aluno 1, foi solicitado que produzisse seu primeiro relato de memórias individual, com base na pesquisa sugerida na Oficina 1, quando recolheu objetos antigos e conversou com pessoas mais velhas da comunidade. Para isso, o aluno foi orientado a colocar-se no lugar da pessoa entrevistada.

Ao analisarmos os aspectos próprios do gênero, constatamos que o texto tematizou “O lugar onde vivo”, trazendo as memórias de uma senhora que nasceu e viveu até os 20 anos de idade em outro estado, e agora é moradora da cidade de Campo Grande, estado de Mato Grosso do Sul.

O período “Vivi no Paranagi estado do Parana até os 20 anos depois mudei para Campo Grande”, indica um tempo decorrido e uma época, situando o leitor no tempo passado.

O aluno usa adequadamente os verbos no pretérito perfeito e imperfeito do modo indicativo:

“nasci em Paranagi estado do Paraná [...] eu não conhecia ninguém [...] Minha infância não era igual a dessas crianças de hoje em dia [...] ele falou que ia no ferro velho vender a bicicleta”

O aluno-autor faz referência a uma bicicleta – objeto não muito comum na época relatada no texto; lugares e modos de vida que já não existem ou se transformaram.

Encontramos evidências de sentimentos, emoções e impressões sobre os acontecimentos e fatos evocados pelo autor e descrição de lugares:

“vi a igreja, casas de madeira, passei pela praça que estava cheia de gente com roupas engraçadas, passei por ruas de pedras e de asfaltos, pelo campo de futebol e pelo barracã”.

A introdução do texto deixa transparecer que o autor fez entrevistas para produzi-lo, recuperando lembranças de outros tempos relacionadas ao lugar onde vive. O título está de acordo com o conteúdo do texto.

“Meu nome é Cristiane Rodriguês, tenho 46 anos, nasci em Paranagi estado do Parana. Atualmente moro em Campo Grande. Vivi no Paranagi estado do Parana até os 20 anos depois mudei para Campo Grande. No começo foi difícil morar aqui porque eu não conhecia ninguém, e eu e meu marido viemos desempregados”.

Ao analisarmos os aspectos mais gerais do texto, constatamos que o autor evitou marcas de oralidade, assim como problemas com a concordância verbal e nominal; apresentou poucos problemas de pontuação; grafou um substantivo próprio com letra minúscula; desenvolveu as ideias em parágrafos separados; apresentou alguns problemas ortográficos.

Texto 6

Na produção 6 do aluno 1, solicitamos a ele que fizesse os últimos retoques no texto, ou seja, revisasse e aprimorasse o seu texto e, após revisado, o texto seria entregue para a comissão julgadora.

Para facilitar o trabalho do aluno, elaboramos um cartaz com o roteiro para revisão, sugerido pela comissão organizadora da OLP e o orientamos a reler a sua produção e seguir o roteiro. Porém, observamos que ele não deu atenção às orientações.

O texto abordou o tema “O lugar onde vivo”, porém, de maneira superficial, trazendo as memórias de Cristiane Rodrigues, que recupera a história do lugar onde nasceu e de sua infância.

O aluno-autor fez comparações entre o presente e o passado, evidenciando sentimentos e emoções sobre os acontecimentos evocados por ele:

“Minha infância não era igual a dessas crianças de hoje em dia, eu tinha que ir para roça com minha mãe para ajudar em casa”

O período abaixo indica uma época, situando o leitor no tempo passado:

“Vivi em Paranagi estado do Paraná até os 20 anos depois mudei para Campo Grande”

Os verbos foram usados adequadamente no pretérito perfeito e imperfeito:

“nasci em Paranagi estado do Paraná [...] mudei para Campo Grande [...] eu não conhecia ninguém [...] Minha infância não era igual a dessas crianças de hoje em dia, eu tinha que ir para roça com minha mãe para ajudar em casa [...] “fomos perguntar para minha mãe se podíamos andar com a bicicleta [...] ele falou que ia no ferro velho vender a bicicleta”

O autor relata que agora vive em Campo Grande e faz uma breve descrição da cidade:

“Campo Grande é uma cidade bonita com muitos pontos turísticos, e o que mais me atrai nesta cidade são as pessoas, cada uma com seu jeito”.

A introdução do texto situa o leitor sobre o narrador: a idade, o local onde viveu e mora atualmente:

“Meu nome é Cristiane Rodriguês, tenho 46 anos, nasci em Paranagi estado do Paraná. Atualmente moro em Campo Grande. Vivi em Paranagi estado do Paraná até os 20 anos depois mudei para Campo Grande. No começo foi difícil morar aqui porque eu não conhecia ninguém, e eu e meu marido viemos desempregados.”

O relato do passeio com a bicicleta e dos acontecimentos foi um recurso que valorizou o texto, pois ao lê-lo, é possível imaginar os locais descritos pelo autor:

“Quando minha mãe saiu para trabalhar eu peguei a bicicleta e fui andar pela cidade, vi a igreja, casas de madeira, passei pela praça que estava cheia de gente com roupas engraçadas, passei por ruas de pedras e de asfaltos, pelo campo de futebol e pelo barracão, e quando estava na rua de casa bati com a bicicleta no poste e cai de cara no chão e ainda estraguei toda bicicleta”

O texto tem um título que é condizente com o tema.

Ao analisarmos os aspectos mais gerais do texto, percebemos que o autor procurou evitar marcas de oralidade, problemas com a concordância verbal e nominal. Apesar dos cuidados, ainda permaneceram alguns problemas com a pontuação:

“Vivi em Paranagi estado do Paraná até os 20 anos depois mudei para Campo Grande”

Constatamos, também, que o aluno corrigiu a grafia do nome próprio Jaime, grafada no texto anterior com letra minúscula, desenvolveu cada ideia em um parágrafo diferente, fez as correções ortográficas, tornando o seu texto mais organizado.

Aluno 2

Texto 1

Na produção 1 do aluno 2, a presença de elementos do gênero “memórias” foi evidenciada na frase: *“Eu me lembro quando eu tinha 5 anos”*, em que houve o relato de uma lembrança do passado.

A expressão *“quando eu tinha 5 anos”* indica que os fatos aconteceram numa época que não foi tão recente, situando o leitor no tempo passado.

Os verbos foram usados no pretérito perfeito e imperfeito:

“quando eu tinha 5 anos, eu fiquei doente por causa que eu queria um cachorro-quente [...] já era de madrugada, minha mãe foi de madrugada na casa da mulher [...] quando eu comi a febre passou!!!”

Não encontramos indícios de referências a objetos, lugares e modos de vida do passado, evidências de acontecimentos evocados, descrição de lugares, pessoas, etc.

O texto deixa transparecer que o autor não fez entrevistas para produzi-lo e nem mesmo deu-lhe um título.

Nas questões de gramática e ortografia, percebemos que o vocativo: “Olá professora!!!” é uma marca de oralidade, pois, com essa frase, o aluno está dirigindo-se à interlocutora, como estivesse falando com ela em tempo real. Observamos, também, alguns problemas de pontuação e o uso equivocado do conectivo “*por causa que*”; este, pode ser atribuído à variante linguística do aluno.

“eu fiquei doente por causa que eu queria um cachorro-quente”

Texto 2

A produção 2 do aluno 2 traz um relato produzido na primeira pessoa do discurso, fruto da conversa com uma pessoa da comunidade. Os aspectos próprios do gênero memórias fizeram-se presentes, pois o aluno recuperou as lembranças de uma antiga moradora de Campo Grande.

Os elementos do gênero “memórias” fizeram-se presentes nas comparações entre o presente e o passado e nas expressões que indicam uma época, situando o leitor no tempo passado:

“Nesse tempo a cidade naum era taum gde como é hj [...] Vivi toda minha infância aqui em CG,eramos livre, agente podia brinca na rua sem pirigo nem um [...] Lembro da minha primeira bicicleta”

Observamos o uso adequado dos verbos no pretérito perfeito e imperfeito:

“naci em Campo Grande [...] a cidade naum era taum gde [...] eramos livre, agente podia brinca na rua [...] mininos e mininas que jogava bola e brinkava de pião [...] Meus vestidos eram lindus com lacinhus e eu era uma minina feliz”

O aluno faz referências a objetos, lugares e modos de vida que já se transformaram:

“Lembro da minha primeira bicicleta, tbm da minha professora do primero ano, dos mininos e mininas que jogava bola e brinkava de pião kumigo. Meus vestidos eram lindus com lacinhus e eu era uma minina feliz nakele tempo”

Os sentimentos foram evidenciados no fragmento:

“eu era uma minina feliz nakele tempo [...]”

O vocabulário empregado pelo aluno foi simples e o texto não teve um título.

Ao analisarmos os aspectos mais gerais do texto – gramática e ortografia –, constatamos a escrita digital – abreviada – em que se percebe a supressão das vogais, praticamente próxima da pronúncia, evidenciada pelo uso de acrônimos com valor silábico “gde, hj, tbm” conhecidos, também, como marcas interacionais usadas na internet (a linguagem dos chats, e-mail, blog, MSN, etc.); o uso de palavras que sofreram acréscimo de elementos em sua forma original “naum, taum”; os vocábulos como “brinkava, kumigo, nakele, kase, aki” em que a letra “c” foi substituída pelo respectivo fonema /k/; a abreviação da preposição “por” representada pela letra “p”, se fazem presentes; constatamos que ideias diferentes estavam dispostas no mesmo parágrafo e alguns problemas com a pontuação, responsável pela modificação da ordem dos tópicos discursivos.

Texto 3

Na produção 3 do aluno 2 constatamos que o aluno escreveu apenas um período utilizando a terceira pessoa do discurso:

“o matheus levou uma pombinha de gesso do casamento dos pais dele, eles tem esse objeto mais ou menos uns 15 anos”.

Dessa forma, não vimos necessidade em fazer a análise desse período, uma vez que estamos trabalhando com relatos de memórias.

Texto 4

Na produção 4 do aluno 2 percebemos a presença de alguns aspectos próprios do gênero memórias, que consiste em lembrar acontecimentos vividos no passado como:

“Eu me chamo Francisca tenho 41 anos, e eu me lembro que no dia 18 de julho de 2002 eu recebi um cartão e um vasinho de margaridas do meu filho Deividson”.

O uso adequado dos verbos no pretérito perfeito está presente na produção do aluno 2:

“eu recebi um cartão [...] isso aconteceu comigo [...] Eu me senti muito feliz [...] Eu me senti muito feliz”

Não encontramos referências a objetos, lugares e modos de vida que já não existem ou se transformaram, porém percebemos a evidência de sentimentos, emoções e impressões sobre um acontecimento – ter recebido um presente de seu filho:

“Eu me senti muito feliz por o meu filho que a seis anos atrás tinha 15 anos ter lembrado do meu aniversário com tanto carinho”

“Para ver como eu fiquei tão feliz eu, guardo até hoje esse lindo cartão”

Não constatamos descrição de lugares, pessoas, somente uma descrição breve do cartão musical.

Percebemos a realização de entrevistas logo na introdução, no momento em que o narrador se apresenta e diz a sua idade e continua recuperando lembranças de um aniversário que aconteceu em 18 de julho de 2002.

O texto não tem um título.

Quanto aos aspectos de gramática e ortografia, constatamos marcas da oralidade pelos problemas de concordância verbal apresentados:

“Esses presentes foi para comemorar o meu aniversário de 36 anos”

“e os meus filhos já terem os seus filhos”

O uso indevido da vírgula, que deveria ter aparecido antes do pronome pessoal do caso reto “eu”, se fez presente:

“Para ver como eu fiquei tão feliz eu, guardo até hoje esse lindo cartão”

Da mesma forma, ocorreu com o uso incorreto de conectivo “por o” empregado no lugar de “pelo” e “a” no lugar da forma verbal “há”:

“Eu me senti muito feliz por o meu filho que a seis anos atrás tinha 15 anos ter lembrado do meu aniversário com tanto carinho”

Texto 5

Na produção 5 do aluno 2, o texto abordou o tema “O lugar onde vivo”, trazendo as memórias de uma antiga moradora que recupera a história de sua infância em Recife. O aluno não foi muito claro ao tentar situar o leitor acerca dos acontecimentos a serem narrados no desenvolvimento do texto. As informações ficaram meio misturadas.

Encontramos alguns fragmentos que mostram a existência de comparações entre o presente e o passado, que indicam uma época, situando o leitor no tempo passado:

“Minha infância foi muito difícil desde pequena tive que trabalhar”

“Naquele tempo a gente costumava-se se reunir na praça para brincar de esconde-esconde”

O memorialista fez o uso adequado dos verbos no pretérito perfeito e imperfeito.

“nasci em Recife [...] vivi doze anos em Recife [...] fui para São Paulo [...] me diverti muito [...] Minha infância foi muito difícil desde pequena tive que trabalhar [...] a brincadeira que eu mais gostava era a do cordão”

Ao narrar as memórias, o autor refere-se a lugares e brincadeiras de sua infância, evidenciando sentimentos e emoções sobre a época narrada:

“Eu sinto muita saudade da minha cidade natal e dos meus amigos”

O texto deixa transparecer que o autor fez entrevistas para produzi-lo, recuperando as lembranças da infância de dona Francisca.

O texto não tem título e as marcas interacionais não se fazem tão presentes.

Registramos que o uso de estruturas sintáticas e/ou opções léxicas que demonstram a informalidade na colocação pronominal não foi marcante; porém o uso do nível coloquial da linguagem, a concordância nominal e verbal em desacordo com as normas gramaticais fizeram-se presentes na produção do aluno.

“Tem vezes que eu me lembro das boas lembranças que vivi na minha cidade natal”. (Às vezes)

Em alguns momentos o autor tratou de ideias diferentes no mesmo parágrafo, utilizando e/ou deixando de utilizar a pontuação, responsável pela modificação da ordem dos tópicos discursivos.

“Minha infância foi muito difícil desde pequena tive que trabalhar, minha cidade tinha muitas praças e parques, na época do halloween as pessoas se vestiam muito engraçado, uns se vestiam até de bruxa, e um acontecimento

que marcou a minha vida foi quando eu fui no sitio do meu tio e ganhei uma bicicleta”.

No parágrafo abaixo ficou bem evidenciado o uso da pontuação, que por não estar acordo com as regras gramaticais exigidas, acabou por modificar a ordem dos tópicos.

“Minha infância foi muito difícil desde pequena tive que trabalhar, minha cidade tinha muitas praças e parques, na época do halloween as pessoas se vestiam muito engraçado, uns se vestiam até de bruxa, e um acontecimento que marcou a minha vida foi quando eu fui no sitio do meu tio e ganhei uma bicicleta. [...]Eu sinto muita saudade da minha cidade natal e dos meus amigos, minha vida em Campo Grande é muito legal, vivo com a minha família, o meu marido e os meus quatro filhos [...].

Texto 6

Na produção 6 do aluno 2 foi mantida a mesma versão do texto anterior. Somente foram corrigidas as palavras grafadas de forma inadequada e acentuadas as que estavam sem acentuar.

Aluno 3

Texto 1

Na produção 1 do aluno 3 a presença de elementos do gênero “memórias” foi evidenciada nos fragmentos abaixo nos quais houve:

- comparações entre o presente e o passado.

“A minha lembrança é meio dolorida. Eu sempre fui magricelo, e quando eu tinha 5 anos +ou- eu estava brincando de lutinha com meus primos,quando a minha prima, Camila, puxou o meu braço com força [...] Daí em diante, nunca mais brinquei de luta e lembro da dor até hoje”

- o relato de uma lembrança do passado situando o leitor no tempo passado.

“A minha lembrança é meio dolorida [...] quando eu tinha 5 anos +ou- eu”.

Os verbos foram usados no pretérito perfeito e imperfeito:

“Eu sempre fui magricelo [...] eu tinha 5 anos +ou- eu estava brincando [...]a minha prima, Camila, puxou o meu braço com força. Aí eu acabei destroncando o braço”.

- Há evidência de sentimentos, emoções e impressões sobre os acontecimentos e fatos que estão sendo evocados.

“Não aguentava nem movimentar meus dedos. Mais o negócio doeu mesmo quando eu fui na Santa Casa colocar o braço no lugar. doeu demais!!! Foi a pior dor da minha vida”.

Ao verificarmos os aspectos mais gerais do texto, sobre gramática e ortografia, encontramos marca de oralidade evidenciada pelo advérbio de lugar “aí” que foi usado para dar continuidade ao texto:

“Aí eu acabei destroncando o braço. Não aguentava nem movimentar meus dedos. Mais o negócio doeu mesmo quando eu fui na Santa Casa colocar o braço no lugar”.

Apesar de o texto ter sido breve e escrito em um só parágrafo e da presença de sinais matemáticos no texto, as idéias foram bem desenvolvidas.

O “quando eu tinha 5 anos +ou-“

Texto 2

Para realizar a produção 2, o aluno 3 deveria pensar na narrativa que a pessoa entrevistada contou e reescrevê-la no blog, como se fosse o(a) próprio(a)

entrevistado(a). Ele relatou o que ouviu ao entrevistar a sua mãe, mantendo a pertinência ao tema proposto.

O texto apresentou o relato de “Elisângela”, que citou fotografias que lhe possibilitaram fazer um retrospecto de sua infância, fazer comparações entre o presente e o passado, usar palavras e expressões que indicam uma época, situando o leitor no tempo passado, evidenciando a presença de elementos do gênero “memórias” e usar adequadamente os verbos no pretérito perfeito e imperfeito:

“Eu tenho uma foto de quando eu tinha 5 anos de idade e que tirei junto com minha irmã Loraine, que na época tinha 1 aninho. eu me lembro que meu pai Eutácio tirou essa foto nossa. Nós morávamos aqui mesmo em Campo Grande e erâmos muito felizes [...] Na época, fui morar na casa do meu irmão Edson e da minha cunhada Sandra, para ajudar eles a cuidarem do seu filho recém-nascido Victor”.

O autor:

- faz referência a objetos, lugares e modos de vida que já não existem ou se transformaram:

“Nessa cidade eu tenho fotos e objetos que recordam parte da minha vida. Eu tenho uma foto de quando eu tinha 5 anos de idade e que tirei junto com minha irmã Loraine, que na época tinha 1 aninho [...] Outra foto marca o início de uma nova fase da minha vida: meu noivado”.

- evidencia sentimentos, emoções e impressões sobre os acontecimentos, fatos, que estão sendo evocados:

“Nós morávamos aqui mesmo em Campo Grande e erâmos muito felizes [...] Tenho muita outras fotos, mais essas recordam os momentos mais marcante da minha vida”.

- descreve, quando necessário, lugares, pessoas:

“Também tenho uma foto muito legal [...] Laguna é um lugar muito belo”.

Texto 3

Na produção 3, o aluno 3 optou por reescrever o relato que ele mesmo contou – sobre o seu pai. Nele, a presença de elementos do gênero “memórias” foi evidenciada nas situações listadas abaixo:

- comparações entre o presente e o passado:

“Quando fiquei mais adulto, mudei para Campo Grande atrás de um emprego melhor”.

- palavras e expressões que indicam uma época, situando o leitor no tempo passado:

“nasci em Dourados-MS. Cresci em Dourados. Quando fiquei mais adulto, mudei para Campo Grande atrás de um emprego melhor”.

- uso adequado dos verbos no pretérito perfeito:

“nasci [...] Cresci em Dourados. Quando fiquei mais adulto, mudei para Campo Grande [...] Deu certo. Além de ter arranjado emprego, construí uma família linda”

- evidência de sentimentos, emoções e impressões sobre os acontecimentos e fatos que estão sendo evocados e descrição pessoas, no caso a sua família:

“Além de ter arranjado emprego, construí uma família linda com minha esposa e meus 3 filhos. Tudo isso graças a Deus meus Senhor e Salvador!!!!!!!!!!!!”.

Não há indícios de que o autor fez entrevistas para produzi-lo, recuperando lembranças de outros tempos relacionadas ao lugar onde vive, pois foi muito sintético e o autor não se preocupou em dar um título a ele.

Quanto aos aspectos mais gerais do texto, não há marcas de oralidade e problemas com a concordância verbal e nominal, porém foram evidenciados problemas com a pontuação, o uso indevido de maiúscula e erros ortográficos.

Texto 4

Na produção 4, o aluno 3 relatou as memórias de sua mãe Elisângela e sua história de amor com o seu esposo. Durante o seu relato, ele esqueceu que estava narrando na primeira pessoa do discurso e usou a terceira pessoa – momento em que ele se refere ao pai:

“Tudo começou na Igreja Batista do Guanandy, quando nós dois se conheceram. Meu pai se ofereceu para levar minha mãe em casa. Nós começamos a conversar e criamos afinidade. Logo estávamos namorando”.

Nesse relato, encontramos a presença de elementos do gênero “memórias”, listados abaixo:

- comparações entre o presente e o passado:

“A lembrancinha era um casal de pombinhas (que eu guardo até hoje)”.

- palavras e expressões que indicam uma época, situando o leitor no tempo passado:

“Começamos a namorar em 1993, o mesmo ano em que noivamos. Em maio de 94 nos casamos”.

- uso adequado dos verbos no pretérito perfeito e imperfeito:

“Tudo começou na Igreja Batista [...] Meu pai se ofereceu para levar minha mãe em casa. Nós começamos a conversar e criamos afinidade. Logo estávamos namorando”.

- evidência de sentimentos, emoções e impressões sobre os acontecimentos evocados:

“O namoro foi muito aprovado pelos nossos pais [...] Nossa família sempre muito feliz já parecia lotada [...] Nós já passamos muitas lutas e provações, mas Deus sempre nos sustentou. Tudo isso é graças a Deus”.

O título do texto *“Uma história de amor”* nos instiga a querer conhecer toda a história relatada.

Os aspectos mais gerais do texto referentes à gramática e à ortografia mostraram-nos que o memorialista:

- evita marcas de oralidade, porém, faz uso do nível coloquial da linguagem, marcado pelo uso de *“aí”* e pela colocação pronominal, há problemas no uso do verbo e do pronome:

“Tudo começou na Igreja Batista do Guanandy, quando nós dois se conheceram [...] Nos casamos na mesma igreja em que nos conhecemos”.

- em algumas palavras o aluno 3 usou o acento incorretamente:

“Logo estávamos namorando”.

Texto 5

Na produção 5, o aluno 3 trouxe as memórias de um antigo morador que recupera a história do lugar, evidenciadas pela presença de elementos do gênero “memórias” como:

- comparações entre o presente e o passado:

“Há 17 vivo aqui em Campo Grande. Minha infância em Dourados foi muito bem aproveitada. Me diverti muito. Gostei muito de ser criança: Dourados era uma cidade simples, pequena e que todos se conheciam, as casas eram bem humildes, as pessoas mais chamativas, e quem quisesse vestia as calças “boca de sino” que era moda na época”.

- palavras e expressões que indicam uma época, situando o leitor no tempo passado:

“Vivi em Dourados 24 anos. Depois de todos esses anos mudei para Campo Grande, para tentar arrumar um emprego melhor”.

- usou adequadamente os verbos no pretérito perfeito e imperfeito:

“Vivi em Dourados 24 anos [...] Eu tive experiências novas [...] Minha infância em Dourados foi muito bem aproveitada. Me diverti muito. Gostei muito de ser criança”.

- fez referência a objetos, lugares e modos de vida que já não existem ou se transformaram:

“Nós fazíamos tudo: jogávamos bola, brincávamos de “bang-bang”, carrinho de “rolimã”, de “hominho” e muito mais coisas”.

- evidenciou sentimentos, emoções e impressões sobre os acontecimentos e fatos evocados:

“Foi ótimo! Eu tive experiências novas [...] Me diverti muito. Gostei muito de ser criança [...] Uma das coisas que mais marcou minha infância foi minha amizade com meus amigos Rogério e Renato [...] As lembranças do passado me trazem boas recordações, assim como o presente”.

- descreveu, quando necessário, a cidade de Dourados e as pessoas de lá:

“Dourados era uma cidade simples, pequena e que todos se conheciam, as casas eram bem humildes, as pessoas mais chamativas, e quem quisesse vestia as calças “boca de sino” que era moda na época [...] Hoje a velha cidade de Dourados está movimentada. As pessoas não usam mais calça “boca de sino”, elas vestem-se de acordo com a moda atual”.

Sobre a gramática e a ortografia, percebemos que o autor procurou evitar marcas de oralidade, problemas com a concordância verbal e nominal, problemas de pontuação – que se fazem menos presentes. Vimos também que ele desenvolveu suas ideias separadamente, fazendo o uso correto de parágrafo.

Texto 6

Na produção 6, o aluno 3 manteve a mesma versão do texto anterior. Somente corrigiu as palavras grafadas de forma inadequada, acentuou as palavras que estavam sem acentuar e fez alguns outros acertos na pontuação.

Aluno 4:

Texto 1

O texto 1 do aluno 4 traz um relato produzido na primeira pessoa do discurso sobre o próprio aluno, que relembra as suas férias na fazenda do sobrinho de sua avó. Dessa forma, entendemos que há pertinência ao tema proposto, pois foi solicitado a ele que relembresse alguma coisa que costumava fazer quando criança ou um acontecimento marcante de quando era bem pequeno e escrever um pequeno texto.

Não há evidência de realização de entrevistas para a escrita do texto e nem título.

Constatamos que o aluno iniciou a sua produção empregando o verbo “lembrar-se” no presente, em seguida, ao relatar os acontecimentos de sua infância, mudou para o pretérito:

“Eu me lembro das férias que passava na fazenda [...] nos andávamos de cavalo e tomávamos banho no corgo da fazenda, e no calabouço era muito legal, corriamos atrás das galinhas”.

- usou palavras e expressões que indicam uma época, situando o leitor no tempo passado:

“Eu me lembro das férias [...] Também me lembro que nossos pais nos levavam para pescar”.

- fez referência às ações realizadas na sua infância, evidenciando sentimentos e emoções sobre acontecimentos relatados por ele;

“nos andavamos de cavalo e tomavamos banho no corgo da fazenda, e no calabouço era muito legal, corriamos atrás das galinhas [...] nossos pais nos levavam para pescar, éra uma diversão”.

- descreveu brevemente acontecimentos de suas férias e pessoas:

“nos andavamos de cavalo e tomavamos banho no corgo da fazenda, e no calabouço era muito legal, corriamos atrás das galinhas [...] nossos pais nos levavam para pescar, éra uma diversão as vezes um pegava mais peixes que o outro, e outras vezes que quase não vinha peixes {...} As vezes o corros atolava na lama por causa da chuva e quem ajudava? NÓS as crianças é claro, nós desiamos do carro e nos jusavamos na lama tentando empurrar o carro até ele desatolava”.

- identificamos o uso do nível coloquial da linguagem:

“Olá professora!!! [...] tomavamos banho no corgo da fazenda [...]”.

Observamos alguns problemas de concordância verbal:

“As vezes o corros atolava na lama”;

Observamos, ainda, problemas com a locução adverbial “(andávamos) de cavalo” em que se o uso adequado seria “(andávamos) a cavalo”.

Em alguns momentos o autor tratou de ideias diferentes no mesmo parágrafo, utilizando também a pontuação incorreta, o que acabou por deixar confusa a ordem dos tópicos discursivos:

“Eu, minha irmã e meus primos e primas, nos andávamos de cavalo e tomávamos banho no corgo da fazenda, e no calabouço era muito legal, corriamos atrás das galinhas [...] éra uma diversão as vezes um pegava mais peixes que o outro, e outras vezes que quase não vinha peixes sabem é como dizem “um dia da caça e outro do caçador”.

Em relação à ortografia, a existência de palavras grafadas em desacordo com o padrão culto da língua se fez presente. Veja as observações:

(“subrinho” – forma adequada “sobrinho”); (“corgo” – forma adequada “córrego”); (“corros” – forma adequada “carros”); (“desíamos” – forma adequada “descíamos”); (“jusavamos” – forma correta “sujávamos”);

Algumas palavras não foram acentuadas ou foram acentuadas de maneira incorreta:

“andávamos”, “corriamos”, “melhores”,

Texto 2

Em seu texto 2, o aluno 4, em vez de reescrever no blog as memórias do entrevistado, relatou acontecimentos que ele próprio contou para os colegas de sala de aula, os acontecimentos da vida de seu pai. Ele seguiu as orientações da professora mantendo a pertinência ao tema proposto.

No texto há comparações entre o presente e o passado, com palavras e expressões que indicam uma época, situando o leitor no tempo passado.

“Eu trabalhei muito com trens para ser exato na década de 50 e 60, fiz um curso em Bauru e trabalhei em Três Lagoas, e na estação de atoladeira perto de Água Clara. Uma vez um trem tombou na estação de atoladeira e eu fui socorrer o trem [...]isso aconteceu no final da década de 50 em 1958. Os

cursos que eu fiz em Bauru foi também no final da década de 60 em 1968, 10 anos depois do tobo do trem na estação de atoladeira”.

Os verbos foram usados adequadamente, no pretérito perfeito, referindo-se aos acontecimentos do memorialista em uma época distante – a da sua infância – que evidencia sentimentos, emoções e impressões sobre os acontecimentos ocorridos com ele:

“Eu trabalhei muito com trens [...]fiz um curso em Bauru e trabalhei em Três Lagoas, e na estação de atoladeira perto de Água Clara [...]Jeu fui socorrer o trem, o trabalho foi duro mais no final deu tudo certo conseguimos desvirar o trem”.

Não há evidência de realização de entrevista e nem título.

Quanto aos aspectos mais gerais da gramática e ortografia, observamos:

- a presença de marcas interacionais:

“Oi meu nome é”;

- identificamos o uso do nível coloquial da linguagem:

“Oi”;

Observamos alguns problemas de concordância verbal:

“Os cursos que eu fiz em Bauru foi também no final da década de 60 em 1968”;

Percebemos também que o aluno ainda fez o uso de “mais” (advérbio de intensidade) em vez de “mas” (conjunção adversativa):

“o trabalho foi duro mais no final deu tudo certo”;

Em relação à ortografia, a existência de palavras grafadas em desacordo com o padrão culto da língua se fez presente:

(*“boens”* – forma adequada *“bons”*).

Texto 3

Nesta etapa, da produção 3 do aluno 4, ele não reescreveu uma das memórias recontadas pelos seus colegas durante a exposição de objetos como solicitado, e sim, uma que ele próprio vivenciou há pouco tempo – um passeio com a família na fazenda da sobrinha de seu avô.

No texto há comparações entre o presente e o passado, com palavras e expressões que indicam uma época, situando o leitor no tempo passado:

“Um dia eu e minha família fomos até a chacara da sobrinha do meu avô.”

Os verbos foram usados adequadamente, no pretérito perfeito, para relatar os acontecimentos vividos pela família:

“eu e minha família fomos até a chácara [...] neste dia saímos bem cedo de casa [...] nós matamos dois porcos, retiramos a banha dele e assamos o porco [...] eu fui andar de cavalo”.

Quanto aos aspectos mais gerais da gramática e ortografia, observamos:

- a presença de algumas marcas comuns aos textos de memórias:

“Um dia eu e minha família fomos até a chacara da sobrinha do meu avô”;

Identificamos somente um problema de concordância nominal no texto 3 do aluno 4:

“Antes do almoço nós matamos dois porcos, retiramos a banha dele e assamos o porco”;

Em relação à ortografia, a existência de palavras grafadas em desacordo com o padrão culto da língua se fez presente:

(“*sedo*” – forma adequada “*cedo*”);

Algumas palavras não foram acentuadas ou foram acentuadas de maneira incorreta:

“*familia*”, “*chácara*”, “*saímos*”;

Texto 4

No texto 4 o aluno 4 não seguiu as orientações para a produção, pois ele relatou um acontecimento que aconteceu com ele mesmo em dezembro de 2001, época em que tinha seis anos de idade:

“Oi meu nome é Nelson eu vou contar uma história que aconteceu comigo em dezembro de 2001 na fazenda do subrinho da Minha avó. Eu tinha 6 anos e é uma história real e um tanto dolorosa que aconteceu comigo”.

A expressão “em dezembro de 2001” indica uma época, situando o leitor no tempo passado.

Os verbos foram empregados no pretérito perfeito e imperfeito do modo indicativo:

“começou calma, [...] estávamos brincando {...} estava muito tranqüilo [...] Quando acordamos nos alimentamos os porcos [...] tinha um prego cravado na areia, quando eu estava passado por lá eu pisei na cabeça do prego que estava cravado na terra, o prego perfuro meu pé mais não chegou a atravessar ele”.

As marcas mais comuns da oralidade não se fizeram presentes na produção, porém constatamos:

- expressões em primeira pessoa usadas pelo narrador e verbos que remetem ao passado:

“No dia 13 de dezembro a manhã começou calma”;

- expressões que ajudam a localizar o leitor na época narrada:

“eu vou contar uma história que aconteceu comigo em dezembro de 2001 na fazenda do subrinho da Minha avó. Eu tinha 6 anos e é uma história real [...] no dia 13 de dezembro a manhã começou calma”;

- a presença de marcas interacionais:

“Oi meu nome é”;

Identificamos o uso de *“mais”* (advérbio de intensidade) no lugar de *“mas”* (conjunção adversativa):

“o prego perfuro meu pé mais não chegou a atravessar ele”.

Em relação à ortografia, a existência de palavras grafadas em desacordo com o padrão culto da língua se fez presente:

(*“mangeiro”* – formas adequadas *“mangueiro”* [curral pequeno] ou *“mangueira”* [pé de manga]);

A palavra *“manhã”* foi acentuada de maneira incorreta.

Texto 5

No texto 5, o aluno 4 não produziu o seu texto individual com base no relato de seu entrevistado, e sim, narrou acontecimentos de sua vida, trazendo as suas memórias sobre uma infância não muito distante, haja vista que ele tinha apenas 13 anos na época em que fez o seu relato de memórias, em 2008.

A expressão *“nasci e cresci em Campo Grande”* indica um tempo decorrido e uma época, situando o leitor no tempo passado.

O aluno usa os verbos no presente e no pretérito:

“Olá meu nome é Nelson [...] sou filho [...] eu tenho 13 anos e nasci e cresci em Campo Grande, minha infância foi como a infância de qualquer criança cheia de brincadeiras e algumas brigas, naquela época a cidade era mais calma com pouco movimento na minha rua, mais como a cidade cresceu assim como o movimento de lá, as pessoas saiam mais para ficar na calçada conversando”.

Encontramos evidências de sentimentos, emoções e impressões sobre os acontecimentos e fatos evocados pelo autor:

“Hoje a cidade está maior, mais bela e mais tumultuada de pessoas e carros [...] Hoje a cidade está muito mudada, pra melhor, mais quente, mais está maior [...] é bastante gente mais é legal viver com um monte de gente. Eu gosto dos pontos turísticos de Campo Grande, como a Casa do Artesão, a Igreja São Francisco”.

O aluno não fez entrevista. Ele relatou acontecimentos de sua vida. Com o título “Memórias de um menino”, pareceu-nos que encontraríamos um texto divertido.

Ao analisarmos os aspectos mais gerais do texto, constatamos:

- a presença de algumas marcas comuns aos textos de memórias como:

“eu tenho 13 anos e nasci e cresci em Campo Grande, minha infância foi como a infância de qualquer criança”.

- participação de outros personagens, de pessoas presentes nas lembranças dos entrevistados:

“eu e meu amigo”.

- evidência de marcas que sugerem a realização de entrevistas.

Ao nos determos na linguagem utilizada pelo aluno 4 em suas produções, observamos a presença de marcas interacionais:

“Olá meu nome”.

Quanto à morfologia, identificamos o uso do nível coloquial da linguagem:

“Olá”.

Observamos alguns problemas de concordância verbal:

“Naquele tempo eu e meus amigos costumavam jogar aviões de papel na rua”.

Em relação à ortografia, a existência de palavras grafadas em desacordo com o padrão culto da língua se fez presente. Veja as observações:

(*“atravesar”* – forma adequada *“atravessar”*); (*“esqueserei”* – forma adequada *“esquecerei”*).

- algumas palavras não foram acentuadas ou foram acentuadas de maneira incorreta:

“estavamos”, “atacavamos”.

Texto 6

Na produção 6, o aluno 4 manteve a mesma versão do texto anterior. Somente fez algumas verificações no desenvolvimento das ideias, alterando alguns parágrafos e pontuação, e o mínimo possível de correções ortográficas.

As palavras que não foram acentuadas e/ou estavam acentuadas de forma incorreta permaneceram.

A impressão que tivemos é que o aluno não deu muita atenção às orientações para a revisão de seu texto.

Aluno 5

Texto 1

Na produção 1, o aluno 5 relatou suas férias na casa dos avós.

Observamos nas produções a presença de alguns elementos do gênero “memórias” como:

- palavras e expressões que indicam uma época, situando o leitor no tempo passado

“eu me lembro das minhas férias na casa dos meus avós, eles moram em outra cidade por isso só visito eles nas férias. / Lá tinha um cachorro muito bravo e que eu gostava dele. Eu vim para Campo Grande”.

- uso adequado dos verbos no pretérito perfeito e imperfeito:

“eu me lembro [...] Lá tinha um cachorro muito bravo e que eu gostava dele [...] quando fui para a casa dos meus avós de novo [...] o cachorro havia morrido e tinha muitos gatos lá, comiam tudo que que era deixado na mesa eu sempre espantava eles”.

- referências a um animal (cachorro) que já não existia mais na visita seguinte à casa dos avós:

“Lá tinha um cachorro muito bravo e que eu gostava dele. Eu vim para Campo Grande quando fui para a casa dos meus avós de novo o cachorro havia morrido”

Não houve realização de entrevista para a produção do texto, pois o aluno 5 narra suas férias na casa dos avós. Também não há título em seu texto.

Os aspectos mais gerais do texto, isto é, os aspectos gerais de gramática e ortografia também foram observados e constatamos:

- marca de oralidade:

“oi professora”.

- problemas com o uso de pronomes:

“tinha muitos gatos lá, comiam tudo que que era deixado na mesa eu sempre espantava eles, um dia eu fui seco para espantar um gato como se fosse morder ele mas na verdade quem me mordeu foi ele”.

- identificamos a ausência de pontuação, o que acabou deixando o texto confuso:

“Eu vim para Campo Grande quando fui para a casa dos meus avós de novo o cachorro hávia morrido e tinha muitos gatos lá, comiam tudo que que era deixado na mesa eu sempre espantava eles, um dia eu fui seco para espantar um gato como se fosse morder ele mas na verdade quem me mordeu foi ele”.

- O aluno 5 iniciou o seu texto com letra minúscula:

“oi professora / eu me lembro das minhas férias”.

- Todas as ideias foram dispostas em um parágrafo:

“eu me lembro das minhas férias na casa dos meus avós, eles moram em outra cidade por isso só visito eles nas férias. / Lá tinha um cachorro muito bravo e que eu gostava dele. Eu vim para Campo Grande quando fui para a casa dos meus avós de novo o cachorro hávia morrido e tinha muitos gatos lá, comiam tudo que que era deixado na mesa eu sempre espantava eles, um dia eu fui seco para espantar um gato como se fosse morder ele mas na verdade quem me mordeu foi ele”.

Texto 2

Na produção 2, o aluno 5 relatou, em poucas palavras, lembranças de seu pai, na época em que esteve no quartel. Assim, podemos dizer que o tema proposto foi mantido.

A presença de elementos do gênero “memórias” evidenciadas no texto foram:

- comparações entre o presente e o passado:

“Quando eu tinha 27 anos eu servi o quartel na minha cidade natal [...] aprendi muitas coisas que uso diariamente”.

- palavras e expressões que indicam uma época, situando o leitor no tempo passado:

“Quando eu tinha 27 anos”.

- uso adequado dos verbos no pretérito perfeito e imperfeito:

“Quando eu tinha 27 anos eu servi o quartel [...] aprendi muitas coisas”.

Para produzir o seu texto, o aluno entrevistou seu pai. Não há título no texto.

Em sua produção, não há marcas de oralidade, problemas com a concordância verbal e nominal, uso de maiúscula e ortografia. Porém, observamos alguns problemas com a pontuação e desenvolvimento das ideias no mesmo parágrafo:

“aprendi muitas coisas que uso diariamente logo depois vim para Campo Grande e conheci a minha mulher hoje sou casado e tenho 1 filho ,que está escrevendo este comentário.”

Texto 3

No texto 3, o aluno 5 não cumpriu as orientações de usar a primeira pessoa do discurso, ele usou a terceira pessoa para recontar, em um pequeno texto, o relato ouvido na sala. Diante disso, não vimos necessidade de analisarmos o texto.

Texto 4

No texto 4, o aluno 5 relatou as memórias da juventude de seu pai nos tempos de quartel e suas lembranças no decorrer dos tempos até a data da

entrevista, evidenciando a presença de elementos do gênero “memórias”, listados abaixo, na produção:

- expressões em primeira pessoa usadas pelo narrador e verbos que remetem ao passado:

“No ano de 1980 eu completei 18 anos”.

- palavras e expressões que indicam uma época, situando o leitor no tempo passado:

“No ano de 1980 eu completei 18 anos”.

- uso adequado dos verbos no pretérito perfeito e imperfeito:

“eu completei 18 anos e estava em dúvida se serviria no quartel, entre dúvidas e decisões decidi prestar ao exército”.

- referência a objetos, lugares e modos de vida que já não existem ou se transformaram:

“Lembro que nos meus primeiros dias, não conseguia me acostumar à Rotina de lá; todos os dias a minha rotina era dura: sempre acordando cedo, algumas vezes nem dormindo, comendo depressa e vivendo em ocasiões de perigo constantes, desbravando matas atravessando obstáculos e tomando decisões importantes.”

O aluno entrevistou o seu pai para produzir o relato intitulado “Uma história do exército”.

Quanto à ortografia e gramática, observamos que o aluno 5:

- evitou marcas de oralidade, porém fez o uso do nível coloquial da linguagem:

“adorava ‘bater uma bolinha’ com os meus irmãos na aquelas terras vermelhas [...] A cidade não era lá essas coisas [...] O que eu mais gosto na cidade são os canpos e as fazendas onde eu me lembro a diversão da minha infância”.

- apresentou alguns problemas com a concordância verbal:

“foi espetacular os lugares por onde passei [...] não havia essas máquinas que nos prende a uma tela de televisão o dia inteiro [...] A brincadeira que eu mais gostava, era brincar com um brinquedo artesanal que nos fazianos abase de uma caretilha, vela e 1 borrachinha daquelas de anarrar dinheiro, fazia um “parangolê” e o brinquedinho saía andando na terra”.

Em relação à ortografia, a existência de palavras grafadas em desacordo com o padrão culto da língua se fez presente:

- o aluno trocou a letra “m” pela “n” em diversas palavras: *“Campo Grande, conprei, Fatina do Sul, aproximadamente, Vin, campos, nen, Lenbro, caniseta, quen, anarrar, fazianos ,fanília, senpre”, entre outras.*

- algumas palavras não foram acentuadas:

(“fazianos, proximos” – formas adequadas “fazíamos, próximos”);

Texto 5

Essa etapa, o aluno produziu o seu texto individual, com base na entrevista.

Em seu texto, ele abordou o tema “O lugar onde vivo”, trazendo as memórias de seu pai, de um antigo morador da cidade de Fátima do Sul-MS e que, no presente, mora em Campo Grande – MS.

Os elementos do gênero “memórias” identificados por nós foram:

- expressões em primeira pessoa usadas pelo narrador e verbos que remetem ao passado:

“nasci em Fatina do Sul, carinhosamente chamada de favo de mel, e hoje moro em Campo Grande. Vivi grande parte de minha juventude, onde nasci”.

- palavras e expressões que indicam uma época, situando o leitor no tempo passado:

“tenho 46 anos nasci em Fatina do Sul [...] Vivi grande parte de minha juventude, onde nasci, aproximadamente 14 anos [...]Daquele tempo para hoje [...] Vin para Campo Grande há uns vinte anos”.

- uso adequado dos verbos no pretérito perfeito:

“Vivi grande parte de minha juventude, onde nasci [...]eu e meu pai viajamos por vários lugares do Brasil [...]passei alguns anos [...]os lugares por onde passei”.

- referência a modos de vida que já não existem ou se transformaram:

“adorava “bater uma bolinha” com os meus irmãos naquelas terras vermelhas que nos deixava encardidos no final da tarde, jogar bolita nos asfaltos e soltar pipa nos campos, adorava minha época – pois não havia essas máquinas que nos prende a uma tela de televisão o dia inteiro, nossos brinquedos eram artesanais e muito mais divertidos”.

- evidência de sentimentos, emoções e impressões sobre os acontecimentos e fatos que estão sendo evocados:

“adorava “bater uma bolinha” [...]A brincadeira que eu mais gostava [...] só guardo recordações boas, pois na minha vida só guardo aquilo que me faz feliz”.

- descrição de lugares, brincadeiras da época e modo de vestir:

“adorava “bater uma bolinha” com os meus irmãos na aquelas terras vermelhas que nos deixava encardidos no final da tarde, jogar bolita nos asfaltos e soltar pipa nos campos, adorava minha época [...] não havia essas máquinas que nos prende a uma tela de televisão o dia inteiro, nossos brinquedos eram artesanais e muito mais divertidos. / ganhei uma caniseta do meu pai de um pano muito cobiçado naquela época, chamado “volta ao mundo”, hoje quen a vê fala que é pano para mosqueteiro [...] / A brincadeira que eu mais gostava,

era brincar com um brinquedo artesanal que nos fazianos abase de uma caretilha, vela e 1 borrachinha daquelas de anarrar dinheiro, fazia um “parangolê” e o brinquedinho saía andando na terra”.

- explicação das palavras “volta ao mundo” e parangolê, palavras em desuso atualmente:

“caniseta [...]de um pano muito cobiçado naquela época, chamado “volta ao mundo”, hoje quen a vê fala que é pano para mosqueteiro [...]um brinquedo artesanal que nos fazianos abase de uma caretilha, vela e 1 borrachinha daquelas de anarrar dinheiro [...] um “parangolê” e o brinquedinho saía andando na terra”.

Há evidências de realização de entrevistas, pois o autor recupera as memórias de seu pai João Amaro.

Ao analisarmos os aspectos mais gerais do texto encontramos:

- nível coloquial da linguagem:

“adorava “bater uma bolinha” com os meus irmãos na quelas terras vermelhas [...] A cidade não era lá essas coisas [...] O que eu mais gosto na cidade são os campos e as fazendas onde eu me lembro a diversão da minha infância”.

- alguns problemas de concordância verbal:

“foi espetacular os lugares por onde passei [...] não havia essas máquinas que nos prende a uma tela de televisão o dia inteiro [...] A brincadeira que eu mais gostava, era brincar com um brinquedo artesanal que nos fazianos abase de uma caretilha, vela e 1 borrachinha daquelas de anarrar dinheiro, fazia um “parangolê” e o brinquedinho saía andando na terra”.

- palavras grafadas em desacordo com o padrão culto da língua se fizeram presentes:

- o aluno trocou a letra “m” pela “n” em diversas palavras: “*Canpo Grande, conprei, Fatina do Sul, aproximadamente, Vin, canpos, nen, Lenbro, caniseta, quen, anarrar, fazianos ,fanília, senpre*”, entre outras.

- grafia incorreta da palavra irmão no plural:

(“*irmões*” – forma adequada “irmãos”).

As ideias foram bem desenvolvidas; alguns problemas com pontuação – uso de vírgula e ponto final – não interferiram na ordem dos tópicos discursivos.

Texto 6

Na produção 6, o aluno 5 manteve a mesma versão do texto anterior, porém fez todas correções ortográficas necessárias, eliminou algumas marcas da oralidade e melhorou o desenvolvimento das suas ideias, alterando alguns parágrafos e pontuação.

Esse último texto do aluno 5 foi coerente e revelou que o aluno preocupou-se em melhorá-lo.

3.2.1 Avanços (individuais) obtidos no decorrer das oficinas, de acordo com os critérios de avaliação da OLP

Nesta segunda parte, apresentaremos o resultado da análise das produções dos alunos, dando maior atenção à última versão de seus textos, visando a verificar se os critérios de avaliação sugeridos pelos organizadores da OLP foram contemplados, e também para identificar o aluno que demonstrou maior desempenho nesse processo.

No processo de análise dos textos produzidos pelos alunos, da mesma forma que o “estilo”, constatamos que a escrita do texto final serviu para aprimorar um

pouco mais a compreensão do aluno sobre a organização do gênero textual em estudo – o relato de memórias.

Apesar dos contratempos (poucas aulas, agendamentos não cumpridos, etc.) ocorridos durante a realização das oficinas, os alunos procuraram atender às orientações recebidas em relação aos critérios de avaliação propostos, apreendendo um pouco do que foi trabalhado nas oficinas.

Diante disso, foi possível identificar que os avanços não foram tão significativos; apenas apontaram que os alunos se aperfeiçoaram em relação à escrita do gênero relato de memórias. Já em relação ao tipo, não houve oportunidade de verificar as sequências tipológicas presentes nos relatos. O que ficou evidenciado para eles é que, no relato de memórias, predomina o tipo narrativo.

O curto tempo para a revisão dos textos prejudicou parcialmente os trabalhos, não permitindo que o aluno se debruçasse sobre a revisão de suas produções com acompanhamento adequado.

Essa pesquisa nos indicou que alguns alunos tiveram maior facilidade na apreensão da estrutura do gênero em estudo. É o caso dos alunos 3 e 5; isso ficou evidenciado durante as análises da produção final.

Nesta segunda fase de nossas análises, cujos textos também tiveram como suporte o blog e o caderno, entendemos que os critérios de avaliação estabelecidos pela OLP para a avaliação dos textos finais: os aspectos próprios do gênero e os aspectos mais gerais do texto foram parcialmente contemplados nas produções. Evidenciamos que o nível de apreensão dos conteúdos difere de aluno para aluno.

Nessa análise, na qual procuramos seguir à risca os critérios de avaliação propostos pela OLP, encontramos alguns itens que consideramos vagos demais para serem pesquisados nas produções dos alunos. Da mesma forma, em alguns momentos, percebemos que o conteúdo apresentado no Caderno do professor não contemplou as nossas expectativas. Por isso, no próximo item, teceremos nossas considerações sobre o assunto.

3.3 Análise da referenciação e progressão referencial da produção final do aluno

Voltamos a atenção também para os mecanismos de coesão textual, para encontrar resposta para a nossa quarta pergunta “como se configurou a questão da referenciação e da progressão referencial nas produções dos alunos” e também para reforçar nossa hipótese inicial sobre a proposta da OLP.

As análises aqui apresentadas, apesar de não serem exaustivas, foram concentradas na última produção de cada aluno e tem a finalidade de estudar e compreender a forma como eles – os alunos – construíram os objetos-de-discurso e os mantiveram na escrita do texto relato de memórias.

Essas análises nos apontarão a forma como construíram a coesão nos textos e também como construíram a coerência textual relatos de memórias.

Para isso, as categorias de análise focalizadas aqui são as três estratégias citadas por Koch & Elias (2006) – anáfora pronominal, anáfora nominal e anáfora nominal indefinida – presentes no gênero textual “relato de memórias”, objetivando verificar se essas categorias responsáveis pela tessitura e continuidade do texto deveriam ser contempladas no Caderno do Professor e nos critérios avaliativos da OLP.

Exemplo 1: Anáfora Nominal (por repetição lexical)

Aluno 1 – Texto 6

Meu nome é Cristiane Rodrigues, tenho 46 anos, nasci em Paranaqi estado do Paraná. Atualmente moro em Campo Grande. Vivi em Paranaqi estado do Paraná até os 20 anos depois mudei para Campo Grande. No começo foi difícil morar aqui porque eu não conhecia ninguém, e eu e meu marido viemos desempregados.

No exemplo acima, percebemos a estratégia de anáfora nominal, pois há a repetição dos itens lexicais – Paranagi, Paraná, Campo Grande e estado – já escritos anteriormente.

Aluno 2 – Texto 6

1. *Eu Francisca de Assis Silva de Oliveira, tenho 42 anos, nasci em Recife, moro atualmente em Campo Grande, vivi doze anos em Recife, depois fui para São Paulo e lá foi uma época muito boa que me diverti muito. Vivo em Campo Grande há 10 anos.*

2. *[...] nasci em Recife [...] Minha cidade tinha muitas praças e parques [...] Hoje minha cidade está muito linda como sempre [...] Eu sinto muita saudade da minha cidade natal e dos meus amigos [...] Mas as vezes que eu me lembro das boas lembranças que vivi na minha cidade natal.*

Nos exemplos acima, percebemos a estratégia de anáfora nominal, pois há a repetição dos itens lexicais – Recife, Campo Grande (1), cidade (2) e cidade natal (2) – já escritos anteriormente.

Aluno 3 – Texto 6

Meu nome é Alberto Carlos da Silva, tenho 40 anos, nasci em Dourados – MS e, atualmente, moro em Campo Grande – MS também.

Vivi em Dourados 24 anos. Depois de todos esses anos mudei para Campo Grande, para tentar arrumar um emprego melhor. Foi ótimo! Eu tive experiências novas. Há 17 anos vivo aqui em Campo Grande.

Minha infância em Dourados foi muito bem aproveitada.

No exemplo acima, percebemos a estratégia de anáfora nominal, pois há a repetição dos itens lexicais – Dourados e Campo Grande – já escritos anteriormente.

Aluno 4 – Texto 6

1. Minha infância foi como a infância de qualquer criança, cheia de brincadeiras e algumas brigas.

2. Eu queria contar uma coisa que aconteceu comigo. Um tombo de bicicleta muito feio. Eu e meu amigo estávamos descendo a rua de casa até que resolvemos trocar de bicicleta. A dele não tinha freio e eu não sabia, eu comecei a descer a rua pedalando, quando ele me avisa que a bicicleta não tinha freio e então quando eu estava preste a atravessar a rua 13 de maio, eu saltei da bicicleta perto da calçada fiquei todo ralado e com um galo enorme na cabeça, mas estou vivo e bem

Nos exemplos acima, percebemos a estratégia de Anáfora Nominal, pois há a repetição dos itens lexicais – infância (1) e bicicleta (2) – já escritos anteriormente.

Aluno 5 – Texto 6

A brincadeira que eu mais gostava, era brincar com um brinquedo artesanal que nos fazíamos a base de uma carretilha, vela e 1 borrachinha daquelas de amarrar dinheiro, fazia um “parangolê” e o brinquedinho saía andando na terra.

Nos exemplos acima, percebemos a estratégia de anáfora nominal, pois há o uso dos itens lexicais que derivam de brincar – brincadeira, brincar, brinquedo, brinquedinho .

Exemplo 2: Anáfora Nominal (início de texto pelo uso de pronomes de 1ª e 2ª pessoa e retomada por nome próprio)

Aluno 2 – Texto 6

Eu Francisca de Assis Silva de Oliveira

Nesse exemplo, evidenciamos a estratégia de anáfora nominal, na qual o texto se inicia pelo uso do pronome de 1ª pessoa – eu – sendo posteriormente retomado pelo nome próprio – Francisca de Assis Silva de Oliveira.

Exemplo 3: Anáfora Nominal (sinonímias e paráfrases)

Aluno 5 – Texto 6

Meu nome é João Amaro Ribeiro e tenho 46 anos, nasci em Fátima do Sul, carinhosamente chamada de favo de mel, e hoje moro em Campo Grande.

Quanto à estratégia de anáfora nominal pelo uso de sinonímias ou paráfrases, o exemplo acima evidencia que inicialmente o sujeito usa o termo Fátima do Sul, retomado pelo uso de uma sinonímia – favo de mel.

Exemplo 4: Anáfora Pronominal (características de correferencialidade) – ocorre pelo uso de pronomes ou elipses – (pronomes nulos)

Aluno 1 – Texto 6

1. [...] eu peguei a bicicleta e fui andar pela cidade [...] Ela ficou toda quebrada.

2. Meu tio veio direto falar comigo perguntar como eu estava, e de pois ele foi ver a bicicleta. Ela estava toda regaçada, e ele falou que ia no ferro velho vender a bicicleta antes que a minha mãe chegasse porque se não ela ia me bater, fui brincar com as minhas irmãs de esconde-esconde.

As estratégias de anáfora pronominal com características de correferencialidade foram usadas nesse texto com o referente – tio – que foi retomado pelo uso do pronome – ele –, e com o referente – mãe – retomado pelo pronome – ela.

Os exemplos acima nos dão alguns indícios de como os alunos construíram a coesão nos textos e também como construíram a coerência textual a partir do texto produzido – o relato de memórias. A partir deles, percebemos que a estratégia de anáfora nominal se deu pela repetição dos itens lexicais já escritos anteriormente, pelo uso dos itens lexicais que derivam de um substantivo primitivo, pelo uso do pronome de 1ª pessoa – eu –, sendo posteriormente retomado pelo nome próprio, pelo uso de sinonímias ou paráfrases. Já a estratégia de anáfora pronominal se deu com características de correferencialidade usadas com o referente que foi retomado por várias vezes pelo uso de pronome pessoal em 3ª pessoa.

Alguns desses recursos de referenciação, entre outros, deveriam constar nas orientações enviadas ao professor para o desenvolvimento da proposta da OLP com seus alunos nos relatos de memórias.

Para isso, é necessário que se elabore um esquema de cadeias anafóricas que servirão como categorias de análise dos textos. Esses mecanismos de coesão textual nos mostram como os alunos construíram os objetos-de-discurso e os mantiveram na escrita do texto relato de memórias. Eles também são responsáveis pela manutenção da coerência textual, pois são responsáveis pela tessitura do texto e pela manutenção do sentido.

3.4 Nossas considerações sobre o material oferecido ao professor e sobre os critérios avaliativos propostos pela Olimpíada de Língua Portuguesa – Escrevendo o Futuro-2008

Ao apreciarmos o material oferecido ao professor para a realização das oficinas em sala de aula, constatamos que as etapas das oficinas contemplavam vários conteúdos didáticos, que deveriam ser trabalhados com os alunos durante o ano letivo, porém o tempo destinado para esse trabalho não atendeu às necessidades da turma. Lembramos que o material chegou às nossas mãos em meados do mês de junho e, para a conclusão de todas as etapas, restavam-nos, aproximadamente, 30 dias letivos para a entrega dos textos à Comissão julgadora.

Acreditamos que uma outra forma de pensar a OLP é que ela seja desenvolvida num período mais longo, haja vista que o professor, além dos projetos com os quais a sua turma se envolve (temas transversais como ética, cidadania, etc.), é cobrado para que dê conta dos conteúdos da sequência didática de cada período.

Sobre os critérios avaliativos propostos para a avaliação final das produções, alguns não seriam pertinentes ao gênero relato de memórias. O item “originalidade”, por exemplo, no qual a Comissão Julgadora deveria identificar nos textos se “o autor usou recursos que tornam o texto interessante, literário e enredam o leitor”, e se “o texto tem um título sugestivo”, nele, vislumbramos a necessidade de uma explicação detalhada pelos organizadores do material, evidenciando quais são os recursos que tornam um texto interessante, o que torna um texto literário ou não-literário de modo a enredar o leitor e como poderemos saber se o título é ou não sugestivo. Entendemos que essas questões são muito subjetivas e que cada sujeito a interpreta de um modo diferente. O que é sugestivo para um pode não ser para outro. Da mesma forma acontece com o “texto interessante” e o “texto literário”, citados na avaliação.

Acreditamos que uma maneira de passar essas ideias para os professores-avaliadores, no sentido de melhor orientá-los, seria melhorar alguns itens e exemplificá-los. Por exemplo, um texto literário é um texto preservado na tradição oral e/ou escrita, que faz referências aos registros das experiências pessoais, etc.

Portanto, sugerimos que os critérios de avaliação sejam repensados e que estejam de acordo com uma perspectiva discursiva social e dialógica da língua, contemplando o nível de textualidade dos alunos e a utilização dos padrões gramaticais da escrita, visando a propiciar a compreensão reflexiva dos elementos textuais e da estrutura do gênero em questão, bem como seja dada maior atenção às expressões referenciais, isto é, à importância que a referenciação e a progressão referencial assumem no ensino de Língua Portuguesa, uma vez que são elementos linguísticos multifuncionais, pois indicam pontos de vista que recategorizam objetos discursivos, que estruturam e promovem a tessitura textual. Além disso, vislumbramos a possibilidade de socialização de conhecimentos sobre os processos de referenciação entre os professores participantes da OLP, de modo que eles

realizem um trabalho que esteja em consonância com os objetivos contemporâneos estabelecidos para o ensino da língua.

A necessidade de práticas contextualizadas do ensino da Língua Portuguesa aplicadas à produção de texto é inegável. O professor precisa adotar uma mudança de postura e sugerir aos seus alunos atividades de leitura e produção textual que contemplem essas práticas.

Acreditamos na urgência de um trabalho diferenciado no ensino de Língua Portuguesa, considerando a necessidade de implementação de práticas contextualizadas e significativas a serem ofertadas ao professor, para que ele tenha condições de atender às necessidades atuais dos seus alunos nas atividades de leitura e produção de texto. Essa proposta poderá ser conseguida colocando-se em prática os pressupostos da Linguística Textual, como uma referência teórica norteadora para esse novo trabalho, que oportunizará maior interação e reflexão entre os professores e alunos e, ao aluno, o papel de leitor investigativo consciente de sua tarefa de desvendar o texto e ser capaz de utilizar algumas das possibilidades da língua em suas produções textuais.

É importante que, nessa nova prática que se faz necessária ao professor, o processo de referenciação seja visto não como mais um item lexical, estático, invariável, e sim, como um fator que torna possível a criação de um significado comum entre os sujeitos envolvidos na situação de comunicação, considerando o contexto e a interação que existe entre os envolvidos nas práticas discursivas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“Não formaremos sujeitos leitores,
nem tão poucos escritores, alienados de sua história.
História que é apropriada pelo resgate de suas lembranças...”*

Madalena Freire (2003)

Este estudo partiu da Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro – 2008, promovida pelo MEC em parceria com a Fundação Itaú Social e o Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (CENPEC). Objetivou analisar produções textuais de alunos do 8º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública de Campo Grande, Estado de Mato Grosso do Sul, com a finalidade de verificar de que forma esse trabalho contribuiu para: 1) a aprendizagem dos alunos acerca do gênero textual “relato de memórias”; 2) como os alunos demonstraram as habilidades de escrita necessárias ao gênero trabalhado; 3) verificar se as estratégias e os critérios de avaliação sugeridos contribuíram para aperfeiçoar habilidades de leitura e de escrita do aluno, adequadas ao gênero trabalhado; 4) verificar como aconteceu o processo de referenciação e progressão referencial nas produções. Para isso, recorreremos à Linguística Textual e aos fatores que envolvem o estudo dos gêneros perpassando pela definição dos termos Relato de Memórias e Memórias Literárias e do diário virtual – blog. Conforme essa perspectiva teórica, procedemos à análise do *corpus*, considerando a noção de gêneros textuais/discursivos na concepção dialógica da língua.

Na busca de uma perspectiva teórica para a análise do *corpus*, consideramos conveniente definir Relato de Memórias; pesquisar sobre o diário virtual – blog, o qual, dependendo do seu uso, pode ser considerado gênero ou suporte – em nossa pesquisa o blog serviu como suporte; traçamos um breve retrospecto sobre a fase atual da Linguística Textual no que tange aos critérios para análise de um texto, uma vez que é a ciência que nos forneceu subsídios para o entendimento das questões teóricas de nossa pesquisa e que também trata dos estudos sobre os gêneros

textuais. Assim, discorremos rapidamente sobre a noção de gêneros textuais/discursivos e deparamo-nos com diferentes visões sobre o conceito de gênero, o que nos levou a decisão de direcionarmos nosso trabalho de acordo com a visão diacrônica preconizada por Bakhtin (2006) que concebe gêneros como “tipos relativamente estáveis de enunciados”.

A primeira parte da pesquisa possibilitou uma visão do conceito de gênero na área da Linguística Textual e, assim, norteou nossos estudos até chegarmos às análises dos textos.

Na segunda parte, tratamos dos pressupostos teóricos e da metodologia que amparou a pesquisa, visando à sua organização. O Interacionismo Sociodiscursivo (ISD) é uma corrente teórica proposta pelos pesquisadores de Genebra, principalmente por Bronckart (2003), segundo a qual o fenômeno da linguagem é indissociável da interação social. Buscamos entender o dialogismo e constatamos que ele é concebido como o princípio constitutivo da linguagem e da produção de sentido do discurso. Descobrimos também que, para o êxito do nosso trabalho, deveríamos propiciar atividades que priorizassem a atuação na Zona de Desenvolvimento Proximal preconizada por Vygotsky. Por fim, explicamos a constituição e a seleção do *corpus* e, nesse momento, percebemos que existiram muitos percalços em nosso caminho e, muitas vezes, tivemos que mudar nossa estratégia e nosso planejamento para conseguirmos atingir os objetivos propostos em cada uma das oficinas. Mas, apesar disso, obtivemos um certo êxito em nossa pesquisa, haja vista termos conseguido avançar em nossos estudos sobre a produção do gênero relato de memórias. Os conhecimentos adquiridos nesse percurso nos levaram a decidir pelos critérios metodológicos e as categorias de análise dos textos.

Dando continuidade aos nossos trabalhos, nos enveredamos para os procedimentos de análise individual do conteúdo temático, da estrutura composicional e do estilo das produções dos alunos e entendemos melhor o dialogismo, que se fez presente nos textos por meio da polifonia. Também pudemos perceber o empenho dos alunos na organização das memórias. No decorrer do processo, foi possível perceber e acompanhar os avanços obtidos por mim, professora da turma e pelos alunos, que tiveram a oportunidade de compreender mais detalhadamente o gênero textual em estudo – relato de memórias.

Partindo do primeiro resultado, realizamos novas análises dos textos, com a finalidade de verificar se os critérios de avaliação sugeridos pelos organizadores da OLP tinham sido contemplados, e também para identificar o aluno que havia demonstrado melhor desempenho nesse processo. Constatamos que os aspectos próprios do gênero e os aspectos mais gerais do texto foram parcialmente contemplados nas produções dos alunos e que o nível de apreensão dos conteúdos difere de aluno para aluno. Além disso, percebemos que, na concepção dialógica da língua que se levou em conta no suporte, o gênero solicitado e os interlocutores, os sujeitos são ativos, pois construíram e reconstruíram os seus textos utilizando a linguagem verbal, demonstrando que cada um tem um estilo próprio.

Apesar dos contratemplos ocorridos nesse percurso, os alunos procuraram atender às orientações recebidas em relação aos critérios de avaliação propostos apreendendo um pouco do que foi trabalhado nas oficinas, o que foi possível visualizar nas análises dos textos finais. Porém não podemos dizer que a nossa hipótese inicial foi comprovada, pois o tempo foi muito curto para colocarmos integralmente em prática todas as orientações constantes no Caderno do professor.

Diante disso, foi possível identificar alguns avanços significativos na aprendizagem dos alunos, que se aperfeiçoaram em relação à escrita, tanto em atividades da fala para a escrita – ao retextualizarem os relatos, quanto da escrita para a escrita – ao reescrevem o gênero relato de memórias visando a melhorar sua estrutura. Já em relação ao tipo, não houve oportunidade de verificar as sequências tipológicas presentes nos relatos. O que ficou evidenciado para eles é que, no relato de memórias, predomina o tipo narrativo.

Nessa análise, na qual procuramos seguir à risca os critérios de avaliação propostos pela OLP, encontramos alguns itens que consideramos vagos demais para serem pesquisados nas produções dos alunos. Da mesma forma, em alguns momentos, percebemos que o conteúdo apresentado no Caderno do professor não contemplou as nossas expectativas, o que nos levou a verificar nos textos alguns mecanismos de coesão textual sobre a referenciação e progressão referencial, isto é, a forma como os alunos construíram os objetos-de-discurso e os mantiveram na escrita do texto relato de memórias e constatamos que a estratégia de anáfora nominal se deu pela repetição dos itens lexicais já escritos anteriormente, pelo uso dos itens lexicais que derivam de um substantivo primitivo, pelo uso do pronome de 1ª pessoa – eu – sendo posteriormente retomado pelo nome próprio, pelo uso de

sinonímias ou paráfrases. Já a estratégia de anáfora pronominal se deu com as características de correferencialidade usadas com o referente que foi retomado por várias vezes pelo uso de pronome pessoal em 3ª pessoa.

Esses recursos de referenciação, além de serem responsáveis em tornar um texto coeso, também são responsáveis pela coerência textual, uma vez que coesão e coerência estão interligadas em um texto.

Assim, sugerimos à equipe organizadora da OLP que priorize em suas orientações aos professores o trabalho com as questões de referenciação e progressão referencial, haja vista esses recursos serem responsáveis pela manutenção da coerência textual e responsáveis pela tessitura do texto e pela manutenção do seu sentido.

Diante das considerações apresentadas por nós, é importante esclarecer que, em trabalhos deste porte, é importante que toda a equipe técnico-pedagógica da instituição esteja envolvida no processo, uma vez que a escola é um todo e o professor depende dessa equipe para pôr o seu plano em prática. Caso contrário, os professores se sentirão perdidos, da mesma forma que nos sentimos. Nosso trabalho só não foi em vão devido à força de vontade dos educandos e à nossa, pois insistimos em dar continuidade às oficinas para não decepcionarmos, mais do que já estavam, os nossos alunos.

Já o trabalho com o blog como suporte, para a produção de relatos de memórias, possibilita novas formas de produzir e interagir com as linguagens de maneira autoral e prazerosa, além de formar alunos leitores e autores. Assim, sugerimos que outros pesquisadores invistam nesse trabalho com as tecnologias digitais, pois ele só trará benefícios aos educandos.

Sendo este um estudo qualitativo dos dados obtidos no processo de preparação para a escrita de textos concorrentes à OLP, é válido dizer que, apesar dos contratemplos ocorridos, o trabalho foi produtivo, tanto para mim, professora da turma, que aprendi muito, quanto para os alunos que tiveram a oportunidade de trabalhar com mais de um gênero textual e, por conseguinte, ouvirem alguns relatos e os recontarem a seu modo.

Este estudo não alcançou a exaustividade devido ao curto tempo que tivemos para a sua conclusão. Destarte, alertamos que suas limitações podem servir de

estímulo a outros pesquisadores, suscitando-lhes a continuidade de ampliar os conhecimentos acerca da (re)construção e manutenção dos objetos-de-discurso, por meio da referenciação e da progressão referencial, responsáveis pela tessitura do texto.

REFERÊNCIAS

BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M. (2006). **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. 2. tiragem 2006, São Paulo: Martins Fontes.

BAKHTIN, M. M. O discurso em Dostoievski. In: BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoievski**. Tradução de Paulo Bezerra. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

_____. (1999). **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. Michel Lahud *et al.* 6. ed. São Paulo: HUCITEC/UNESP.

_____. (1995). A interação verbal. In: BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. (tradução: Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira) São Paulo: Hucitec.

BARROS, Diana Luz Pessoa de; FIORIN, José Luiz. (Org.). **Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade: em torno de Bakhtin**. São Paulo: Edusp, 1999.

BENJAMIN, W. (1987). **Obras escolhidas II**. São Paulo: Brasiliense.

BENTES, A. C. Linguística Textual. (2001) In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Cristina (org.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. V. 1. São Paulo: Cortez, p. 245.

BRASIL. (1998). **Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio – língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEMTEC.

BRONCKART, J-P. (2007). **Atividade de linguagem, textos e discurso: por um interacionismo sociodiscursivo**. Trad. Anna Raquel Machado, Péricles Cunha. São Paulo: EDUC.

BRUN, Edna Pagliari. (2008). **O tipo e o gênero na formação de alunos produtores de texto**. Campo Grande. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

CLARA, R. A. (2008). **Se bem me lembro... Caderno do professor. Orientação para produção de textos**. São Paulo: Cenpec: Fundação Itaú Social; Brasília, DF: MEC.

DEMO, Pedro. **Metodologia científica em ciências sociais**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1986.

DICIONÁRIO HOUAISS DE SINÔNIMOS E ANTÔNIMOS. Instituto Antônio Houaiss. (1999). 2. ed., São Paulo: Editora Folha de S. Paulo.

DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. (2007). Gêneros e progressão em expressão oral e escrita – elementos para reflexões sobre uma experiência suíça (francófona). *In*: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. E org. Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras. p. 41-70.

DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B.; HALLER, S. (2007). O oral como texto: como construir um objeto de ensino. *In*: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. e org. Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras. p. 149- 185.

KOCH, Ingedore Vilaça. (2006a). **Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas**. São Paulo: Martins Fontes.

_____. (2006b). **Desvendando os segredos do texto**. 5. ed. São Paulo: Cortez.

_____. (2005). **A Coesão Textual**. São Paulo, SP: Contexto.

_____. (2004). **A Coerência Textual**. São Paulo, SP: Contexto.

KOCH, Ingedore Vilaça & Vanda Maria ELIAS. (2009). **Ler e escrever. Estratégias de produção textual**. São Paulo: Contexto.

_____. (2002). **Argumentação e linguagem**. 7. ed. ver. São Paulo: Cortez.

KOCH, Ingedore Vilaça & Vanda Maria ELIAS. (2006). **Ler e compreender: os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto.

MACHADO, A. R. (2005). A perspectiva interacionista sociodiscursiva de Bronckart. *In*: MEURER, J. L., BONINI, A; MOTTA-ROTH, D. (Orgs.). **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola Editorial. p. 237-259.

MARCUSCHI, L. A. (2008a). **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo, Parábola.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. (2008b). **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 2. ed. São Paulo: Cortez.

_____. (2006). Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. *In*: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (Orgs.). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006. pp. 23-36.

_____. (2005). Gêneros textuais: definição e funcionalidade. *In*: DIONÍSIO, Â. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Orgs.). **Gêneros textuais e ensino**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lucerna. p.19-36.

_____. (2004). Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. *In*: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos. **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

_____. (2003). Perplexidades e perspectivas da Linguística na virada do milênio.

Trabalho apresentado na VI Semana de Letras da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa: 10-12 de fevereiro, 2003.

_____. (2002). **Hipertexto e gêneros digitais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

MEURER, J. L., BONINI, A; MOTTA-ROTH, D. (2005). **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola Editorial.

MOTTA-ROTH, D.; HEBERLE, V. (2005). O conceito de "estrutura potencial do gênero" de Ruqayia Hasan. *In*: MEURER, J. L., BONINI, A; MOTTA-ROTH, D. (Orgs.). **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola Editorial. p. 12-28.

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Cristina. (2001). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez. v.1.

PAVEAU, M-A; SARFATI, G-É. (2006). **As grandes teorias da lingüística: da gramática comparada à pragmática**. Trad. Rosário Gregolin e equipe. São Carlos: Claraluz.

ROJO, R. (2008). Letramento digital: um trabalho a partir dos gêneros do discurso. *In*: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (Orgs.). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006. p. 107-130.

_____. (2005). Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. *In*: MEURER, J. L., BONINI, A; MOTTA-ROTH, D. (Orgs.). **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola Editorial. p.184-207.

ROJO, R.; CORDEIRO, G. S. (2004). Apresentação: gêneros orais e escritos como objetos de ensino: modo de pensar, modo de fazer. *In*: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. e org. Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras. p. 7-18.

ROJO, R. H. R. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. *In*: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (orgs.) **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 184-207.

SCHNEUWLY, B. (2007). Gêneros e tipos de discurso: considerações psicológicas e ontogenéticas. *In*: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. e org. Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras. p. 21- 39.

SILVA, Edna Lúcia da. (2001). **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 3. ed. Atual. Florianópolis: Laboratório de Ensino a Distância da UFSC, 2001.

VIAN JR.; O. LIMA-LOPES, R. E. (2005). A perspectiva teleológica de Martin para a análise dos gêneros textuais. *In*: MEURER, J. L.; BONINI, A; MOTTA-ROTH, D. (Orgs.). **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola Editorial. p. 29-45.

VYGOTSKY, L. S. (2005). **Pensamento e linguagem**. Trad. Jefferson Luiz Camargo. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes.

_____. (1996). **A formação social da mente**. Org. Michael Cole *et al.* Trad. José Cipolla Neto *et al.* São Paulo: Martins Fontes.

SITOGRAFICAS

KOCH, Ingedore G. Villaça. (2002). Parâmetros Curriculares Nacionais, Linguística Textual e Ensino de Línguas. UNICAMP. Disponível em: <http://www.gelne.ufc.br/revista_ano4_no1_02.pdf>. Acessado em 23-05-2010.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. (2001). Da distinção entre tipos, gêneros e subtipos de textos. In: Estudos Linguísticos XXX. Artigo 200. Marília: GEL/SP. Fundação de Ensino Eurípedes Soares da Rocha, 2001. Disponível em: <<http://scholar.google.com.br/scholar?cluster=3278151605867050079&hl=pt-BR>>. Acessado em 19 de agosto de 2009.

VIAN JR., O. (1997). **Conceito de gênero e análise de textos de vídeos institucionais**. São Paulo. Dissertação (Mestrado em Lingüística Aplicada e Ensino de Línguas) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Disponível em: <www.lael.pucsp.br/laelinf/def_teses.html>. Acessado em 10/mar./2009.

MARQUES, Warlen Fernandes Soares. Pesquisa qualitativa em educação: reflexões. Psicopedagogia Online, 07 de outubro de 2004. Disponível em: <<http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrID=592>>. Acesso em: 0 out. 2006.

ANEXOS

ANEXO A

OFICINA 1 – Naquele tempo (CLARA, 2008, pp. 11-14)

OBJETIVOS

- Sensibilizar os alunos a respeito do valor da experiência das pessoas mais velhas.
- Compreender o que é memória.
- Entender como objetos e imagens podem trazer a história de um tempo passado.

Atividades

1ª etapa

Inicie a conversa com seus alunos fazendo perguntas. Quem se lembra de alguma coisa que costumava fazer quando era criança? Quem se recorda de um acontecimento marcante de quando era bem pequeno?

Explique-lhes que todos temos lembranças, episódios de vida para lembrar:

Uma festa, uma travessura, um passeio, uma viagem, um costume.

Converse com seus alunos sobre o significado da palavra "memória". Pergunte o que eles acham e anote as definições na lousa.

Memórias ou lembranças?

Segundo o *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, memória é "aquilo que ocorre ao espírito como resultado de experiências já vividas; lembrança, reminiscência".

No plural - memórias -, pode ser uma narrativa que alguém faz, na forma de obra literária, com base no depoimento de uma pessoa mais velha, como seus alunos serão convidados a fazer no final deste Caderno.

Lembre aos alunos que fotografias também podem nos ajudar a recuperar lembranças do passado. É possível encontrar fotos antigas da cidade e dos moradores na prefeitura, museus, casa da cultura, igrejas e até mesmo em estabelecimentos comerciais.

Faça uma pesquisa na comunidade para localizar e tomar emprestados alguns materiais. Se não for possível, converse com sua turma a esse respeito, incentivando os alunos a visitar os lugares onde pode haver fotos antigas.

Objetos antigos também podem resgatar o passado. Pergunte aos alunos se eles têm em casa objetos que foram guardados pela família, converse sobre seu uso atual e em outras épocas. Explique que, além de fotos e objetos, as pessoas são fontes importantes de memória – na verdade, a mais rica delas.

2ª etapa

Leia para a classe trecho do livro *Velhos amigos*, de Ecléa Bosi.

Velhos amigos

De onde vêm as histórias? Elas não estão escondidas como um tesouro na gruta de Aladim ou num baú que permanece no fundo do mar: Estão perto, ao alcance de sua mão. Você vai descobrir que as pessoas mais simples têm algo surpreendente a nos contar:

Quando um avô fica quietinho, com o olhar perdido no passado, não perca a ocasião. Tal como Aladim da lâmpada maravilhosa, você descobrirá os tesouros da memória. Se ter um velho amigo é bom, ter um amigo velho é ainda melhor.

Ecléa Bosi. *Velhos amigos*. São Paulo, Companhia das Letras, 2003, p. 11.

Conversa com os idosos

Ecléa Bosi, em seu livro *Memória e sociedade*, escreve memórias de pessoas mais velhas que moram na cidade de São Paulo. Ecléa nos ensina que não devemos perder a oportunidade de conversar com os idosos, pois com certeza eles têm muito que nos contar.

Proponha aos alunos que se organizem individualmente ou em pequenos grupos para conversar com pessoas mais velhas. Podem ser pessoas da própria escola ou de casa - pode ser um vizinho, um parente. Eles podem começar fazendo perguntas. O(a) senhor(a) tem algum objeto antigo ou foto que lembre alguma passagem da sua vida nesta cidade? O que a foto ou objeto lembra?

Os alunos devem anotar as respostas e guardar as anotações. Em classe, cada aluno conta o que ouviu e, se possível, traz um objeto antigo para mostrar para a turma.

Convide seus alunos a montar uma exposição na escola com fotos e objetos antigos. Eles podem trazer cartas, utensílios domésticos, ferramentas, máquinas antigas, roupas, discos etc.

Registrar é importante

O registro é muito importante para você, professor, aperfeiçoar seu trabalho. No entanto, muitas vezes precisamos desenvolver esse hábito e vencer a falta de tempo. Mas tomar nota ajuda a fazer questionamentos e a descobrir soluções que nos fazem crescer.

Registre as oficinas. Escreva sobre as atividades desenvolvidas, suas impressões, as dificuldades e as reações do grupo. Como nos diz a educadora Madalena Freire (1996): "O registrar de sua reflexão cotidiana significa abrir-se para seu processo de aprendizagem".

Lembre-se de que cada professor de aluno semifinalista da Olimpíada deverá, com base em seus registros, escrever um "relato de experiência" e com ele concorrerá a prêmios. Esse é mais um motivo para você registrar o percurso vivido em sala de aula!

Decida com a turma onde as peças serão expostas: sala de aula, biblioteca, pátio ou algum outro lugar da escola. As peças precisam ser organizadas e identificadas. Por isso, prepare com eles placas ou cartazes com informações sobre os objetos e os donos deles.

Você pode distribuir as tarefas entre os alunos. Um grupo ficará responsável por preparar as placas; outro, por organizar objetos e fotografias; outro, por fazer convites e cartazes de divulgação; outro, por dar explicações durante a exposição.

Os alunos poderão convidar colegas de outras turmas, professores e familiares para visitar a exposição.



ANEXO B

Oficina 2 – Vamos combinar? (CLARA, 2008, pp. 15-17)

OBJETIVOS

- Explicar como será o trabalho, a produção dos textos de memória e a organização de uma coletânea.
- Apresentar a situação de produção.

Atividades

1ª etapa

Memórias podem ser escritas e conhecidas por outras pessoas/ não apenas por quem as viveu. Seus alunos serão estimulados/ a partir de agora/ a coletar lembranças de moradores antigos da comunidade e escrevê-las para que sejam lidas por muitos.

Sua turma será convidada a ocupar o lugar de memorialista, aquele que escreve as memórias de outro.

Para isso, os alunos vão se colocar **no lugar do entrevistado e escrever um texto em primeira pessoa**. Essas lembranças devem estar relacionadas ao lugar onde vivem e destacar acontecimentos/ histórias/ costumes interessantes e pitorescos do passado.

o texto deve mostrar o olhar particular do entrevistado sobre aquilo que viu e viveu. Portanto, não trará apenas fatos, mas também sentimentos, sensações e impressões.

Lembre aos alunos que, na oficina anterior, discutiram o que são memórias e como objetos antigos e fotos podem ajudar a revivê-las. Viram também como pessoas mais velhas podem ter muitas coisas para contar.

Apresente a proposta de escrever um texto de memórias baseado em lembranças de uma pessoa mais velha. Isso para que possam compartilhar com vários leitores aquilo que descobriram.

Explique-lhes que irão entrevistar as pessoas, selecionar e organizar as informações mais interessantes e, finalmente, se colocar no lugar do entrevistado para escrever suas memórias.

Esclareça aos alunos que apenas um texto será escolhido para representar a escola na Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro*, mas os demais não ficarão guardados na gaveta. Reúna os textos em uma coletânea e entregue-a às bibliotecas da escola e da cidade. Se houver textos muito parecidos, talvez seja necessário fazer uma seleção. Os alunos que não tiveram textos escolhidos para compor essa coletânea poderão participar de diferentes formas: ilustrando o livro, organizando um sarau, divulgando o evento de lançamento da publicação.

2ª etapa

Faça com os alunos um plano de trabalho. Prepare um cartaz com a lista das atividades das próximas aulas. Depois de pronto, leia o cartaz em voz alta e o coloque num lugar de destaque da sala de aula. Você também poderá usar o calendário da Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro*. Assim a turma poderá acompanhar cada etapa e marcar as tarefas já realizadas.

Plano de trabalho

- Ler e analisar textos de memórias.
- Usar expressões que marcam o tempo passado.
- Preparar e fazer as entrevistas.
- Selecionar as informações coletadas.
- Produzir um texto coletivo de ensaio para a produção final.
- Produzir o texto individual.
- Revisar o texto.
- Selecionar os textos que farão parte da coletânea de memórias.
- Elaborar as ilustrações, a capa e a contracapa do livro.



ANEXO C

Oficina 3 – Primeiro ensaio (CLARA, 2008, pp. 19-20)

OBJETIVO

- Produzir o primeiro texto individual.
- Planejar como intervir no processo de aprendizagem do aluno com base no diagnóstico inicial.

Atividades

Neste momento, é importante pedir aos alunos que escrevam um primeiro texto no gênero memórias. Talvez você esteja pensando:

Por que pedir uma produção escrita logo no início?

Não vai ser difícil?

Pode ser, mas a idéia é fazer a comparação entre o que cada um consegue fazer antes e depois de desenvolver a sequência de atividades sugeridas neste Caderno. Isso deixará evidente tanto para você quanto para os alunos o que foi aprendido com as oficinas.

O primeiro texto será feito com base na pesquisa sugerida na Oficina 1, quando os alunos recolheram objetos antigos e conversaram com pessoas mais velhas da comunidade. Retome com a turma o que foi feito e peça a ela que escolha um dos depoimentos.

Sugira aos alunos que escrevam as memórias de uma das pessoas com quem conversaram, colocando-se no lugar de/a, como se fosse o entrevistado. Explique a eles que vocês vão guardar esse primeiro texto para comparar com o que será feito no final.

Primeira escrita

A produção inicial aponta o que os alunos já sabem sobre o gênero e dá pistas para que o professor possa melhor intervir no processo de aprendizagem. Esse primeiro texto também é importante para que os alunos avaliem a própria escrita. Com sua ajuda eles podem perceber o que é preciso melhorar e poderão envolver-se mais nas atividades das oficinas. Além disso, será possível comparar essa produção com o texto final e identificar os avanços, constituindo um processo de avaliação continuada.

Atenção: se você for semifinalista da Olimpíada precisará levar a primeira produção para o encontro regional.



ANEXO D

Oficina 4 – Viagem no tempo (CLARA, 2008, pp. 21-24)

OBJETIVO

- Apresentar ao aluno textos de memórias de pessoas mais velhas.

Atividades

1ª etapa

Dependendo da experiência da turma, a leitura pode ser um grande desafio. É preciso ensinar a ler para além das linhas, desenvolver as capacidades de compreensão, apreciação e reflexão sobre o sentido do texto. O importante agora é que eles tomem contato com as memórias que estão no final deste Caderno (em "Textos recomendados"), ouçam o texto lido por você em voz alta e, se possível, escolham um deles para reler com mais atenção. Reproduza alguns textos e deixe-os disponíveis para leitura. Você pode colocá-los na biblioteca da sala ou organizar um canto de leitura.

Comece lembrando aos alunos que pessoas mais velhas têm muitas coisas para contar, diga-lhes que irá ler um trecho de uma das memórias que eles conhecerão no decorrer das oficinas.

Explique que esse texto foi escrito por Antonio Gil Neto. Ele descobriu que o sr. Amalfi Mansutti tinha muitas histórias. Leia em voz alta para eles o trecho do texto apresentado a seguir.

Lá pelos idos de 1929, com cerca de sete anos de idade, era menino feito. Minha vida era um misto de cowboy com Tarzan. Onde hoje fica o Shopping Center Norte era só mato, água e muita, muita terra. Era lá meu paraíso. Meu e dos meus amigos: o Vitorino, o Zacarias... Vivia para jogar futebol, nadar, pescar e caçar passarinhos. Uma brincadeira de que gostávamos muito era "chocar o trem". Sabe o que é isso? Era subir rapidinho no trem em movimento. Ele andava bem devagar, é claro, levando pedras lá da Serra da Cantareira para construir a cidade. Com o tempo seu trajeto se encheu de bairros: Tucuruvi, jaçanã, Vila Mazzei, Água Fria e mais o que há agora. Lembra aquela música do Adoniran? Tem a ver com esse trem...

Depois de ler, pergunte aos alunos:

- Que fato o autor resgata das memórias do entrevistado nesse trecho?
- Qual o significado da expressão "chocar o trem"?
- O que mais lhes chamou a atenção na história do sr. Amalfi?

Esse foi apenas um trecho das memórias do sr. Amalfi. Que outras aventuras e lembranças será que o autor nos reserva? Para descobrir, leia o texto, na íntegra em "Textos recomendados".

2ª etapa

Nesta etapa o objetivo é explorar outros textos de memórias. Pegue as cópias de alguns dos textos (em "Textos recomendados") e distribua-as entre os alunos.

Leia os títulos e faça perguntas:

- O que cada título sugere?
- Do que podem tratar os textos?
- Qual deles despertou maior curiosidade em cada um?

Proponha aos alunos que escolham um dos textos e agrupem de acordo com a preferência. Cada grupo deve ler o texto e comentá-lo.

- Quem é o autor?
- Qual o motivo de escolha do texto?
- Do que fala o texto?
- Qual o trecho que desejam destacar e ler para os colegas?

Se achar necessário, adapte a proposta. Escolha com a turma um texto, leia-o em voz alta e, ao final, faça as perguntas sugeridas na página anterior. Os outros textos poderão ser lidos ao longo das demais oficinas.

Para concluir, esclareça que as memórias podem falar sobre vários aspectos: o modo de vida das pessoas, como era a escola, as brincadeiras da infância, a transformação da cidade ou do lugar, as festividades, os episódios pitorescos ou os acontecimentos marcantes.

Visitando o passado

Memórias literárias costumam ser escritas com base em lembranças do próprio autor e não numa entrevista com outra pessoa.

Embora a situação de produção seja diferente, as características são muito semelhantes às do texto que seus alunos vão produzir: rememoram sentimentos, emoções, acontecimentos, histórias e costumes interessantes e pitorescos do passado.

Em "Textos recomendados" há tanto memórias relatadas pelo próprio autor quanto escritas com base em entrevista. Chame a atenção dos alunos para que busquem no final do texto essa informação.



ANEXO E

Oficina 5 – Sentidos e sentimentos (CLARA, 2008, pp. 25-28)

OBJETIVOS

- Identificar os recursos utilizados pelos autores nos textos de memórias literárias.
- Entender como se faz a descrição de um acontecimento e como expressar sentimentos por meio das palavras.

Atividades

É importante que a classe acompanhe com atenção a leitura do texto. Providencie cópia para cada aluno (ou para cada dupla). Se não for possível, você poderá copiar o texto na lousa e fazer a leitura coletiva.

Leia, a seguir, trecho do livro *Transplante de menina*, de Tatiana Belinky.

[...] Na Avenida Rio Branco, reta, larga e imponente, embicando no cais do porto [...] tivemos a nossa primeira impressão - e que impressão! - do carnaval brasileiro. [...] o que nós vimos, no Rio de Janeiro, não se parecia com nada que eu pudesse sequer imaginar nos meus sonhos mais desvairados. [...]

Aquelas multidões enchendo toda a avenida, aquele corso - desfile interminável e lento de carros, pára-choque com pára-choque, capotas arriadas, apinhados de gente fantasiada e animadíssima.

Todo aquele mundaréu de homens, mulheres, crianças, de todos os tipos, de todas as cores, de todos os trajes - todos dançando e cantando, pulando e saracoteando, jogando confetes e serpentinas que chegavam literalmente a entupir a rua e se enroscar nas rodas dos carros... E os lança-perfumes, que que é isso, minha gente! E os "cordões", os "ranchos", os "blocos de sujos" - e todo o mundo se comunicando, como se fossem velhos conhecidos, se tocando, brincando, flertando - era assim que se chamavam os namoricos fortuitos, a paquera da época -, tudo numa liberdade e descontração incríveis, especialmente para aqueles tempos tão recatados e comportados...

[...] Vi muitos carnavais depois daquele, participei mesmo de vários, e curti-os muito. Mas nada, nunca mais, se comparou com aquele primeiro carnaval no Rio de Janeiro, um banho de Brasil, inesquecível.

Tatiana Belinky *Transplante de menina*. São Paulo, Moderna, 2003, pp. 101-103.

Tatiana Belinky nasceu na Rússia. Aos dez anos, emigrou para o Brasil, onde mora até hoje. É considerada uma das maiores escritoras de nossa literatura infanto-juvenil. Em seu livro *Transplante de menina*, ela narra memórias de sua terra natal, a viagem para o Brasil, as primeiras impressões, sua infância e juventude no novo país.

Em seguida, converse com seus alunos sobre o acontecimento que a autora rememora e pergunte por que ela o considera marcante.

Comente que, ao contar o que viu, Tatiana usa e abusa da descrição. Com riqueza de detalhes, descreve a Avenida Rio Branco, o desfile dos carros, as multidões, a forma como se vestiam.

Peça aos alunos que releiam o texto com você para identificar os trechos em que ela descreve o que viu. Solicite a eles que sublinhem esses trechos.

Descrição

Para fazer uma boa descrição é importante reparar no objeto descrito como se o olhássemos - a primeira vez. Devemos trazer à lembrança sensações, impressões e informações captadas pelos nossos sentidos: cheiros, sabores, formas, cores, texturas, sons.

A descrição pode ser utilizada como recurso para envolver o leitor e aproximá-lo ainda mais da experiência trazida pelo autor do texto.

Mostre que, além de descrever, ela também conta o que sentiu, já que o carnaval não se parecia com nada do que tinha visto antes e, mesmo depois de ter presenciado outros carnavais, nada se comparou com aquele, inesquecível.

Peça a eles que sublinhem, com uma cor diferente da que usaram para marcar a descrição, trechos em que Tatiana conta seus sentimentos e impressões.

A autora descreve o que presenciou com tantos detalhes que podemos até imaginar o carnaval daquela época. Explique aos alunos que essa forma de descrever aproxima o leitor do acontecimento narrado.



ANEXO F

Oficina 6 – Ponto-e-vírgula (CLARA, 2008, pp. 29-32)

OBJETIVO

- Estudar e aprender a usar sinais de pontuação.

Atividades

1ª etapa – Vírgulas

Quando estamos conversando, usamos a entonação para expressar o que queremos. Por exemplo: elevamos a voz, usamos pausas, fazemos gestos e mímica, mudamos nossa expressão facial. Mas, quando escrevemos, não dispomos desses recursos.

Na escrita, são os sinais de pontuação que organizam o pensamento e facilitam a compreensão de quem lê. A pontuação marca as diferenças de entonação e contribui para dar significado ao texto.

É importante que os alunos sejam despertados para a necessidade de prestar atenção aos sinais de pontuação, componentes que vão ajudar a organizar as idéias e o texto. Escreva na lousa a frase retirada de Transplante de menina:

Todo aquele mundaréu de homens, mulheres, crianças, de todos os tipos, de todas as cores, de todos os trajés – todos dançando e cantando, pulando e saracoteando, jogando confetes e serpentinas que chegavam literalmente a entupir a rua e se enroscar nas rodas dos carros...

Peça aos alunos que observem os sinais de pontuação usados. Que sinais de pontuação aparecem na frase? Por que eles foram usados? Faça as perguntas dando dicas.

Transcreva agora **sem as vírgulas** o fragmento do texto de Antonio Gil.

O disco ia rodando feito parafuso apressado com seu chiado característico e eu "viajava" pra valer: Meu sangue gelava, minha respiração boiava no peito, meus músculos tiniam... Entrava na floresta, morria de medo do Lobo, torcia pela Chapeuzinho, tinha um dó gigante da vovozinha e achava o caçador um campeão valoroso... Relembro o terror ansioso que sentia quando a história parava num trecho duvidoso ou premente. A Neguinha, meticulosa para virar o disco, limpava-o bem e minuciosamente, com flanela e álcool, fazendo olhos arabescados de Carmem Miranda levantando,

ao bel-prazer, suspeitas de que o pior estava por acontecer e que teríamos de ter a coragem suficiente para continuar.

Proponha aos alunos que copiem o trecho no caderno. Em dupla, eles vão colocar as vírgulas que faltam. Depois vão contar à classe o que descobriram. Se tiverem dificuldade em explicar o uso da pontuação, ajude-os. Diga que a vírgula pode ser utilizada tanto para separar elementos de uma enumeração: Meu sangue **gelava**, minha respiração **boiava no peito**, meus músculos **tiniam**... como para introduzir uma explicação a mais sobre quem faz a ação, por exemplo: A Neguinha, **meticulosa para virar o disco**. Ou Carmem Miranda levantando, **ao bel-prazer**, suspeitas.

Aproveite também para verificar se percebem por que o autor utilizou as reticências.

2ª etapa - Travessão

Tatiana Belinky usa outro sinal de pontuação importante: o travessão. Ele serve entre – outras coisas – para destacar trechos ou explicar termos desconhecidos do leitor.

Para ajudar os alunos a pensar sobre o uso do travessão, copie na lousa mais alguns trechos de Transplante de menina.

[...] e todo o mundo se comunicando, como se fossem velhos conhecidos, se tocando, brincando, flertando – era assim que se chamavam os namoricos fortuitos, a paquera da época –, tudo numa liberdade e descontração incríveis, especialmente para aqueles tempos tão recatados e comportados...

Aquelas multidões enchendo toda a avenida, aquele corso – desfile interminável e lento de carros, pára-choque com pára-choque, capotas arriadas, apinhados de gente fantasiada e animadíssima.

Em seguida, faça perguntas. O que quer dizer "flertando"? O que é "corso"? Onde descobriram essas informações? O que Tatiana Belinky faz para explicar ao leitor o significado dessas palavras? Por que ela acha necessário dar essa explicação ao leitor?

O travessão serve para intercalar explicações que o autor pensa que o leitor desconhece. O exemplo abaixo mostra que o travessão pode ser usado também para enfatizar uma passagem. Nesse caso, a impressão marcante do seu primeiro carnaval.

[...] Na Avenida Rio Branco, reta, larga e imponente, embicando no cais do porto [...] tivemos a nossa primeira impressão – e que impressão! – do carnaval brasileiro. [...]

E se os alunos fossem descrever comidas e danças típicas de sua região para quem não as conhece? Ajude-os a selecionar palavras e explicações. Por exemplo: arroz-ferrado - arroz cozido com lascas de carne-seca –; quadrilha – dança típica das festas juninas.

Peça a eles que, em dupla, criem frases utilizando o travessão para intercalar as explicações. Se necessário, dê um exemplo:

Os festejos prestavam homenagem a Santo Antônio – santo cultuado pelas moças por sua fama de casamenteiro.

3ª etapa - Ponto de exclamação

Os dois autores citados nesta oficina também transmitem ao leitor suas impressões. Para dar ênfase, indicar surpresa, usam outro sinal de pontuação: o ponto de exclamação. Por exemplo:

E os lança-perfumes, que que é isso, minha gente!

Quantas gostosuras! Pipoca, pé-de-moleque, cajuzinho, milho verde e um quentão delicioso.

Peça aos alunos que observem, nos fragmentos reproduzidos acima, a pontuação utilizada e sua finalidade. Aproveite para deixar claro à turma que o ponto de exclamação é usado para transmitir ao leitor sentimentos como espanto, admiração, surpresa ou alegria.

Agora, mostre para os alunos fotos de alguma festa típica da cidade. Caso não seja possível, procure fotos de festas populares em livros e revistas ou na internet. O importante é que elas sejam nítidas e dêem uma visão geral da festa.

Em duplas ou trios, os alunos vão observar as fotografias. Chame a atenção para alguns elementos presentes nas fotos: cenário, objetos, cores, formas, luminosidade, movimento, vestuário, semblante das pessoas. Incentive os grupos a trocarem suas impressões, para então elaborarem um pequeno texto, de dois ou três parágrafos.

Lembre aos alunos que devem cuidar da forma como vão trazer as informações e impressões sobre a festa, para que realmente envolvam o leitor.



ANEXO G

Oficina 7 – Nem sempre foi assim (CLARA, 2008, pp. 33-36)

OBJETIVOS

- Sensibilizar os alunos para as emoções dos relatos de memórias.
- Observar como os autores comparam o tempo antigo com o atual.
- Identificar palavras e expressões usadas para remeter ao passado.

Atividades

Ao escreverem memórias, os autores se preocupam em caracterizar os lugares e as pessoas do passado. Eles também fazem a comparação entre o tempo antigo e o atual, mostrando as diferenças.

Esse aspecto, próprio do gênero memórias, será ressaltado nesta oficina. Procure sensibilizar os alunos para as emoções associadas às lembranças do passado. Afinal, esse é um recurso utilizado pelos autores para atrair o leitor.

É conveniente que os alunos tenham o texto em mãos. Providencie cópias para cada um deles (ou podem ler em duplas). Se isso não for possível, copie o texto na lousa ou numa folha grande de papel e faça a leitura coletiva.

Apresente para os alunos a escritora Zélia Gattai, autora do livro de memórias *Anarquistas graças a Deus*.

Zélia

Zélia Gattai nasceu em São Paulo, em 1916. Casada com o escritor baiano Jorge Amado, mora há vários anos em Salvador. Zélia foi eleita para a Academia Brasileira de Letras em 2001.

A autora escreveu vários livros de memórias. No primeiro, *Anarquistas graças a Deus*, conta a história de sua família de imigrantes italianos e relembra sua infância em São Paulo.

Leia para a classe o trecho abaixo em voz alta e depois peça a cada aluno que o releia em silêncio.

Naqueles tempos, a vida em São Paulo era tranqüila. Poderia ser ainda mais, não fosse invasão cada vez maior dos automóveis importados, circulando pelas ruas da cidade; grossos tubos, situados nas laterais externas dos carros, desprendiam, em violentas explosões, gases e fumaça escura. Estridentes fonfons de buzinas, assustando os distraídos, abriam passagem para alguns deslumbrados motoristas que, em suas desabaladas carreiras, infringiam as regras de trânsito, muitas vezes chegando ao abuso de alcançar mais de 20 quilômetros à hora, velocidade permitida somente nas estradas. Fora esse detalhe, o do trânsito, a cidade crescia mansamente. **Não havia surgido ainda** a febre dos edifícios altos; nem mesmo o “Prédio Martinelli” – arranha-céu pioneiro em São Paulo, se não me engano do Brasil – fora ainda construído. **Não existia rádio**, e televisão, nem em sonhos. **Não se curtia** som em aparelhos de alta-fidelidade. Ouvia-se música em gramofones de tromba e manivela. Havia tempo para tudo, ninguém se afobava, ninguém andava depressa. Não se abreviavam com siglas os nomes completos das pessoas e das coisas em geral. Para que isso? Por que o uso de siglas? Podia-se dizer e ler tranqüilamente tudo, por mais longo que fosse o nome por extenso – sem criar equívocos – e ainda sobrava tempo para ênfase, se necessário fosse.

Os divertimentos, existentes então, acessíveis a uma família de poucos recursos como a nossa, eram poucos. **Os valores daqueles idos, comparados aos de hoje**, no entanto, eram outros; as mais mínimas coisas, os menores acontecimentos, tomavam corpo, adquiriam enorme importância. Nossa vida simples era rica, alegre e sadia. A imaginação voando solta, transformando tudo em festa, nenhuma barreira a impedir meus sonhos, o riso aberto e franco. Os divertimentos, como já disse, eram poucos, porém suficientes para encher o nosso mundo.

Zélia Gattai. Anarquistas graças a Deus. Rio de Janeiro, Record, 1986, p. 23.

Para ajudar seus alunos a entender o texto, pergunte a eles:

- Como eram os carros? E o trânsito?
- Como eram as construções?
- O que a autora quer dizer com a expressão "imaginação voando solta"?
- Como era a vida das pessoas? E seus valores? Como se divertiam?

Observe os detalhes do texto. Neles Zélia Gattai faz muitas comparações entre os dias de hoje e o tempo em que era menina. Continue a conversa, retomando as perguntas e incentivando os alunos a procurar no texto essas comparações.

A autora descreve a cidade e explica como ela era. Para escrever, parece que fez várias perguntas a si mesma e depois as retirou, deixando só algumas e as respostas. É interessante mostrar isso aos alunos porque, de certa forma, é o que eles farão para escrever o texto final, com base nas entrevistas.

Proponha aos alunos que fechem os olhos, fiquem em silêncio e pensem em algum lugar a que costumavam ir quando pequenos. Como era esse lugar?

O que ele tem de peculiar? Que sentimentos ele despertava? O que os moradores faziam nesse lugar? Relembra alguma ocasião, algum fato marcante?

Solicite a eles que escrevam um pequeno trecho relatando essas lembranças. Em seguida, farão a leitura do texto produzido para os colegas. Ressalte que essa leitura deve ser preparada com uma atenção especial ao tom de voz e ao ritmo para envolver e emocionar os ouvintes.

Você pode ainda convidar a turma a dramatizar alguns dos textos produzidos. Para isso, os alunos podem se organizar em pequenos grupos e trazer para a escola objetos, peças de vestuário, instrumentos musicais ou canções que enriqueçam a apresentação.

Por fim, peça aos alunos que façam comentários sobre os textos e as apresentações dos diferentes grupos.

Biblioteca

A visita a uma biblioteca pode ampliar ainda mais o repertório de seus alunos. Se na cidade em que você mora ou na escola em que você leciona há uma biblioteca, leve sua turma para conhecer o acervo e descobrir outros textos de memórias.

Aproveite a oportunidade para ensiná-los a localizar e consultar livros na biblioteca: pelo título, autor, assunto, gênero.

Incentive-os a se cadastrarem para que possam retirar materiais para leitura.



ANEXO H

Oficina 8 – No pretérito (CLARA, 2008, pp. 37-41)

OBJETIVO

- Observar o uso do pretérito perfeito e do imperfeito.

Atividades

1ª etapa

O autor de memórias usa verbos no passado para marcar um tempo do qual se lembra e já se foi. Esta oficina trata dos tempos verbais essenciais no gênero memórias: pretérito perfeito e pretérito imperfeito.

Escreva na lousa o seguinte fragmento:

[...] Eu era uma menino ta cheia de saúde, alegre e festejada por todos pela cara de anjo que Deus me deu com olhos azuis e um cabelo louro cacheado. Mas meu pai, um agricultor da região, caiu em desgraça. De repente, perdeu toda a safra com a seca que, de tempos em tempos, expulsava gente para a Capital ou outras regiões do País.

Ariadne Araújo. Histórias da velha Arigó.

Pergunte para a turma se é possível identificar o tempo em que os fatos se deram. Há expressões que marcam o momento exato em que as ações ocorreram? Pelos verbos usados, é possível saber se a ação ocorre no presente ou no passado?

Avise então que você vai lançar um desafio maior. Escreva na lousa outro trecho de memórias reproduzidas em "Textos recomendados", desta vez de Rostand Paraíso:

Usávamos "bolas de meias", preparadas por nós mesmos com papel de jornal compactado e colocado dentro de uma meia de mulher, mas já começávamos a usar bolas de borrachas e as "bolas-de-pito", que eram bolas de couro, com pito para fora e que tínhamos o cuidado de envergar para dentro, para evitar arranhaduras.

Rostand Paraíso. Antes que o tempo apague...

E agora? Em que tempo ocorreram os fatos relatados? Também no passado? Peça aos alunos que comparem os dois textos e expliquem a diferença entre os tempos verbais do passado.

Observe se percebem que, no primeiro fragmento, predomina o pretérito perfeito e, no segundo, o pretérito imperfeito.

O pretérito perfeito indica uma ação pontual, completamente terminada no passado, como, por exemplo: deu, caiu, perdeu. Ele é adequado para relatar ações "fechadas", que ocorreram em uma situação pontual.

O pretérito imperfeito indica ação habitual no tempo passado, fato cotidiano que se repete muitas vezes. Ele é adequado para a descrição de situações que ocorriam "com frequência". Por exemplo: usávamos, tínhamos, começávamos.

Verbos nos textos

Verbos são palavras variáveis que têm a propriedade de localizar o fato no tempo em relação ao momento em que se fala. Podem ser flexionados em três tempos básicos: presente, passado e futuro. O presente indica uma ação, estado ou fenômeno da natureza que ocorre no momento em que se fala; o futuro, algo que irá ocorrer após o momento em que se fala; e o pretérito, por sua vez, se aplica a fatos anteriores ao momento da fala.

Sempre que o autor quer marcar o grau de certeza de que um fato realmente ocorreu, está revisto ou prestes a ocorrer, utiliza o modo indicativo, que retrata situações consideradas reais por parte de quem fala.

2ª etapa

Escreva na lousa o trecho abaixo, também retirado de um dos textos inseridos no final deste Caderno:

*Em fins de 1913 um tenente do Exército Nacional recém-chegado a Cruz Alta foi proposto por um colega de armas para sócio do Clube Comercial, baluarte da burguesia local. Não sei por que o motivo não foi aceito. O fato **causou** sensação na cidade. **Falou-se** em represálias da parte da guarnição federal contra a sociedade.*

*Nada, porém, **aconteceu**. **Chegou** dezembro, os jasmims-do-cabo floresceram no nosso pequeno jardim.*

Pergunte:

- Quando ocorreu o fato que o autor narra? Como podemos saber? Além da data, o autor usa outras palavras que indicam o passado? Quais são elas?

Para melhor visualização, circule os verbos com giz colorido. Em seguida, questione:

- Em que tempo estão os verbos? Por que o autor usou esse tempo verbal?

Mostre que Veríssimo usou os verbos "causar", "falar", "acontecer", "chegar" no pretérito perfeito, porque eles indicam ações pontuais terminadas no passado.

Escreva na lousa o trecho abaixo e faça o mesmo exercício anterior.

*Meu figurino **era** feito por minha mãe: uma camisa clara, bem limpa e passadinha com ferro de brasa. Com meus colegas **ia** ver o que estava em cartaz. [...] Também me recordo do cine Vogue e de Seu Carvalho, seu dono e operador, que, ao constatar a enorme fila na bilheteria, **dizia** para nós, garotos, com certo orgulho solene, só haver lugares em pé. **Entrávamos** mesmo assim. Depois de alguns minutos já **tínhamos** nossos lugares escolhidos e... sentados. No escurinho do filme começado, **queimávamos** um barbante malcheiroso que fazia todo mundo desaparecer de nosso lugar preferido. Comédia pura, não é?*

Antonio Gil Neto. Como num filme.

Saliente que o autor usa os verbos "ser", "ir", "dizer", "entrar", "ter" e "queimar" no pretérito imperfeito, porque eles exprimem o tempo cotidiano, que contém ações repetidas muitas vezes no passado. O autor quer mostrar que não foi uma única vez ao cine Vogue, mas muitas vezes.

Explique aos alunos que você retirou o trecho abaixo das memórias de Ariadne Araújo (que se encontra também em "Textos recomendados"). Transcreva a passagem na lousa e desafie-os a completar as lacunas.

Nosso família ____ (ir) morar nos margens de um igarapé. No meio dos árvores, da vida no selva, a gente ____ (saber) que havia perigos de todos os lados. Um deles ____ (ser) as patrulhas de bolivianos que ____ (andar) no área expulsando os brasileiros. Uma noite, nós já ____ (estar) todos dormindo quando um desses grupos ____ (chegar). No comando, uma mulher boliviana. A notícia ____ (ser) que onde eles ____ (passar) ____ (ser) morte certo. Mas se isso ____ (ser) mesmo verdade, naquela noite ____ (ser) salvos por uma espécie de milagre. Armas no mão, a patrulha ____ (prender) todo minha família, mas o chefe me ____ (ver) e se ____ (encantar)

comigo, com meu cabelo loiro, com meus olhos azuis. Ela _____ (perguntar) meu nome, _____ (passar) o mão sobre minha cabeça e _____ (dizer) para meu pai que me levasse para longe dali.

Pergunte aos alunos por que, na última frase, o autor utiliza um verbo no pretérito, mas do subjuntivo ("que me **levasse** para longe dali").

Veja se percebem que aí não há tom de certeza, mas de possibilidade de aquilo ocorrer. A mulher faz uma sugestão. Recomenda ao pai da narradora que a leve dali. O pai poderia ou não seguir esse conselho.

Perfeito ou imperfeito?

Nas memórias, o pretérito perfeito marca as ações que se destacam: "Uma dessas patrulhas chegou"
O uso do pretérito imperfeito, porém, marca o "tempo do lembrar" que é o tempo das memórias.



ANEXO I

Oficina 9 – Marcas do passado (CLARA, 2008, pp. 43-46)

OBJETIVO

- Identificar palavras e expressões que marcam o tempo passado.

Atividades

1ª etapa

Nesta oficina, que complementa a anterior, os alunos devem identificar as palavras que ajudam a localizar o leitor na época em que os fatos ocorreram.

Transcreva os trechos abaixo em tiras de papel. Organize os alunos em trios e distribua uma tira para cada grupo. Para facilitar seu trabalho, assinalamos as palavras que marcam o tempo passado. Mas, ao transcrever o texto para os alunos, você não deve destacá-las.

Peça a cada trio que sublinhe todas as palavras - não só verbos - que mostram que os episódios ocorreram no passado. Em seguida, cada grupo faz a leitura das palavras assinaladas. À medida que forem lendo, registre as respostas corretas na lousa.

Marcando o tempo passado

*Os divertimentos, existentes **então**, acessíveis a uma família de poucos recursos como a nossa, eram poucos.*

Zélia Gattai. Anarquistas graças a Deus.

*Com o passar dos anos, veio o tempo do trabalho para valer. De aprendiz de químico tornei-me o titular na fábrica de perfumes dos libaneses. **Fiz de tudo lá: brilhantina, rouge, pó-de-arroz, produtos muito usados na época. Veio também o tempo do namoro sério e, com ele, o cinema com sorvete a dois.***

Antonio Gil Neto. Como num filme.

*[...] e todo o mundo se comunicando, como se fossem velhos conhecidos, se tocando, brincando, flertando – **era assim** que se chamavam os namoricos fortuitos, a paquera **da época** –, tudo numa*

*liberdade e descontração incríveis, especialmente para **aqueles tempos** tão recatados e comportados...*

Tatiana Belinky Transplante de menina.

***Em 1912** chegou-me, primeiro através dos comentários dos mais velhos e depois nas páginas das revistas do Rio de Janeiro, a notícia do naufrágio do Titanic.*

Érico Veríssimo. Solo de Clarineta.

***Naqueles tempos** a vida em São Paulo **era** tranqüila.*

Zélia Gattai. Anarquistas graças a Deus.

Convide os alunos a se colocarem no lugar de autores de memórias. Conte-lhes alguma situação que você, professor, viveu na sua infância (algo que seja bem diferente daquela dos dias de hoje).

Peça aos trios que escrevam o episódio relatado por você usando uma das palavras escritas na lousa. Para finalizar, compartilhe a produção de cada grupo.

2ª etapa

Agora, divida a classe em grupos de seis alunos. Para agilizar, você pode pedir aos trios que se juntem de dois em dois.

Escreva na lousa as palavras e expressões abaixo:

- gramofone de tromba e manivela
- zagaia
- lorota

Peça a cada aluno que discuta o significado delas e escreva uma definição para as palavras e expressões apresentadas e, depois, leia para os colegas. Não vale consultar o dicionário neste momento.

Explique que as palavras foram retiradas de textos de memórias e se referem a objetos ou costumes antigos.

Lembre-lhes que, na Oficina 6, eles aprenderam o uso do travessão para explicar o significado das palavras.

Transcreva na lousa as frases abaixo. Em seguida, pergunte aos alunos se agora conseguem explicá-las melhor do que fizeram antes.

*Na minha ótica de primeira infância, o Pantanal me parecia mais perigoso que belo. Tinha medo de cobras (a jararaca, a cascavel e a sucuri) e das onças (parda e pintada), então abundantes nas várzeas e capões. A suprema forma de coragem era a caçada de onça com **zagaia**.*

Roberto Campos. Lanterna na popa.

*Não se curtia som em aparelhos de alta-fidelidade. Ouvia-se música em **gramofones de tromba e manivela**.*

Zélia Gattai. Anarquistas graças a Deus.

*Quebrávamos as pontas dos lápis e com o descaramento e a falsa pretensão de deixarmos todos eles apontadinhos para a letra ficar bem desenhada e bem bonita nas nossas brochuras, lá íamos nós, atrás da porta e com a gilette em punho, armar em cochichos a melhor estratégia para o próximo jogo. Tudo **lorota!***

Antonio Gil Neto. Como num filme.

A leitura dos trechos de onde foram retiradas as palavras ajuda a descobrir o significado de cada uma delas.

Para mobilizar os alunos, você pode fazer perguntas:

- Para que serve a “zagaia”? Para que as pessoas usavam o “gramofone”? Vocês podem imaginar o que é “flerte”?

Peça aos alunos que voltem à definição que fizeram anteriormente e vejam se é necessário fazer alguma mudança. Cada grupo deve apresentar à classe o que escreveram antes e depois da leitura dos textos.

Para finalizar, oriente os alunos a procurar o significado dessas palavras no dicionário ou apresente-lhes as definições abaixo:

- **Zagaia** = lança curta de arremesso.
- **Gramofone de tromba e manivela** = aparelho antigo que reproduzia sons gravados em disco. Para fazê-lo funcionar, girava-se uma manivela e o som saía por uma tromba em formato de concha.
- **Lorota** = piada, mentira.



ANEXO J

Oficina 10 – A entrevista (CLARA, 2008, pp. 47-52)

OBJETIVO

- Planejar e realizar entrevistas com as pessoas mais velhas da comunidade.

Atividades

Este é um momento muito importante do trabalho. Você e seus alunos vão escolher pessoas para contar histórias que servirão de base para os textos de memórias.

Uma vez escolhidos os entrevistados, você deve preparar as entrevistas com seus alunos. Provavelmente serão necessárias duas ou mais aulas para realizar esta oficina.

Escolhendo os temas

Converse com os alunos sobre os temas que eles gostariam de abordar nas entrevistas, por exemplo:

- O que as pessoas mais velhas da nossa comunidade poderiam nos contar? O que vocês gostariam de saber?

Desperte o interesse deles por coisas sobre as quais ainda não pensaram. Leia e discuta com seus alunos cada tópico do item abaixo. Eles irão ajudar a pensar sobre as coisas mais importantes para a sua comunidade.

Temas que podem despertar lembranças nos entrevistados

A conversa sobre o tema deve permitir a ligação das lembranças com lugares da comunidade. Por exemplo, se o tema for namoro, é preciso que a pessoa conte quais os lugares onde se podia namorar. Talvez ela diga algo do tipo:

"Eu morava naquela casa que ainda existe na rua tal. Lá tem um terraço, mas minha mãe não deixava que eu namorasse ali, porque poderia ficar mal falada na vizinhança".

- **Modos de viver do passado:** o jeito de namorar, freqüentar a escola, brincar, cozinhar, relacionar-se com os pais; o modo de vestir, comprar, viajar, cultivar a terra, comercializar, produzir objetos, festejar datas especiais; a participação na vida social.
- **Transformações físicas da comunidade:** aparência das construções, ruas e praças de outros tempos, história da construção de edifícios, do crescimento da cidade, da destruição da natureza do lugar.
- **Origem da comunidade:** se a comunidade for nova, poderá haver pessoas que tenham lembranças de como ela começou, por que motivo, de onde vieram os primeiros habitantes, como eram as primeiras moradias, as escolas, os hospitais.
- **Antigos lugares de trabalho:** uma fábrica que deu emprego a muita gente e fechou, uma fazenda onde as pessoas trabalhavam e moravam, uma empresa pequena que cresceu muito, uma venda que virou supermercado, as pequenas lojas que desapareceram com a chegada dos shopping centers.
- **Profissões que desapareceram:** nas grandes cidades, por exemplo, os leiteiros e padeiros que vinham com suas carrocinhas entregar leite e pão, as costureiras que trabalhavam nas fábricas de roupa ou nas casas de pessoas abastadas, as datilógrafas e suas máquinas de escrever.
- **Eventos marcantes:** uma grande enchente, uma comemoração importante, uma festa tradicional, a vinda de um presidente, o buraco que se abriu no chão e engoliu parte do bairro, um grande acidente, uma vitória marcante do time da cidade.

Coloque os temas na lousa e peça aos alunos que escolham um ou mais deles. Registre os que forem selecionados numa grande folha de papel, que será colocada em local bem visível.

Escolhendo os entrevistados

Quais pessoas da comunidade podem ter lembranças sobre os assuntos que desejamos conhecer e, por isso, os escolhemos para contar? Faça com a classe uma lista dessas pessoas. Pais, avós e outros membros da comunidade também podem ajudar nessa tarefa.

Defina com a turma as pessoas que serão entrevistadas. Os escolhidos devem ter disponibilidade para receber os alunos ou para vir à escola conversar com eles.

Ajude-os a levantar pelo menos três ou quatro nomes para que seus alunos tenham opção de escolha.

Quaisquer pessoas podem ser boas contadoras de história, contar fatos engraçados ou tristes. O importante é que deixem claro como sentiram e viveram esses acontecimentos.

As lembranças do entrevistado não precisam ser exatamente a história verdadeira do lugar. O que interessa é que sejam fortes e significativas para quem as conta.

A entrevista

As entrevistas devem, de preferência, ser feitas na escola. Assim todos os alunos podem participar delas.

A duração da entrevista não deve ultrapassar 40 minutos, para não ficar cansativa. Se houver muito material, será mais difícil para o aluno escolher as melhores partes e organizar o texto que vai escrever.

Vocês podem gravar a entrevista, sempre lembrando de pedir antes a permissão ao entrevistado. Recomende aos alunos que anotem os pontos mais importantes e usem as anotações para recuperar a história mais tarde.

É fundamental criar um clima de respeito e conquistar a confiança do entrevistado. Ele precisa se sentir à vontade para contar suas lembranças.

Durante a entrevista, você, professor, deve ficar atento para, se necessário, intervir, por exemplo, para evitar que o entrevistado fuja do tema. Deixe-o falar, associar lembranças e ajude-o se o relato ficar pouco objetivo ou sem graça.

A fim de direcionar a entrevista para o tema desejado, pode-se começar com um comentário do tipo: "Sabemos que, na época em que o senhor era criança, houve uma grande enchente na cidade que destruiu tudo"; ou: "Havia uma fábrica onde trabalhava muita gente":

É importante que o entrevistado faça comparações entre o passado e o presente e descreva lugares e costumes de antigamente.

O aluno pode levar algumas perguntas, mas não deve ficar preso a elas. O objetivo é conversar para conseguir boas histórias. As perguntas servem para ajudar o entrevistado a revelar sensações e sentimentos sobre o que está contando.

Procure não elaborar um questionário com perguntas muito objetivas, por exemplo: "Em que ano o senhor se casou?", pois elas podem ser respondidas com poucas palavras e inibir relatos interessantes.

No final da conversa, deve-se mostrar ao entrevistado como foi importante a contribuição que ele deu. Antes de se despedir, combine que ele será procurado para aprovar o que foi escrito pelos alunos. Se estiver de acordo, precisará assinar uma autorização para a publicação do texto final.

Caso o resultado não tenha sido satisfatório, procure novamente o entrevistado e marque outro encontro.

Do oral para o escrito

Na passagem de um texto oral para um escrito é preciso retomar a intenção, a situação comunicativa, os interlocutores a que se destina o texto. No caso do gênero entrevista, por exemplo, transformamos o discurso oral, toda dinâmica própria da conversa informal, dos depoimentos coletados, em discurso escrito.

Na oralidade, de acordo com a reação do interlocutor, repetimos a informação, mudamos o tom, reformulamos a explicação. Já na escrita, é preciso eliminar as marcas internacionais e incluir a pontuação; apagar as repetições e redundância; organizar turnos de fala em parágrafos, num percurso do menos para o mais formal.



ANEXO K

Oficina 11 – Ensaio geral (CLARA, 2008, pp. 53-56)

OBJETIVO

- Produzir um texto coletivo.

Atividades

Nesta oficina, os alunos escreverão um texto coletivamente. Isso irá ajudá-los a resgatar e organizar os recursos aprendidos nas oficinas anteriores. Será um trabalho na chamada "zona proximal" do desenvolvimento cognitivo; quando a troca de informações entre estudantes de uma mesma turma permite que os colegas que estão em um momento mais avançado do conhecimento auxiliem o processo de aprendizagem dos demais e o seu próprio, pois aquele que ensina sempre aprende. Nesse "ensaio geral" os alunos vão passar o discurso oral para o papel.

O texto coletivo exige negociação entre você e sua turma. Nessa negociação, há espaço para a troca entre alunos mais e menos experientes e a oportunidade para o crescimento de todos.

Zona proximal

A expressão **zona proximal** foi criada por Vigotski, para designar, na evolução cognitiva das pessoas, as aprendizagens que elas conseguem realizar com auxílio de parceiros mais experientes no conteúdo a ser aprendido. Ela antecede a zona real do conhecimento apropriado, quando o aprendiz pode realizar a tarefa proposta sem ajuda. O papel do professor é atuar na zona proximal, identificando e planejando a ajuda que pode dar a seus alunos por meio de conversas, explicações e atividades.

A produção coletiva precisa ocorrer de forma organizada, evitando a dispersão, tão comum nos trabalhos coletivos com os alunos. O seu papel é promover a concentração e atenção, além de ajudar na construção do texto, fazendo perguntas e dando orientações.

Explique aos alunos que a escrita coletiva é uma etapa importante para a preparação dos textos que concorrerão aos prêmios. Diga que essa é uma atividade que exige tempo e será desenvolvida em duas aulas.

Relembre com eles cada uma das oficinas. Ajude-os a fazer um rápido resumo de tudo o que aprenderam sobre as memórias literárias. Você pode anotar os pontos principais em um cartaz e afixá-lo na sala.

Agora, escolha uma das entrevistas feitas na oficina anterior. Retome com a turma as anotações feitas ou ouçam juntos a gravação.

Hora de escrever o primeiro parágrafo. Nele é interessante apresentar o entrevistado ao leitor. O começo do texto pode contar rapidamente quem ele é e por que foi escolhido.

Ajude a turma a escrever o primeiro parágrafo e vá anotando na lousa. Leia em voz alta para ver se todos concordam. Inclua as alterações sugeridas.

E o segundo parágrafo? Agora, os alunos vão tomar o lugar do entrevistado na narrativa das memórias. O texto será escrito em primeira pessoa, como se o próprio entrevistado estivesse contando sua história. Veja se todos entenderam que eles vão fazer de conta que são o entrevistado narrando suas memórias.

As memórias devem manter aquele tom gostoso de conversa, mas usando palavras próprias de textos escritos. Por isso, ele não deve ter gírias a não ser que sejam de época, nem repetir as expressões próprias do oral: "e daí", "e depois". "né" etc.

É interessante começar com a lembrança do entrevistado que foi mais marcante para a turma, a que mais chamou a atenção dos alunos. Converse com eles como deve ser o parágrafo, depois registre na lousa.

Continue organizando a escrita dos parágrafos seguintes. Diga que as memórias não seguem obrigatoriamente a ordem cronológica, ou seja, nem sempre são contadas na seqüência em que ocorreram.

O fio condutor deve ser o tema escolhido, por exemplo, as lembranças do entrevistado sobre o lugar onde vive. As referências a esse lugar, ao longo do texto, ajudam a manter a unidade.

Faça perguntas para ajudar a turma a colocar as idéias no texto. Lembre aos alunos que o tempo verbal mais comum desse gênero é o passado. O pretérito perfeito é usado para fatos que ocorreram

uma vez e não se repetiram. O pretérito imperfeito, para fatos que se repetem muitas vezes ou que não haviam terminado no tempo em que são narrados.

O texto deve falar de objetos e lugares antigos comparando-os com o que existe hoje. Deve também usar a pontuação para organizar a narrativa e expressar as emoções. Sentimentos, impressões e sensações não podem faltar e devem ser revelados ao longo das memórias.

Depois de escrito, é preciso escolher o título. Ajude os alunos a pensar em algo sugestivo. O título tem que dar pista do que será contado no texto.

Tudo pronto, releia com os alunos, pergunte-lhes se o texto está gostoso de ser lido. Se eles estão satisfeitos com a escrita, se é possível fazer alguma coisa para melhorá-la. Para o aprimoramento do texto, você pode usar o roteiro para revisão apresentado na Oficina 13, nas páginas 62 e 63.

No final do texto, os alunos devem incluir informações sobre o entrevistado: nome completo, idade, profissão e cidade em que mora.



ANEXO L

Oficina 12 – Agora é minha vez (CLARA, 2008, pp. 57-58)

OBJETIVO

- Escrever individualmente o texto final.

Atividades

Chegou a hora tão esperada! O produto desta oficina será o texto individual que, aprimorado, participará do concurso. Seu entusiasmo é importante para estimular a turma! Afinal, dali poderá sair um texto para concorrer na Olimpíada. As demais produções irão compor uma coletânea que circulará entre os colegas da escola e as famílias dos alunos.

Para a produção do texto individual, os alunos devem escolher uma das entrevistas, deixando de fora aquela que foi usada para o texto coletivo. Comece recuperando o que já foi trabalhado. Lembre ao seu aluno que ele deve:

- Retomar as informações dadas pelo entrevistado no depoimento.
- Selecionar as histórias e fatos mais interessantes e pitorescos.
- Preservar o jeito particular de a pessoa contar aquilo que viveu.
- Transmitir ao leitor as sensações e emoções que surgiram durante a entrevista e as narradas pelo entrevistado.
- Citar objetos e costumes de antigamente, fazendo comparações entre o passado e o presente.
- Usar palavras e expressões que marquem o tempo passado.
- Mostrar os sentimentos e sensações rememorados pelos entrevistados: as cores, os cheiros, os sabores e os movimentos.

A preparação e a revisão dos originais serão sempre feitas em sala de aula até a produção do texto final.



ANEXO M

Oficina 13 – Últimos retoques (CLARA, 2008, pp. 59-63)

OBJETIVO

- Fazer a revisão e o aprimoramento do texto.

Atividades

1ª etapa

A revisão do texto é muito importante. Mesmo autores consagrados revisam e reescrevem seus trabalhos inúmeras vezes. Antes da revisão, porém, deve-se fazer um exercício - vide quadro abaixo - que ajudará a tarefa de aperfeiçoamento do texto.

Vamos usar um exemplo de texto que, por suas falhas, não seria classificado no concurso, e indicaremos o que deveria ser melhorado.

Explique aos alunos que você vai transcrever na lousa um texto de memórias que não seria classificado para a Olimpíada. Desafie-os a pensar com você como melhorar esse texto. Que sugestões vocês dariam a quem o escreveu? O que fazer para que o trabalho fique mais interessante?

Divida a lousa ao meio. Na coluna da esquerda, copie o texto. A coluna da direita fica reservada para as sugestões dos alunos.

Usando os comentários como apoio, vá fazendo perguntas aos alunos, ajudando a turma a perceber os problemas.

Quando encontrarem a melhor forma para resolver as questões apontadas, reescreva o texto, incluindo as sugestões, na coluna da direita.

Estimule os alunos a pensar, trocar idéias e tirar conclusões. Organize a vez de cada um deles falar. Quando for preciso, esclareça dúvidas, aponte as questões que eles não identificam e as possíveis soluções.

No final, peça aos alunos que comparem as duas colunas e mostre a eles como um texto pode ganhar em qualidade depois de ser revisto.

Quadro 19: Exemplo para ajudar na tarefa de aperfeiçoamento da escrita do texto final

Comentários	Texto original	Sugestão de aprimoramento
O texto está em terceira. Mudar o texto para a primeira pessoa ajuda a dar um tom mais afetivo e emocionante ao texto.	Dona Dulce tem 74 anos. Nasceu e cresceu em Marilândia, numa época mais tranqüila. Ela me contou que desde que nasceu até hoje Marilândia mudou bastante.	Nasci e cresci em Marilândia, numa época bem mais tranqüila. Desde que nasci, há 74 anos, a cidade mudou bastante.
O autor poderia trazer suas impressões sobre o lugar descrevendo cores, cheiros, fazendo comparações entre o passado e o presente. Poderia buscar uma linguagem literária, que enredasse mais o leitor.	A cidade era simples e pequena, com poucas casas, quase todas feitas de taipa. As poucas ruas que existiam eram de terra, por onde passavam a boiada, charretes e apenas alguns poucos carros. A cidade tinha muita poeira e tudo era mais mato do que casas. A casa era ainda mais simples. O chão era terra pura, as camas eram cavaletes, o fogão era a lenha. Na prateleira dava para colocar poucas coisas como pratos que foram da minha avó e as panelas que minha mãe areava. Tinha meia dúzia de cadeiras velhas para as visitas.	A cidade era simples e pequena, com poucas casas, ainda de taipa. Pelas ruas de terra passavam boi, boiada, charretes e, bem diferente de hoje em dia, apenas alguns poucos carros. A cidade tinha cheiro de poeira e de mato. A casa onde eu morava era ainda mais simples: chão de terra vermelha, camas feitas de cavaletes, e o cheiro do fogão a lenha avisava o que estava no fogo. A prateleira, apesar de pequena, exibia os pratos herdados de vovó e panelas areadas, que serviam de espelho. Fora isso, meia dúzia de cadeiras com a madeira já gasta pelo tempo esperavam as visitas.
Iniciar o parágrafo com uma expressão como “Naquele tempo” ajuda a situar o leitor na época em que os fatos ocorreram.	Falou que brincava bastante de boneca, que era feita de sabugo de milho. Também costumava fazer bichinhos com legumes e jogar futebol ou queimada com bola de meia.	Naquele tempo, eu brincava bastante com as bonecas de sabugo de milho. Fazíamos bichinhos com legumes e jogávamos futebol e queimada com bola de meia.
Trazar impressões e sentimentos poderia ajudar a despertar as emoções do leitor.	Ela contou que quando estudava a escola era para poucos, e qualquer erro tinha castigos severos. Os alunos ficavam em cima do milho e eram punidos com a palmatória. Ela sentia muito medo da professora. Teve uma vez que um menino foi parar no hospital depois dos castigos que recebeu.	Quando eu estudava, a escola era difícil, para poucos. A qualquer deslize, era palmatória e joelhos no ilho, no canto da sala. Certa vez, um garoto foi parar no hospital depois que a professora exagerou no corretivo. Quando a professora se aproximava, minhas mãos tremiam e eu me transformava numa verdadeira estátua de gelo.
O texto precisa ser concluído, trazendo, por exemplo, o entrevistado ao tempo real.	Dona Dulce diz que muito tempo se passou e hoje ela vive com seus netos, lembrando o passado.	O tempo passou depressa e hoje vivo com meus netos as lembranças do passado.

Fonte: Clara (2008, pp. 60-61).

2ª etapa

Entregue as produções individuais para que cada aluno retome o exercício e faça a revisão do próprio texto. Para ajudar na tarefa, prepare um cartaz com o roteiro abaixo.

Roteiro para revisão

1. O título do texto é sugestivo? Instiga o leitor?
2. O narrador usa a primeira pessoa para contar as lembranças do entrevistado? O que pode ser feito para que o texto seja relatado em primeira pessoa?
3. O texto traz palavras e expressões que situam o leitor no tempo passado? Há outros trechos em que é possível acrescentá-las?
4. O autor descreve objetos antigos, lugares que se modificaram ou já não existem?
5. O texto estabelece relações entre a narrativa do entrevistado e o lugar onde vive? O que pode ser feito para reforçar essa ligação?
6. O autor expressa em seu texto sensações, emoções e sentimentos do entrevistado? É possível encontrar no depoimento outras impressões que possam ser inseridas no texto?
7. Há no texto trechos com marcas da linguagem oral ("né", "daí" etc.) que devem ser transformadas em discurso escrito?
8. Os verbos no pretérito perfeito e imperfeito são usados da maneira certa?
9. O texto consegue envolver o leitor? Ele desperta o interesse e prende a atenção?
10. Há alguma palavra que não está escrita corretamente? E a pontuação está adequada?

Os alunos podem usar lápis ou caneta de cor diferente para destacar mudanças. Eles podem marcar a reorganização ou o acréscimo de idéias, a correção de palavras, as mudanças na pontuação.

Ao final do exercício (pode ser na aula seguinte), os alunos passarão o texto a limpo. Seleccionem algumas memórias - entre as escritas por sua turma - e as enviem para a Comissão Julgadora Escolar. Pronto, o trabalho está feito! Agora, é só esperar pelo resultado!

Organização da coletânea

No início deste volume, sugerimos que os textos dos alunos sejam reunidos num livro de memórias. Se você gostou da sugestão, organize os textos e monte uma coletânea com as histórias escritas.

Pronto o livro, é hora de valorizar essa conquista. Prepare uma cerimônia especial para o lançamento. Convide os pais e os entrevistados.

Faça a leitura de alguns textos.

Como a coletânea traz memórias da cidade, você pode levar uma cópia do livro à biblioteca municipal. E, claro, reservar um exemplar para a biblioteca da escola. Outra idéia é enviar algumas histórias para o jornal do bairro, da igreja ou de outra instituição.



ANEXO N

Cr terios de Avalia o (CLARA, 2008, pp. 64-65)

Quadro 20: Cr terios de Avalia o dos Relatos de Mem rias, sugeridos pela organiza o do Concurso

Categoria II – Gênero Memórias (7 ^a e 8 ^a séries do Ensino Fundamental ou 8 ^o e 9 ^o anos do Ensino Fundamental de Nove anos)		
Dez pontos (no máximo) deverão ser atribuídos aos trabalhos de acordo com cr�terios descritos abaixo.		
Os 7 pontos atribuídos aos aspectos próprios do gênero estão divididos em:		
Pertinência ao tema proposto	1,0	- O texto deve abordar o tema “O lugar onde vivo”, trazendo as memórias de um antigo morador que recupera a história do lugar.
Presença de elementos do gênero “memórias”	3,0	- Há compara�es entre o presente e o passado. - Há palavras e expressões que indicam uma época, situando o leitor no tempo passado. - Usa adequadamente os verbos no pretérito perfeito e imperfeito. - Refere-se a objetos, lugares e modos de vida que já não existem ou se transformaram. - Evidencia sentimentos, emo�es e impressões sobre os acontecimentos, fatos, etc. que estão sendo evocados. - Descreve, quando necessário, lugares, pessoas, etc. - Explica, quando necessário, o que querem dizer certas expressões antigas ou o significado de certas palavras em desuso.
Evidências de realiza�o de entrevistas	2,0	- O texto deixa transparecer que o autor fez entrevistas para produzi-lo, recuperando lembranças de outros tempos relacionadas ao lugar onde vive.
Originalidade	1,0	- O autor usou recursos que tornam o texto interessante, literário e enredam o leitor. - O texto tem um título sugestivo.
Os 3 pontos atribuídos aos aspectos mais gerais do texto estão divididos em:		
Aspectos gerais de gramática e ortografia	3,0	- Evita marcas de oralidade. - Concordância verbal. - Concordância nominal. - Pontua�o. - Uso de maiúscula. - Uso de parágrafo. - Corre�o ortográfica. - Texto legível.

Fonte: Clara (2008, p. 62).